

Project Gutenberg's Lendas e Narrativas (Tomo I), by Alexandre Herculano

Copyright laws are changing all over the world. Be sure to check the copyright laws for your country before downloading or redistributing this or any other Project Gutenberg eBook.

This header should be the first thing seen when viewing this Project Gutenberg file. Please do not remove it. Do not change or edit the header without written permission.

Please read the "legal small print," and other information about the eBook and Project Gutenberg at the bottom of this file. Included is important information about your specific rights and restrictions in how the file may be used. You can also find out about how to make a donation to Project Gutenberg, and how to get involved.

**\*\*Welcome To The World of Free Plain Vanilla Electronic Texts\*\***

**\*\*eBooks Readable By Both Humans and By Computers, Since 1971\*\***

**\*\*\*\*\*These eBooks Were Prepared By Thousands of Volunteers!\*\*\*\*\***

Title: Lendas e Narrativas (Tomo I)

Author: Alexandre Herculano

Release Date: January, 2006 [EBook #9654]  
[Yes, we are more than one year ahead of schedule]  
[This file was first posted on October 13, 2003]

Edition: 10

Language: Portugese

Character set encoding: ASCII

**\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LENDAS E NARRATIVAS (TOMO I) \*\*\***

Produced by Joao Miguel Neves and PG Distributed Proofreaders  
from images and OCR'd files of the National Digital Library  
project from the National Library of Portugal.

This e-text is transcribed from the 1858 2nd edition of Lendas e Narrativas (Tomo I).

## LENDAS E NARRATIVAS (Tomo I)

### ADVERTENCIA

A Advertencia que precedia a anterior edicao, e que adiante vae repetida, explica sobejamente porque as primeiras tentativas de um genero de escriptos, que so muito tarde foi cultivado em Portugal, se publicaram em volumes, quando talvez nao devessem sair das columnas dos jornaes, onde viram a luz publica. Consideramo-los entao, e consideramo-los agora apenas como balisas no campo da nossa historia litteraria, balisas que nos parecem ainda mais toscas actualmente; porque ao passo que a reflexao e o tempo nos amaduram o espirito, os defeitos de composicao e de estylo cada vez se vao avolumando mais aos olhos da nossa consciencia retrospectiva. Reputando-os, todavia, hoje como ha oito annos, simples marcos milliaros, a presente edicao absolve-se pelos mesmos titulos porque devia ser absolvida a edicao anterior.

Esperavamos, e dissemo-lo sinceramente, que estas desadornadas tentativas esqueceriam em breve offuscadas pelas brilhantes composicoes que comecavam a avultar no caminho que haviamos aberto. O publico enleodeu de outro modo. Sem deixar de apreciar o melhor, nao esqueceu estes mal delineados esbocos, que ficaram na sua memoria como nos ficam para a saudade os dias do nosso balbuciar infantil.

Quinze a vinte annos sao decorridos desde que se deu um passo, bem que debil, decisivo, para quebrar as tradicoes do Alivio de Tristo e do Feliz Independente, tyrannos que reinavam sem emulos e sem conspiracoes na provincia do romance portugues. Nestes quinze ou vinte annos creou-se uma litteratura e pode dizer-se que nao ha anno que nao lhe traga um progresso. Desde as Lendas e Narrativas ate o livro Onde esta a Felicidade? que vasto espaco transposto! E todavia, apesar do immenso talento que se revela nas mais recentes composicoes, quem sabe se entre os nomes que despontam apenas nos horisontes litterarios, nao vira em breve algum que offusque os que nos deixaram para nos somente um bem modesto logar?

Oxala que assim seja. Os que nos venceram n'esta lucta gloriosa saberao resignar-se como nos nos resignamos.

Ajuda, maio de 1858.

### ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDICAO

Os breves romances e narrativas contidos neste volume foram impressos, em epochas mais ou menos remotas, nas duas publicacoes periodicas o Panorama e a Illustracao, bem como o foram nestes ou em outros jornaes os que tem de formar o segundo volume das Lendas e Narrativas, colleccao que, se trabalhos mais arduos o consentirem, sera continuada com alguns outros, apenas esbocados ou ineditos no todo ou em parte, que ainda restam entre os manuscritos do auctor. Corrigindo-os e publicando-os de novo, para se ajunctarem a composicoes mais extensas e menos imperfeitas, que ja viram a luz publica em volumes separados, elle quiz apenas preservar do esquecimento, a que por via de regra sao condemnados mais cedo ou mais tarde os escriptos inseridos nas columnas das publicacoes periodicas, as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portuguesa. Monumentos dos esforcos do auctor para introduzir na litteratura nacional um genero amplamente cultivado, nestes nossos tempos, em todos os paizes da Europa, e este o principal, ou talvez o unico merecimento delles; o titulo de que podem valer-se para nao serem entregues de todo ao esquecimento. A singeleza da invencao, a pouca firmeza nos contornos de alguns caracteres, o menos bem travado do dialogo, imperfeicoes que nem sempre foi possivel remediar nesta nova edicao, revelam a mao inexperiente. Na historia dos progressos litterarios de Portugal, desde que a liberdade politica trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho pode apparecer a luz do dia sem os anginhos de uma censura tao absurda na sua indole, como estúpida na sua applicacao e esterilizada nos seus effeitos; nessa historia, dizemos, esta nova edicao deve ser julgada principalmente com attencao ao seu motivo, a prioridade das composicoes nella insertas, e a precisao em que, ao escreve-las, o auctor se via de crear a substancia e a forma; porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domesticos.

A critica para ser justa nao ha-de, porem, attender so a essas circumstancias: ha-de considerar tambem os resultados destas tentativas, que, a principio, e licito suppor inspiraram outras analogas, como por exemplo os "Irmaos Carvajales" e "O que foram Portuguezes" do Sr. Mendes Leal, e gradualmente incitaram a maioria dos grandes talentos da nossa litteratura a emprehenderem composicoes analogas de mais largas dimensoes, e melhor delineadas e vestidas. Todos conhecem o "Arco de Sanct'Anna", cujo ultimo volume acaba de imprimir o primeiro poeta portugues deste seculo, o "Um ano na Corte" do Sr. Corvo, cuja publicacao se aproxima do seu termo, e o "Odio Velho Nao Cansa" do Sr. Rebello da Silva, ensaio que, se as eloquencias parvoas e semsabores dos discursos academicos nao tivessem tornado indecentes as allusoes mythologicas, se poderia comparar ao combate com o leao de Citheron, que revelou a Grecia no moco Hercules o futuro semideus; porque no Odio Velho comeca a manifestar-se o auctor da "Mocidade de D. Joao V", romance de que ja se imprimiram algumas paginas admiraveis, mas que na parte inedita, que e quasi tudo, nos promete um emulo de Walter-Scott. Emfim o "Conde de Castella" do Sr. Oliveira Marreca, vasta concepcao,

posto que ainda incompleta, foi porventura inspirado pelo exemplo destas fracas tentativas, e das que, em dimensoes maiores, o auctor empreheudeu no Eurico e no Monge de Cister. Character grave e austero, dignos dos tempos antigos, e que a providencia collocou em meio de uma sociedade gasta e definhada por muitos generos de corrupcoes, como uma condemnacao muda; homem sobre tudo de sciencia e consciencia, o Sr. Marreca trouxe estes seus dotes eminentes para o campo do romance historico, onde ninguem, talvez, como elle poderia fazer a Portugal o servico que DuMonteil fez a Franca, isto e, popularisar o estudo daquela parte da vida publica e privada dos seculos semi-barbaros, que nao cabe no quadro da historia social e politica.

Taes foram, entre outros, os mais importantes resultados da introduccao do genero. No meio deste amplo desenvolvimento de uma litteratura nova no paiz, o auctor das seguintes paginas merecera talvez desculpa de recordar que estes ensaios, inferiores as publicacoes que se lhe seguiram, foram a sementinha d'onde proveio a floresta. Seja-lhe pois licito consolar-se na sua inferioridade com haver precedido na ordem dos tempos aquelles que, na affeicao do publico, devem provavelmente faze-lo esquecer. Persuadido de ter por isso direito a indulgencia, resolveu-se a transportar para o livro aquillo que, considerado em si, nao mereceria talvez sair nunca das columnas do fugitivo jornal, salvando assim, nao escriptos cuja apreciacao exija largas paginas na historia litteraria, mas um marco humilde e tosco, que, nesta especie de litteratura, indique o ponto d'onde se partiu.

#### O ALCAIDE DE SANTAREM (950--961)

I

O guadamellato e uma ribeira que, descendo das solidoes mais agras da Serra Morena, vem atraves de um territorio montanhoso e selvatico desaguar no Guadalquivir pela margem direita, pouco acima de Cordova. Houve tempo em que nestes desvios habitou uma populacao numerosa: foi nas eras do dominio sarraceno em Hespanha. Desde o governo do amir Abul-Khatar o districto de Cordova fora distribuido as tribus arabes do Yemen e da Syria, as mais nobres e mais numerosas entre todas as racas da Africa e da Asia, que tinham vindo residir na Peninsula por occasiao da conquista ou depois della. As familias que se estabeleceram naquellas encoslas meridionaes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores. Assim no meiado decimo seculo, posto que esse

districto fosse assas povoado, o seu aspecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aquelles cabecos e valles vestigios alguns de cultura, nem alvejava um unico edificio no meio das collinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes, ou cubertas de selvas bravias e escuras. Apenas um ou outro dia se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte nao se encontraria alli, se porventura se buscasse.

Havia, comtudo, povoacoes fixas naquelles ermos; havia habitacoes humanas, porem nao de vivos. Os arabes collocavam os cemiterios nos logares mais saudosos dessas solidoes, nos pendores meridionaes dos outeiros, onde o sol, ao por-se, estirasse de soslaio os seus ultimos raios pelas lagens lisas das campas, por entre os raminhos floridos das sarcas acoutadas do vento. Era alli que, depois do vaguear incessante de muitos annos, elles vinham deitar-se mansamente uns ao pe dos outros, para dormirem o longo somno sacudido sobre as suas palpebras das asas do anjo Azrael.

A raca arabe, inquieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra familia humana, gostava de espalhar na terra aquelles padroes, mais ou menos sumptuosos, do captiveiro e immobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independencia illimitada durante a vida.

No recosto de um teso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava assentado um desses cemiterios pertencente a tribu Yemenita dos Beni-Homair. Subindo pelo riu, viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas como um vasto estendal, e tres unicas palmeiras, plantadas na coroa do outeiro, lhe tinham feito dar o nome de cemiterio de al-tamarah. Transpondo o cabeco para o lado oriental, encontrava-se um desses brincos da natureza, que nem sempre a sciencia sabe explicar: era um cubo de granito de desconforme dimensao, que parecia ter sido posto alli pelos esforcos de centenaes d'homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta especie de atalaia natural descortinavam-se para todos os lados vastos horisontes.

Era um dia a tarde: o sol descia rapidamente, e ja as sombras principiavam do lado de leste a empastar a paisagem ao longe em negrumes confusos. Assentado na borda do rochedo quadrangular um arabe dos Beni-Homair, armado da sua comprida lanca, volvia olhos attentos, ora para o lado do norte, ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um signal negativo, inclinando-se para o lado opposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam alli tambem assentados em diversas posturas e em silencio, o qual so era interrompido por algumas palavras rapidas, dirigidas ao da lanca, e a que elle respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

"Al-barr,"--disse por fim um dos sarracenos cujo traje e gestos indicavam uma grande superioridade sobre os outros--"parece que o kaid de Chantoryu[1] esqueceu a sua injuria como o wali de

Zarkosta[2] a sua ambicao d'independencia; e ate os partidarios de Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pae, nao podem acreditar que Abdallah realice as promessas que me induziste a fazer-lhes."

"Amir-al-melek[3], "--replicou Al-barr--"ainda nao e tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto. Nao creias que a ambicao e a vinganca adormecam tao facilmente no coracao humano. Dize, Al-athar, nao te juraram elles pela sancta Kaaba[4] que os enviados com a noticia da sua revolta e da entrada dos christaos chegariam hoje a este logar aprazado, antes do anoitocer?"

"Juraram--respondeu Al-athar--; mas que fe merecem homens que nao duvidam de quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa, e alem d'isso de abrir o caminho aos infieis para derramarem o sangue dos crentes? Amir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxala que falhassem as esperancas que poes nos tens occultos alliados. Oxala nao tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba, e nao houvera de ser o suppedaneo do throno que ambicionas o tumulo de teu irmao!"

Al-athar cobriu a cara com as maos, como se quizesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia commovido por duas paixoes oppostas. Depois de se conservar algum tempo em silencio, exclamou:

"Se os mensageiros dos revoltosos nao chegarem ate o anoitecer, nao falemos mais n'isso. Meu irmao Al-hakem acaba de ser reconhecido successor do kalifado: eu proprio o acceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter comvosco. Se o destino assim o quer, faca-se a vontade de Deus! Al-barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassideh[5] que nao soubeste acabar, como aquella que debalde tentaste repetir na presenca dos embaixadores do Frandjat[6], e que foi causa de cahires no desagrado de meu pae e de Al-hakem, e de conceberes esse odio que alimentas contra elles, o mais terrivel odio deste mundo, o do amor proprio offendido."

Ahmed Al-athar e o outro arabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. Os olhos, porem, de Al-barr faiscaram de colera.

"Pagas mal, Abdallah,--disse elle com a voz presa garganta--os riscos que tenho corrido para te obter a heranca do mais bello e poderoso imperio do Islam. Pagas com allusoes affrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te por na tua uma coroa. Es filho de teu pae! ... Nao importa. So te direi que e ja tarde para o arrependimento. Pensas acaso que uma conspiracao sabida de tantos ficara occulta? No ponto a que chegaste, retrocedendo e que has-de encontrar o abysmo!"

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ia a falar, talvez para ver de novo se divertia o principe

da arriscada empresa de disputar a coroa a seu irmao Al-hakem. Um grito, porem, de atalaia o interrompeu. Ligeiro como relampago um vulto saira do cemiterio, galgara o cabeco, e se aproximara sem ser sentido: vinha involto n'um albornoz escuro, cujo capuz quasi lhe encobria as feicoes, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revolta. Os quatro sarracenos puseram-se em pe de um pulo, e arrancaram as espadas.

Ao ver aquelle movimento, o que chegara nao fez mais do que estender para elles a mao direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: entao as espadas abaixaram-se como se uma corrente electrica tivesse adormecido os bracos dos quairo sarracenos. Al-barr exclamara:--"Muulin[7] o propheta! Muulin o sancto!..."

"Muulin o peccador:--interrompeu o novo personagem--Muulin, o pobre fakih[8] penitente e quasi cego de chorar as proprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus por isso illumina as vezes os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos coracoes. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambicao! Sereis satisfeitos! O senhor pesou na balanca dos destinos a ti, Abdallah, e a teu irmao Al-hakem. Elle foi achado mais leve. A ti o throno; a elle o sepulchro. Esta escripto. Vae; nao pares na carreira, que nao te e dado parar! Volta a Kortheba. Entra no teu palacio Merwan; e o palacio dos kalifas da tua dynastia. Nao foi sem mysterio que teu pae t'o deu por morada. Sobe ao sotam[9] da torre. Ahi acharas cartas do kaid de Chantarya, e dellas veras que nem elle, nem o wali de Zarkosta, nem os Beni-Hafsun faltam ao que te juraram!"

"Sancto fakih--replicou Abdallah, credulo como todos os musulmanos daquelles tempos de fe viva, e visivelmente perturbado--creio o que dizes, porque nada para ti e occulto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua intelligencia sublime. Asseguras-me o triumpho; mas o perdao do crime podes tu assegura-lo?"

"Verme, que te cres livre!--atalhou com voz solemne o fakih.--Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, nao sao mais do que frageis instrumentos nas maos do destino, e que te cres auctor de um crime! Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ella acaso a Deus perdao do seu peccado? Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vaes aniquilar, pergunta antes se nos thesouros do Misericordioso ha perdao para o orgulho insensato!"

Fez entao uma pausa. A noite descia rapida. Ao lusco-fusco ainda se viu sair da manga do albornoz um braco felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova. Nesta postura a figura do fakih fascinava. Coando pelos labios as syllabas, elle repeliu tres vezes:

"Para Merwan!"

Abdallah abaixou a cabeça, e partiu vagarosamente, sem olhar

para traz. Os outros sarracenos seguiram-no. El-Muulin ficou so.

Mas quem era este homem? Todos o conheciam em Cordova; se vivesseis, porem, naquella epocha e o perguntasseis nessa cidade de mais de um milhao de habitantes, ninguem vo-lo saberia dizer. Era um mysterio a sua patria, a sua raca, donde viera. Passava a vida pelos cemiterios ou nas mesquitas. Para elle o ardor da canicula, a neve ou as chuvas do inverno eram como se nao existissem. Raras vezes se via que nao fosse lavado em lagrymas. Fugia das mulheres como de um objecto de horror. O que, porem, o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de prophecia, o qual ninguem lhe disputava. Mas era um propheta terrivel, porque as suas prediccoes recahiam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do imperio os christaos faziam alguma correria, ou destruiam alguma povoacao, elle annunciava publicamente o successo nas pracas de Cordova: qualquer membro da familia numerosa dos Beni-Umeyyas cahia debaixo do punhal de um assassino desconhecido, na mais remota provincia do imperio, ainda das do Moghreb ou Mauritania, na mesma hora, no mesmo instante as vezes, elle o pranteava redobrando os seus choros habituaes. O terror que inspirava era tal, que no meio do maior tumulto popular a sua presenca bastava para tudo cair em mortal silencio. A imaginacao exaltada do povo tinha feito delle um sancto, sancto como o islamismo os concebia; isto e, um homem cujas palavras e aspecto gelavam de terror.

Ao passar por elle, Al-barr apertou-lhe a mao, dizendo-lhe em voz quasi imperceptivel:

"Salvaste-me!"

O fakih deixou-o affastar, e fazendo um gesto de profundo despreso, murmurou:

"Eu?! Eu teu cumplice, miseravel?!"

Depois, alevantando ambas as maos abertas para o ar, comecou a agitar os dedos rapidamente, e rindo com um rir sem vontade, exclamou:

"Pobres titeres!"

Quando se fartou de representar com os dedos a idea de escarneo que lhe sorria la dentro, dirigiu-se, ao longo do cemiterio, tambem para as bandas de Cordova, mas por diverso atalho.

[1] Santarem.

[2] Governador do Districto de Saragoca.

[3] Principe real.

[4] O famoso templo de Mekka.

[5] Poema de trinta versos, muito usado entre os arabes, e que correspondia de certo muito as nossas odes.

[6] Os reinos christaos alem dos Pyreneus.

[7] Muulin significa o triste.

[8] Fakih ou faquir, especie de frade mendicante entre os musulmanos.

[9] Sotuko--o andar mais alto. Os nossos escriptores tomavam esta palavra n'um sentido evidentemente errado, servindo-se della para indicar o aposento inferior ou terreo.

## II

Nos pacos de Azzahrat, o magnifico alcacar dos kalifas de Cordova, ha muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena d'abril bate pelos jardins que se dilatam desde o alcacar ate o Guad-al-kebir, e alveja tremulo pelas fitas cinzentas dos caminbos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os macissos de arvores silvestres, as veigas de flores, os vergeis embalsamados, onde a lorangeira, o limoeiro, e as demais arvores fructiferas, trazidas da Persia, da Syria e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. La ao longe Cordova, a capital da Hespanha mussulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abdu-r-rahman III, o illustre kalifa, vela pela seguranca do imperio. A vasta cidade repousa profundamente; e o ruido mal distincto que parece revoar por cima della, e apenas o respiro lento dos seus largos pulmoes, o bater regular das suas robustas arterias. Das almadenas de seiscentas mesquitas nao soa uma unica voz de almuhaden, e os sinos das igrejas mosarabes guardam tambem silencio. As ruas, as pracas, os azokes, ou mercados, estao desertos. Somente o murmurio das novecentas fontes ou banhos publicos, destinados as ablucoes dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fora essa que expirara algumas horas antes de nascer a lua, e de tingir com a brancura pallida de sua luz aquelles dois vultos enormes de Azzahrat e de Cordova, que olhavam um para o outro, a cinco milhas de distancia, como dois phantasmas gigantes involtos em largos sudarios? Na manhan do dia que findara, Al-hakem, o filho mais velho de Abdu-r-rahman, fora associado ao throno. Os walis, wasires e khatehs da monarchia dos Beni-Umeyyas tinham vindo reconhece-lo Wali-al-ahdi; isto e, futuro kalifa do Andalus e do Moghreb. Era uma idea affagada longamente pelo velho principe dos crentes que se realisara, e o jubilo de Abdu-r-rahman se havia espreado n'uma dessas festas, por assim

dizer fabulosas, que só sabia dar no século decimo a corte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno de Hespanha.

O palacio Merwan, juncto dos muros de Cordova, distingue-se a claridade duvidosa da noite pelas suas formas macissas e rectangulares, e a sua cor tiszada, bafo dos séculos que entristece e sanctifica os monumentos, contrasta com a das cupulas aereas e douradas dos edificios, com a das almadenas esguias e leves das mesquitas, e com a dos campanarios christaos, cuja tez docemente pallida suavisa ainda mais o brando raio de luar que se quebra naquelles estreitos pannos de pedra branca, d'onde não se reflecte, mas cabe na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Cordova, calado e aparentemente tranquillo, o palacio Merwan, a antiga morada dos primeiros kalifas, suscita ideas sinistras, emquanto o aspecto da cidade e da villa imperial unicamente inspiram um sentimento de quietacao e paz. Não é só a negridao das suas vastas muralhas a que produz essa abertura do coração que experimenta quem o considera assim solitario e carrancudo; e tambem o clario avermelhado que resumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarran, a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquella luz, no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, e como um olho de demonio, que contempla colerico a paz profunda do imperio, e que espera ancioso o dia em que renascam as luctas e as devastacoes de que por mais de dois séculos fora theatro o solo ensanguentado de Hespanha.

Alguem vela, talvez, no paco de Merwan. No de Azzahrat, posto que nenhuma luz bruxulee nos centenares de varandas, de miradouros, de porticos, de balcoes, que lhe arrendam o immenso circuito, alguem vela por certo.

A sala denominada do Kalifa, a mais espacosa entre tantos aposentos quantos encerra aquelle rei dos edificios, devera a estas horas mortas estar deserta, e não o esta. Dois lampadarios de muitos lumes pendem dos artesoes primorosamente lavrados, que, cruzando-se em angulos rectos, servem de moldura ao almofadado de azul e ouro, que reveste as paredes e o tecto. A agua de fonte perenne murmura cahindo n'um tanque de marmore construido no centro do aposento, e no topo da sala ergue-se o throno de Abdu-r-rahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do paiz de Fars. Abdu-r-rahman esta ahi sosinho. O kalifa passeia de um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante para e escuta, como se esperasse ouvir um ruido longinquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva anciedade; porque o unico ruido que lhe fere os ouvidos e o dos proprios passos sobre o xadrez variegado, que forma o pavimento da immensa quadra. Passado algum tempo, uma porta, escondida entre os brocados que forram os lados do throno, abre-se lentamente, e um novo personagem apparece. No rosto de Abdu-r-rahman, que o ve aproximar, pinta-se uma inquietacao ainda mais viva.

O recém-chegado oferecia notável contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do lugar em que se introduzia, e com o aspecto magestoso de Abdu-r-rahman, ainda bello apesar dos annos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrara apenas faziam um rumor sumido no chão de mármore. Vinha descalço. A sua aljarabia ou túnica era de lã grosseiramente tecida, o cinto uma corda de esparto. Divisava-se-lhe, porém, no despejo do andar e na firmeza dos movimentos que nenhum espanto produzia nelle aquella magnificencia. Não era velho; e todavia a sua tez tostada pelas injurias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando ao pé do kalifa, que ficara immovel, cruzou os braços e poz-se a contempla-lo calado. Abdu-r-rahman foi o primeiro em romper o silencio:

"Tardaste muito, e foste menos pontual do que costumás, quando annuncias a tua vinda a hora fixa, Al-muulin! Uma visita tua e sempre triste como o teu nome. Nunca entraste a occultas em Azzahrat senão para me saciares de amargura; mas apesar disso eu não deixarei de abençoar a tua presença, porque Algafir--dizem-no todos e eu o creio--é um homem de Deus. Que vens annunciar-me, ou que pretendes de mim?"

"Amir-al-muminin[1], que pode pretender de ti um homem cujos dias se passam a sombra dos tumulos pelos cemiterios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o portico de um templo; cujos olhos tem queimado o choro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro, a dor e o goso, a morte e a vida, está escripto lá em cima? Que venho annunciar-te?!... O mal; porque só mal ha na terra para o homem, que vive como tu, como eu, como todos, entre o appetite e o rancor; entre o mundo e Eblis; isto é, entre os seus eternos e implacaveis inimigos!"

"Vens, pois, annunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta annos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambicoes tem sido satisfeitas, todos os meus desejos preenchidos; e todavia nesta longa carreira de gloria e prosperidade só fui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida[2]. Pensava que este fosse o decimo quinto. Devo acaso apaga-lo do registo em que conservo a memoria delles, e em que já o tinha escripto?"

"Podes apaga-lo:--replicou o rude fakih--podes, até, rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Kalifa! ves estas faces sulcadas pelas lagrymas? ves estas palpebras requeimadas por ellas? Duro é o teu coração, mais que o meu, se em breve as tuas palpebras e as tuas faces não estão semelhantes as minhas."

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pallido de Abdu-r-rahman: os seus olhos serenos como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrivel expressão que elle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que só por si fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e poz-se a olhar também para elle fito.

"Al-muulin, o herdeiro dos Beni-Umeyyas pode chorar arrependido de seus erros diante de Deus; mas quem disser que ha neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lagryma, diz-lhe elle que mentiu!"

Os cantos da boca de Al-gafir encresparam-se com um quasi imperceptivel sorriso. Houve um largo espaco de silencio. Abdu-r-rahman nao o interrompeu: o fakih proseguiu:

"Amir-al-muminin, qual de teus dous filhos amas tu mais? Al-hakem, o successor do throno, o bom e generoso Al-hakem, ou Abdallah, o sabio e guerreiro Abdallah, o idolo do povo de Korthoba?"

"Oh,--replicou o kalifa sorrindo--ja sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde, e que eu havia de sabe-lo... Os christaos passaram a um tempo as fronteiras do norte e do oriente. Meu velho tio Al-mod-dhafer ja depoz a espada victoriosa, e cres necessario expor a vida de um delles aos golpes dos infieis. Vens prophetisar-me a morte do que partir. Nao e isto? Fakih, creio em ti, que es acceito ao Senhor; mas ainda creio mais na estrella dos Beni-Umeyyas. Se eu amasse um mais do que outro nao hesitaria na escolha: fora esse que eu mandara, nao a morte, mas ao triumpho. Se, porem, essas sao as tuas previsoes, e ellas tem de realizar-se, Deus e grande! Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha em al-djihed[3] contra os infieis?"

Al-gafir escutou Abdu-r-rahman sem o menor signal d'impaciencia. Quando elle acabou de falar repetiu tranquillamente a pergunta:

"Kalifa, qual amas tu mais dos teus dous filhos?"

"Quando a imagem pura e sancta do meu bom Al-hakem se me representa no espirito, amo mais Al-hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e intelligente do meu Abdallah, amo-o mais a elle. Como te posso eu, pois, responder, fakih?"

"E todavia e necessario que escolhas, hoje mesmo, neste momento, entre um e outro. Um delles deve morrer na proxima noite, obscuramente, nestes pacos, aqui mesmo talvez, sem gloria, debaixo do cutello do algoz, ou do punhal do assassino."

Abdu-r-rahman recuara ao ouvir estas palavras: o suor comecou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmeza fingida, sentira apertar-se-lhe o coracao desde que o fakih comecara a falar. A reputacao d'illuminado de que gosava Al-muulin, o character supersticioso do kalifa, e mais que tudo o haverem-se verificado todas as negras prophecias que n'um longo decurso de annos elle lhe fizera, tudo contribuia para atterrar o principe dos crentes. Com voz tremula replicou:

"Deus e grande e justo. Que lhe fiz eu para me condemnar no fim da vida a perpetua affliccao, a ver correr o sangue de meus filhos queridos as maos da deshonra ou da perfidia?"

"Deus e grande e justo,--interrompeu o fakih.--Acaso nunca fizeste correr injustamente o sangue? Nunca por odio brutal despedacaste de dor nenhum coracao de pae, de irmao, de amigo?"

Al-muulin tinha carregado na palavra irmao com um accento singular. Abdu-r-rahman, possuido de mal refreiado susto, nao attentou por isso.

"Posso eu acreditar uma tao estranha, direi antes tao incrivel prophesia--exclamou elle por fim--sem que me expliques o modo por que se deve realisar esse terrivel successo; e como ha-de o ferro do assassino ou do algoz vir dentro dos muros de Azzahrat verter o sangue de um dos filhos do kalifa de Korthoba, cujo nome, seja-me licito dize-lo, e o terror dos christaos, e a gloria do islamismo?"

Al-muulin tomou um ar imperioso e solemne, estendeu a mao para o throno, e disse:

"Assenta-te, kalifa, no teu throno, e escuta-me, porque em nome da futura sorte do Andalus, da paz e da prosperidade do imperio, e das vidas e do repouso dos mussulmanos eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Successor do propheta, iman[4] da divina religiao do Koran, escuta-me, porque e obrigacao tua ouvir-me."

O tom inspirado com que Al-muulin falava, a hora de alta noite, o negro mysterio que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abdu-r-rahman. Machinalmente subiu ao throno, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que elle rematava, e encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa:--"Podes falar, Suleyman-ibn-Abd-al-gafir!"

Tomando entao uma postura humilde, e cruzando os bracos sobre o peito, Al-gafir o triste comecou da seguinte maneira a sua narrativa.

[1] Principe dos crentes, titulo correspondente ao de kalifa.

[2] Historico

[3] Guerra-sancta

[4] Pontifice. Os kalifas reuniam em si o summo imperio, e o summo pontificado.

"Kalifa!--comecou Al-muulin--tu es grande; tu es poderoso. Nao sabes o que e a affronta ou a injustica cruel que esmaga o coracao nobre e energico, se este nao pode repelli-la, e sem demora, com o mal ou com a affronta, vinga-la a luz do sol! Tu nao sabes o que entao se passa na alma desse homem, que por todo o desaggravo deixa fugir alguma lagryma furtiva, e ate, as vezes, e obrigado a beijar a mao que o feriu nos seus mais sanctos affectos. Nao sabes o que isto e; porque todos os teus inimigos tem cahido diante do alfange do almogaure, ou deixado tombar a cabeça de cima do cepo do algoz. Ignoras por isso o que e o odio; o que sao essas solidoes tenebrosas, por onde o resentimento, que nao pode vir ao gesto, se dilata e vive a espera do dia da vinganca. Dir-to-hei eu. Nessa noite immensa, em que se envolve o coracao chagado, ha uma luz sanguinolenta que vem do inferno, e que allumia o espirito vagabundo. Ha ahi terriveis sonhos, em que o mais rude e ignorante descobre sempre um meio de desaggravo. Imagina como sera facil aos altos entendimentos o encontra-lo! E por isso que a vinganca, que parecia morta e esquecida, apparece as vezes inesperada, tremenda, irresistivel, e morde-nos surgindo debaixo dos pes como a vibora, ou despedaca-nos como o leao pulando d'entre os juncaes. Que lhe importa a ella a magestade do throno, a sanctidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distancias, calculou as difficuldades, meditou no silencio, e riu-se de tudo isso!"

E Al-gafir o triste desatou a rir ferozmente, Abdu-r-rahman olhava para elle espantado.

"Mas--proseguiu o fakih--as vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de animo tenaz e forte, possuido tambem de alguma idea occulta e profunda, que se alevante, e rompa a trama urdida nas trevas. Este homem no caso presente sou eu. Para bem? Para mal?--Nao sei; mas sou! Sou eu que, venho revelar-te como se prepara a ruina do teu throno, e a destruicao da tua dynastia."

"A ruina do meu throno?--gritou Abdur-r-rahman pondo-se em pe e levando a mao ao punho da espada.--Quem, a nao ser algum louco, imagina que o throno dos Beni-Umeyyas pode, nao digo desconjunctar-se, mas apenas vacilar debaixo dos pes de Abdu-r-rahman? Quando, porem, falaras enfim claro, Al-muulin?"

E a colera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih proseguiu:

"Esqueces-te, kalifa, da tua reputacao de prudencia e longanimidade. Pelo propheta! Deixa divagar um velho tonto como eu ... Nao!... Tens razao ... Basta! O raio que fulmina o cedro desce rapido do ceu. Quero ser como elle ... Amanhan a estas horas o teu filho Abdallah ter-te-ha ja privado da coroa para a cingir na propria frente, e o teu successor Al-hakem tera perecido sob um punhal

d'assassino. Ainda te encolerizas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?"

"Infame!--exclamou Abdu-r-rahman--Hypocrita, que me tens enganado! Tu ousas calumniar o meu Abdallah? Sangue! Sangue ha-de correr, mas e o teu. Crias que com essas visagens d'inspirado, com esses trajos de penitencia, com essa linguagem dos sanctos poderias quebrar a afeicao mais pura, a de um pae? Enganas-te, Al-gafir! A minha reputacao de prudente, veras que era bem merecida."

Dizendo isto o kalifa ergueu as maos como quem ia a bater as palmas. Al-muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indicio de perturbacao ou terror.

"Nao chames ainda os eunuchos; porque assim e que das provas de que nao a merecias. Conheces que me seria impossivel fugir. Para matar ou morrer sempre e tempo. Escuta, pois, o infame, o hypocrita ate o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que elle e incapaz de mentir a seu amado pae, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possiveis."

O fakih desatara de novo n'um rir tremulo e hediondo. Metteu a mao no peitilho da aljarabia e tirou uma a uma muitas tiras de pergaminho: po-las sobre a cabeça e entregou-as ao kalifa, que comecou a ler com avidez. A pouco e pouco Abdu-r-rahman foi empallidecendo, as pernas vergaram-lhe, e por fim deixou-se cahir sobre os coxins do throno, e cobrindo a cara com as maos, murmurou:--"Meu Deus! porque te mereci isto!"

Al-muulin fitara nelle um olhar de girifalte, e nos labios vagueava-lhe um riso sardonico e quasi imperceptivel.

Os pergaminhos eram varias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Beni-Hafsun, e a diversos cheiks bereberes, dos que se haviam domiciliado na Hespanha, conhecidos pelo seu pouco affecto aos Beni-Umeyyas. O mais importante, porem, de tudo era uma extensa correspondencia com Umeyya-ibn-Ishak, guerreiro celebre e antigo alcaide de Santarem, que por graves offensas passara ao servico dos christaos de Oviedo e Asturias com muitos cavalleiros illustres da sua clientela. Esta correspondencia era completa de parte a parte. Por ella se via que Abdallah contava nao so com os recursos dos mussulmanos seus parciaes, mas tambem com importantes soccorros dos infieis por intervencao de Umeyya. A revolucao devia rebentar em Cordova pela morte de Al-hakem e pela deposicao de Abdu-r-rahman. Uma parte da guarda do alcazar de Azzahrat estava comprada. Al-barr, que figurava muito nestas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo kalifa. Alli se liam, emfim, os nomes dos principaes personagens implicados na revolta, e todas as circunstancias desta eram explicadas ao antigo alcaide de Santarem com aquella individuacao que nas suas cartas elle constantemente exigia. Al-muulin falara verdade: Abdu-r-rahman via despregar diante de

si a longa teia da conspiracao, escripta com letras de sangue pela mao de seu proprio filho.

Durante algum tempo o kalifa conservou-se como a estatua da dor na postura que tomara. O fakih olhava fito para elle com uma especie de cruel complacencia. Al-muulin foi o primeiro que rompeu o silencio: o principe Beni-Umeyya, esse parecia ter perdido o sentimento da vida.

"E tarde!--disse o fakih.--Chegara em breve a manhan. Chama os eunuchos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da promptidao da tua justica. Elevei ao throno de Deus a ultima oracao, e estou aparelhado para morrer, eu o hypocrita, eu o infame, que pretendia lancar sementes de odio entre ti e teu virtuoso filho. Kalifa, quando a justica espera nao sao boas horas para meditar ou dormir."

Al-gafir retomava a sua habitual linguagem sempre ironica e insolente, e ao redor dos labios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abdu-r-rahman das suas tenebrosas cogitacoes. Poz-se em pe. As lagrymas haviam corrido por aquellas faces, mas estavam enxutas. A procella de paixoes encontradas tumultuava la dentro; mas o gesto do principe dos crentes recobrava apparente serenidade. Descendo do throno pegou na mao mirrada de Al-muulin, e apertando-a entre as suas, disse:

"Homem que guias teus passos pelo caminho do ceu; homem acceito ao propheta, perdoa as injurias de um insensato! Cria ser superior a fraqueza humana. Enganava-me! Foi um momento que passou. Possas tu esquece-lo! Agora estou tranquillo ... bem tranquillo ... Abdallah, o traidor que era meu filho, nao concebeu tao atroz designio. Alguem lh'o inspirou: alguem verteu naquelle animo soberbo as vans e crimosas esperancas de subir ao throno por cima do meu cadaver e do de Al-hakem. Nao desejo sabe-lo para o absolver; porque elle ja nao pode evitar o destino fatal que o aguarda. Morrera; que antes de ser pae fui kalifa, e Deus confiou-me no Andalus a espada da suprema justica. Morrera; mas hao-de acompanha-lo todos os que o precipitaram no abysmo."

"Ainda ha pouco te disse--replicou Al-gafir--o que pode inventar o odio que e obrigado a esconder-se debaixo do manto da indiferenca, e ate da submissao. Al-barr, o orgulhoso Al-barr, que tu offendeste no seu amor proprio de poeta, e que expulsaste de Azzahrat como um homem sem engenho nem saber, quiz provar-te que ao menos possuia o talento de conspirador. Foi elle que preparou este terrivel successo. Has-de confessar que se houve com destreza. So n'uma cousa nao: em pretender associar-me aos seus designios. Associar-me? ... nao digo bem ... fazer-me seu instrumento ... A mim! ... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas aliancas com os amires infieis do Frandjat. Fingi estar por tudo; e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei a meu cargo as

mensagens aos rebeldes do oriente e a Umeyya-ibn-Ishak, o aliado dos christaos, o antigo kaid de Chantaryin. Foi assim que pude colligir estas provas de conspiracao. Loucos! as suas esperancas eram a miragem do deserto... Dos seus aliados apenas os de Zarkosta e das montanhas de Al-kibla nao foram um sonho. As cartas de Umeyya, as promessas do amir nazareno de Djalikia[1], tudo era feito por mim. Como eu enganei Al-barr, que bem conhece a letra de Umeyya, esse e um segredo que depois de tantas revelacoes, tu deixaras, kalifa, que eu guarde para mim ... Oh, os insensatos! os insensatos!"

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolucao, que ameaçava trazer a Hespanha mussulmana todos os horrores da guerra civil, devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessario afoga-la em sangue. O longo habito de reinar, juncto ao caracter energetico de Abdu-r-rahman, fazia com que nestas crises elle desenvolvesse de um modo admiravel todos os recursos que o genio amestrado pela experiencia lhe suggeria. Recalcando no fundo do coracao a cruel lembranca de que era um filho que ia sacrificar a paz e a seguranca do imperio, o kalifa despediu Al-muulin, e mandando immediatamente reunir o divan deu largas instruccoes ao chefe da guarda dos slavos. Ao romper da manhan todos os conspiradores que residiam em Cordova estavam presos, e muitos mensageiros tinham partido levando as ordens de Ahdu-r-rahman aos walis das provincias e aos generaes das fronteiras. Apesar das lagrymas e rogos do generoso Al-hakem, que luctou tenazmente por salvar a vida de seu irmao, o kalifa mostrou-se inflexivel. A cabeça de Abdallah cahiu aos pes do algoz na propria camara do principe no palacio Merwan. Al-barr, suicidando-se na masmorra em que o tinham lancado, evitou assim o supplicio.

O dia immediato a noite em que se passou a scena entre Abdu-r-rahman e Al-gafir, que tentamos descrever, foi um dia de sangue para Cordova, e de lucto para muitas das mais illustres familias.

[1] Os arabes designavam os reis de Oviedo e Leao pelo titulo de reis de Galliza.

IV

Era pelo fim da tarde. N'uma alcova do palacio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persas de um vasto almatrah, ou camilha. Os seus ricos trajos, orlados de pelles alvissimas, faziam sobre-sair as feicoes enrugadas, a pallidez do rosto, o encovado dos olhos, que lhe davam ao gesto todas as caracteristicas do de um cadaver. Pela immobilidade dir-se-hia que era uma destas mumias que se encontram pelas catacumbas do Egypto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuarias, e inteiricadas

dentro dos sarcophagos de pedra. Um unico signal revelava a vida nessa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e ponteaguda que se lhe estendia como um cone de neve tombado sobre o peitilho da tunica de precioso tiraz. Abdu-r-rahman, o illustre kalifa dos mussulmanos do occidente, jazia ahi e falava com outro velho, que, em pe defronte delle, o escutava attentamente; mas a sua voz saia tao fraca e lenta, que, apesar do silencio que reinava no aposento, so na curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do kalifa.

O seu interlocutor e uma personagem que o leitor conhecera apenas reparar no modo por que esta trajado. A sua vestidura e uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Ha muitos annos que nisto cifrou todos os commodos que acceita a civilisacao. Esta descalco, e a grenha hirsuta e ja grisalha cahe-lhe sobre os hombros em madeixas revoltas e emmaranhadas. A sua tez nao e pallida, os seus olhos nao perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abdu-r-rahman. Naquella, coriacea e crestada, domina a cor mixta de verdenegro e amarello do ventre de um crocodilo; nestes, cada vez que os volve, fulgura a centelha de paixoes ardentes, que lhe sussurram dentro d'alma como a lava prestes a jorrar do volcao que ainda parece dormir. E Al-muulin, o sancto fakih, que vimos salvar, onze annos antes, o kalifa e o imperio da intentada revolucao de Abdallah.

Tinham de feito passado onze annos desde os terriveis successos acontecidos naquella noite em que Al-muulin descobrira a conspiracao que se urdia, e desde entao nunca mais se vira Abdu-r-rahman sorrir. O sangue de tantos mussulmanos vertido pelo ferro do algoz, e sobretudo o sangue de seu proprio filho descera como a maldiccao do propheta sobre a cabeça do principe dos crentes. Entregue a melancholia profunda, nem as novas de victorias, nem a certeza do estado florescente imperio o podiam distrahir della senao momentaneamente. Encerrado durante os ultimos tempos da vida no palacio de Azzahrat, a maravilha d'Hespanha, abandonara os cuidados do governo ao seu successor Al-hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversacao instructiva da bella Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o unico allivio que adocava a existencia aborrida do velho leao do islamismo. Mas apenas Al-gafir o triste se apresentava perante o kalifa, elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem, tao temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, pregadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abdu-r-rahman parecia inteiramente dominado pelo rude fakih, e, ao ve-lo, qualquer poderia ler no gesto do velho principe os sentimentos oppostos do terror e do affecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquelle homem, e a outra metade o repellisse com repugnancia invencivel. O mysterio que havia entre ambos ninguem o podia entender.

E todavia a explicacao era bem simples: estava no character extremamente religioso do kalifa, na sua velhice e no seu passado de principe absoluto, situacao em que sao faceis grandes virtudes

e grandes crimes. Habitudo a lisonja, a linguagem aspera e altivamente sincera de Al-muulin tivera a principio o attractivo de ser para elle inaudita; depois a reputacao de virtude de Al-gafir, a crenca de que era um propheta, a maneira por que, para o salvar e ao imperio, arrostara com a sua colera, e provara desprezar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abdu-r-rahman visse nelle, como o mais credulo dos seus subditos, um bomem predestinado, um verdadeiro sancto. Sentindo avizinhar a morte, Abdu-r-rahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvacao ate o throno de Deus. Cifrava-se nelle a esperanca de um futuro incerto, que nao podia tardar, e assim o espirito do monarcha, enfraquecido pelos annos, estudava anciosamente a minima palavra, o menor gesto de Al-muulin; prendia-se ao monge mussulmano como a hera antiga ao carvalho, em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vae trepando para o ceu. Mas, as vezes, Al-gafir repugnava-lhe. No meio das expansoes mais sinceras, dos mais ardentes voos de uma piedade profunda, de uma confianca inteira na misericordia divina, o Fakih fitava de repente nelle os olhos scintilantes, e com sorriso diabolico vibrava uma phrase ironica, insolente e desanimadora, que ia gelar no coracao do kalifa as consolacoes da piedade, e despertar remorsos e terrores, ou completa desesperacao. Era um jogo terrivel em que se deleitava Al-muulin, como o tigre com o palpitante dos membros da rez que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. Nessa lucta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da attraccao e repugnancia, que ao mesmo tempo o velho monarcha mostrava para com o fakih, cujo apparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais frequente, e agora se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste, e deixavam de quando em quando passar um raio afogueado do sol que se punha. O vento tepido, humido e violento fazia ramalhar as arvores dos jardins que circumdavam os aposentos de Abdu-r-rahman. As folhas, retinctas ja de um verde amarellado e mortal, desprendiam-se das trancas das romeiras, dos sarmentos das videiras e dos ramos dos choupos em que estas se enredavam, e, remoinhando nas correntes da ventania, iam, iam, ate rastejar pelo chao e empear na grama secca dos prados. O kalifa, exausto, sentia aquelle ciclo da vegetacao moribunda chama-lo tambem para a terra, e a melancholia da morte pesava-lhe sobre o espirito. Al-muulin durante a conversacao daquella tarde havia-se mostrado, contra o seu costume, severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que era accorde com a tristeza que o rodeava.

"Conheco que se aproxima a hora fatal!--dizia o kalifa.--Nestas veias em breve se gelara o sangue; mas, sancto fakih, nao me sera licito confiar na misericordia de Deus? Derramei o bem entre os mussulmanos, o mal entre os infieis: fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed; e deixo a meu filho um throno firmado no amor dos subditos e na veneracao e temor dos inimigos da dynastia dos Beni-Umeyyas. Fiz quanto a um homem era dado fazer pela gloria do Islam. Que mais pretendes?--Porque nao tens nos

labios para o pobre moribundo senao palavras de terror?--Porque ha tantos annos me fazes beber gole a gole a taca da desesperacao?"

Os olhos do fakih, ao ouvir estas perguntas, brilharam com desusado fulgor, e um daquelles sorrisos diabolicos, com que costumava fazer gelar todas as ardentes ideas mysticas do principe, lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarcha, onde de feito ja vagueavam as sombras da morte: depois dirigiu-se a porta da camara, assegurou-se bem de que nao era possivel abrirem-na exteriormente, e voltando para ao pe do almatrah, tirou do peitilho um rolo de pergaminho, e comecou a ler em tom de indizivel escarneo:

"Resposta de Al-gafir o triste as ultimas perguntas do poderoso Abdu-r-rahman, oitavo kalifa de Cordova, o sempre vencedor, justiceiro e bemaventurado entre todos os principes da raca dos Beni-Umeyyas. Capitulo avulso da sua historia."

Um rir prolongado seguiu a leitura do titulo do manuscrito. Al-muulin continuou:

"No tempo deste celebre, virtuoso, illustrado e justiceiro monarcha havia no seu diwan um wasir, homem sincero, zeloso da lei do propheta, e que nao sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciencia. Chamava-se Mohammed-Ibn-Ishak, e era irmao de Umeyya-Ibn-Ishak, kaid de Chantaryn, um dos guerreiros mais illustres do Islam, segundo diziam."

"Ora esse wasir cahiu no desagrado do Abdu-r-rahman, porque lhe falava verdade, e rebatia as adulacoes dos seus lisongeiros. Como o kalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio; e como era justo, o odio breve se traduziu n'uma sentenca de morte. A cabeça do ministro cahiu no cadafalso, e a sua memoria passou a posteridade manchada pela calumnia. Todavia o principe dos fieis sabia bem que tinha assassinado um innocente."

As feicoes transtornadas de Abdu-r-rahman tomaram uma expressao horrivel de angustia: quiz falar, mas apenas pode fazer um signal como que pedindo ao fakih que se calasse. Este proseguuiu:

"Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado te allivia e revoca a vida. Continuarei. Podesse eu prolongar assim os teus dias, clementissimo kalifa!"

"Umeyya, quando soube da morte ignominiosa de seu querido irmao, ficou como insensato. A saudade ajunctava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre immaculado, da sua familia. Dirigiu as supplicas mais vehementes ao principe dos fieis para que ao menos rehabilitasse a memoria da pobre victima; mas soube-se que ao ler a sua carta o virtuoso principe desatara a rir...! Era, conforme lhe relatou o mensageiro, deste modo que elle ria."

E Al-muulin aproximou-se de Abdu-r-rahman, e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

"Estas um pouco melhor ... nao e verdade, invencivel kalifa? Prosigamos. Umeyya quando tal soube, calou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Korthoba partiu para Oviedo. O rei cristao de Al-djuf nao se riu da sua mensagem. Dahi o pouco Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades mussulmanas ate o Tejo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do kaid de Chantaryn. Com um numeroso esquadrao de amigos leaes este ajudou a devastar o territorio mussulmano do Gharb ate Merida. Foi uma esplendida festa; um sacrificio digno da memoria de seu irmao. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes."

"Pouco a pouco Umeyya comecou a reflectir. Era Abdu-r-rahman quem o offendera. Para que tanto sangue vertido? A sua vinganca fora a de uma besta-fera; fora estúpida e van. Ao kalifa, quasi sempre victorioso, que importavam os que por elle pereciam? O kaid de Chantaryn mudou entao de systema. A guerra publica e inutil converteu-a em perseguicao occulta e efficaz: a forca oppoz a destreza. Fingiu abandonar os seus aliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se delle. Quando tornou a apparecer a luz do dia ninguem o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabellos cahiam-lhe desordenados sobre os hombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lh'as tisonado o sol dos desertos. Correram o Andaluz e o Moghreb; espalhara por toda a parte os thesouros da sua familia e os proprios thesouros ate o ultimo dirhem, e em toda a parte deixara agentes e amigos fieis. Depois veio viver nos cemiterios de Korthoba, juncto dos porticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que podesse offerecer-lhe a amargura, as angustias em troca do sangue de Mohammed-Ibn-Isbak. O guerreiro chamou-se desde esse tempo Al-gafir, e o povo denominava-o Al-muulin, o sancto fakih..."

Como sacudido por uma corrente electrica, Abdu-r-rahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas ultimas palavras, e ficara sentado, hirto e com as maos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos labios, e so pode murmurar ja quasi inintelligivelmente:

"Maldicto!"

"Boa cousa e a historia,--proseguiu o seu algoz sem mudar de postura--quando nos recordamos do nosso passado, e nao achamos la para colher um unico espinho de remorso! E o teu caso, virtuoso principe! Mas sigamos avante. O sancto fakih Al-muulin foi quem instigou Al-barr a conspirar contra Abdu-r-rahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiracao; quem se apoderou do teu animo credulo; quem te puniu com os terrores de tantos annos; quem te acompanha no trance derradeiro, para te lembrar juncto as portas do inferno que se foste o assassino de seu irmao, tambem

o foste do proprio filho; para te dizer que se cobriste o seu nome de ignominia, tambem ao teu se ajunctara o de tyranno. Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso de ha dez annos. Ouve, ouve, kalifa!"

Al-gafir, ou antes Umeyya, levantara gradualmente a voz, e estendia os punhos cerrados para Abdu-r-rahman, cravando nelle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarcha tinha os seus abertos, e parecia tambem olhar para elle, mas perfeitamente tranquillo. A quem houvesse presenciado aquella tremenda scena nao seria facil dizer qual dos dous tinha mais horrendo gesto.

Era um cadaver o que estava diante de Umeyya: o que estava diante do cadaver era a expressao mais energica da atrocidade de coracao vingativo.

"Oh, se nao ouviria as minhas derradeiras palavras!..."--murmurou o fakih depois de ter conhecido que o kalifa estava morto. Poz-se depois a scismar largo espaco: as lagrymas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas.--"Um anno mais de tormentos, e ficava satisfeito!--exclamou por fim.--Podera eu dilatar-lhe a vida!"

Dirigiu-se entao para a porta, abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunuchos, as mulheres, e o proprio Al-hakem, inquieto pelo estado de seu pae, precipitaram-se no aposento. Al-muulin parou no limiar da porta, voltou-se para traz, e com voz lenta e grave disse:

"Orae ao propheta pelo repouso do kalifa."

Houve quem o visse sair, quem a luz baca do crepusculo o visse tomar para o lado de Cordova com passos vagarosos, apesar das lufadas violentas do oeste, que annunciavam uma noite procellosa. Mas nem em Cordova, nem em Azzahrat, ninguem mais o viu desde aquelle dia.

## ARRHAS POR FORO D'HESPAÑA (1371-2)

### A Arraya-Miuda

O sino das ave-marias, ou da oracao, tinha dado na torre da se a ultima badalada, e pelas frestas e portas dessa multido de casas, que apinhadas a roda do castello, e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cincta das muralhas primitivas de Lisboa,

pareciam mal caberem nellas, viam-se fulgurar aqui e acolá as luzes interiores, enquanto as ruas, tortuosas e immundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores; porque durante a noite, naquelles bons tempos, a estreita senda de bosque deserto não era mais triste, temerosa e arriscada que a própria rua-nova, a mais opulenta e formosa da capital. O que, porém, havia ali desacostumado e estranho era o completo silencio e a escuridão profunda em que jazia sepultado o paco d'apar S. Martinho, onde então residia elrei D. Fernando, ao mesmo tempo que pelos becos e encruzilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas, que indicavam terem sido agitadas as ondas populares pelo vento de Deus, e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente cahido na calma e somnolencia que vem após a procella.

E assim era, com effeito, como o leitor podera averiguar por seus próprios olhos e ouvidos, se, manso, manso e disfarçado, quizer entrar connosco na mui affamada e antiga taberna do velho Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sair da se, na rua que sobe para os pacos da alcacova, sete ou oito portas acima dos pacos do concelho.

A taberna de micer Folco Taca, genovez, que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Lancarote Pecanha, e que havia annos abandonara o serviço marítimo para se dar a mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e bondade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas também porque em um aposento mais retirado e interior uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos, ou escabellos, offerciam todo o commodo aos tavolageiros de profissão, para perderem ou ganharem ali, em noites de jogo infrene, os bellos alfonsins e maravedis de ouro, ou as estimadas dobras de D. Pedro I, que, ao contrario dos seus antecessores e successores, julgara ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco, e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo de seu reinar.

Micer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da corte e de todos os saioes, algozes e mais familia da nobre raza dos alguazis sobre a illegalidade de semelhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregara para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nos qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alchimia, porque se vê que elle existe em mãos abençoadas, produzindo ainda hoje repetidos milagres em tudo analogos a este.

Era, pois, na taberna-tavolagem da porta do ferro, conhecida vulgarmente por tal nome em consequencia da vizinhanca desta porta da antiga cerca, onde os ruidos vagos e incertos, que sussurravam pelas ruas da cidade, soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, remoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante

fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava ate o breve terreirinho da se, falando todos a um tempo, accesos, ao que parecia, em violentas disputas, que as vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas e blasphemias, indicio evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

Ja no fim do seculo decimo-quarto era o povo, assim como boje, colerico. Entao coleras da puericia; hoje aborrimientos de velhice.

Se na rua o borborinho era tempestuoso e confuso, dentro da casa de micer Folco a bulha podia chamar-se infernal. Para um dos lados, no meio de uma espessa mo de populares, ouviam-se palavras ameacadoras, sem que fosse possivel perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha. Para outra parte, d'entre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdicao se revelava nos seus coromens de panno d'Arras, nos cinctos escuros, nas camisas e veus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganicadas, em que se sentia profundamente impresso o descaro e insolencia daquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se picheis e tacas vazias, e debaixo de alguns delles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assovios e roncocos que as vezes sobresaíam atraves do ruido daquelle respeitavel congresso, nao provassem que esses honrados cidadaos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz d'uma boa consciencia. Emfim, a composta e illustre taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lancarote estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiucas de Lisboa. O gigante popular tinha ahi assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupcao tinham transposto aquelles umbraes sem a sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo nao teem cabida os adornos de ouropel. E a unica differença moral que ha entre elle e as classes superiores, que se creem melhores, porque no gymnasio da civilisacao aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de compostura hypocrita.

O astro que parecia alumiar com sua luz, aquecer com seu calor aquelle turbilhao de planetas; o centro moral, a roda do qual giravam todos aquelles espiritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scintilantes, cabello negro e revolto, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento, e rodeado de uma vasta pinha de populares de ambos os sexos, que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz grossa e sonora sobresaía no ruido, e so se confundia com alguma jura blasphema que se disparava do meio das outras pinhas de povo, ou com as modulacoes das risadas, que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo semelhantes a clareao affogueado que sulcasse rapidamente as trevas humidas e profundas da crypta subterranea de alguma igreja do sexto seculo.

De repente dous cavalleiros, cuja graduacao se conhecia pelos

barretes de veludo preto adornados de pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas, e pelos cintos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna, e, rompendo por entre o povo, que lhes alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeiros puxados para a cara, de modo que nenhum dos circustantes pode conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daquelles cerebros vinolentos de o indagar; mas uma identica reflexao atou todas as maos. Ao longo da coxa esquerda dos embucados via-se reluzir a espada, e no lado direito, apertado no cincto, que a ponta erguida do capeirote deixava apparecer, descortinava-se o punhal. O passaporte para virem assim aforrados era digno de todo o respeito, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens d'armas, principalmente besteiros, quasi todos estavam desarmados. Tinha seus riscos, portanto, o por-lhes o visto popular.

Os dous desconhecidos falaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que de quando em quando meneava a cabeça fazendo um gesto de assentimento: depois romperam por entre a turba, que os examinava com uma especie de receio misturado de respeito, e foram assentar-se em dous dos escabellos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovelos em um bofete, com as cabeças apertadas entre os punbos, ficaram imoveis e como alheios ao sussurro que começava a alevantar-se de novo a roda delles.

Este durou breves instantes; um psiuh do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquella banda. Subindo a um escabello, elle deu signal com a mão de que pretendia falar.

"Ouvide! Ouvide!"--bradaram alguns que pareciam os maioraes daquela multidao desordenada.

Todos os pescocos se alongaram a um tempo, e viram-se muitas maos callosas erguerem-se encurvadas, e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie de anel acustico. O orador principiou:

"Arraya-miuda[1]! tendes vos ja elegido, entre vos outros, cidadaos bem falantes e avisados para propor vossos embargos e razoados contra este maldicto e descommunal casamento d'el-rei com a mulher de Joao Lourenco da Cunha?"

"Todos a uma entendemos que deveis ser vos, mestre Fernao Vasques: --respondeu um velho, cuja calva polida reverberava os raios d'uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares.--Quem ha ahi entre a arraya-miuda mais discreto e apostado para taes autos que vos? Quem com mais urgentes razoes propria nosso agravo e a deshonna e viltas d'elrei, do que vos o fizestes hoje na mostra que demos ao paco esta tarde?"

"Alcacer, alcacer! por nosso capitao Fernao Vasques:--bradou unisona a chusma.

"Fico-vos obrigado, mestre Bartholomeu Chambao!--replicou Fernao Vasques, socegado o tumulto.--Pelo razoado de hoje terei em paga a forca, se a adúltera chega a ser rainha: pelo do amanhan terei as maos decepadas em vida, se elrei com suas palavras mansas e enganosas souber apaziguar o povo. E tendes vos por averiguado, mestre Bartholomeu, que o carrasco sabe apertar melhor o no da corda na garganta, que eu o ponto em peitilho de saio, ou em costura de redondel ou pelote, e que o cutelo do algoz entra mais rijo no gasnate de um christao que a vossa encho n'uma aduela de pipa?"

"Nanja emquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da besta, me nao estourar!--exclamou um besteiro de conto, cambaleando e erguendo-se debaixo d'um bofete, para onde o haviam derribado certas perturbacoes d'entusiasmo politico.

"Amendico Vobis!--gritou um beguino, cujas faces vermelhas e voz de Stentor brigavam com o habito de grosseiro burel e com as desconformes camandulas que lhe pendiam da cincta.

"Ole, Fr. Roy Zambrana, fala linguagem christenga, se queres vir nesse bordo por nossa esteira!--bradou um petintal d'Alfama, que, segundo parecia, capitaneava um grande troco de pescadores, barqueiros e galeotes daquelle bairro, entao quasi exclusivamente povoado de semelhante gente.

"Digo por linguagem"--acudiu o beguino--"que ninguem como mestre Fernao Vasques e homem de cordura e sages para amanhan falar a elrei aguisadamente sobre o feito do casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva vantagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir as gales de Castella e doestar os bons servos da igreja."

Era allusao pessoal. Uma risada ruidosa e longa correspondeu a mordente desforra de Fr. Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente contrito, semelhante ao gato, que, depois de dar a unhada, vem rocar-se mansamente pela mao que ensanguentou.

Fr. Roy era tambem, como Ayras Gil, um idolo popular, e a ma vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal nascera da emulacao; de uma duvida cruel sobre a altura relativa do throno de encruzilhada, do throno de lama e farrapos, em que cada um delles se assentava.

Se, pois, aquella multidao nao estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernao Vasques, a opiniao desses dous oraculos lhe nao teria deixado a menor duvida sobre isso. Todavia, nas palavras de ambos havia um pensamento escondido; pensamento de odio que nascera n'um dia, e n'um dia lancara profundas raizes nos coracoes de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisongeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dous resultados, o de ganharem mais credito entre

este, e de aplanarem a estrada da força ao novo rei das turbas, erguido, havia poucas horas, sobre os broqueis populares.

Mas que auto era este de que o povo falava? Sabe-lo-hemos remontando um pouco mais alto.

O amor cego d'el-rei D. Fernando pela mulher de Joao Lourenco da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a elrei, a paixao violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coracao. Mas as miras daquella mulher, cuja alma era um abysmo de cubica, de desenfreamento, de altivez e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de ver a seus pes um rei bom, generoso e gentil. Atraves do amor de D. Fernando ella so enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idea primitiva de todas as suas ideas. Leonor Telles nao amava elrei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor della; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portuguezes, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre superficial, um nome deshonorado, por ter escripto esse nome na horrivel chronica da nossa Lucrecia Borgia. Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que nao fosse D. Leonor, se interpunha entre ella e seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affectos a D. Leonor, ou que sabiam ate onde chegava a sua vinganca, a livrou desse tropeco. Seu marido, Joao Lourenco da Cunha, atterrado, fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella, muito antes da epocha em que comeca esta narrativa, viu emfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres, que ainda conservavam puras as tradicoes severas dos antigos tempos, indignavam-se pelo opprobrio da coroa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infante de Castella, cujo casamento com elrei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no caracter de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam taes amores, o infante D. Diniz, o mais moco dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco[2] eram, segundo parece, os cabecas da parcialidade contraria a D. Leonor; aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidao a D. Henrique de Castella, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvara da triste sorte de Alvaro Goncalves Coutinho e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'elrei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor

vago, uma suspeita. Os nobres, porem, que o desapprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores; e a agitacao dos animos crescia a medida que os amores d'elrei se tornavam mais publicos.

D. Fernando tinha ja revelado aos seus conselheiros a resolucao que tomara, e estes, posto que a principio lhe falassem com a liberdade que entao se usava nos pacos dos reis, vendo suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa malaventurada resolucao. O povo, porem, nao se contentou com isso.

Conforme as ideas desse tempo, alem das consideracoes politicas, semelhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religiao, o qual ainda de maior peso seria hoje, e se-lo-ha em todos os tempos em que a moral social for mais respeitada do que o era naquella epocha. Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que delle procedessem mal poderiam ser considerados como infantes de Portugal, e por consequencia como fiadores da successao da coroa.

A irritacao dos animos, assoprada pela nobreza, tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentara violenta na tarde que precedeu a noite em que comeca esta historia.

Tres mil homens se tinham dirigido tumultuariamente as portas do paco, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e estrepito que fazia aquella multidao desordenada assustou elrei, que por um seu privado mandou perguntar o que lhes prazia e para que estavam assim reunidos. Entao o alfaiate Fernao Vasques, capitao e procurador por elles, como lhe chama Fernao Lopes, affeiu em termos violentos as intencoes d'elrei, liberalizando a D. Leonor os titulos de ma mulher e feiticeira, e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero. A arenga rude e vehemente do alfaiate orador, acompanhada e victoriada de gritas insolentes e ameacadoras do tropel que o seguia, moveu elrei a responder com agradecimentos as injurias, e a affirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, promettendo ir na manhan seguinte aclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos, para onde os emprasava. Com taes promessas pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cahir da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo silencio. Como se, na solidao, elrei quizesse consultar consigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidracas coradas das esguias janellas dos pacos reaes, que vertiam quasi todas as noites o ruido e o esplendor dos saraus, cerradas nesta hora e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos, com o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados, com o perpassar continuo dos magotes e pinhas de gente que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacillavam, ficavam immoveis, agglomeravam-se para se desfazer, desfaziavam-se para se agglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera razoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo

passava, rei de um dia. Esse ruído, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho: e as estrellas de serena noite de agosto, semelhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, alumiam o sarau popular, as salas do seu folguedo, a praça e a encruzilhada. Era a um tempo truanesco e terrível.

Na taberna de micer Folco (onde deixamos as personagens principaes desta historia, para inserir, talvez fora de logar, o prologo ou introduccao a ella) as acclamações frenéticas dos populares tinham tornado indubitavel que o propoedor para o ajuntamento do dia seguinte devia ser o mui avisado e sages mestre Fernao Vasques. Fr. Roy era de todos os circumstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Ayras Gil ajudava-o poderosamente com o ruído dos amplos pulmões dos galeotes d'Alfama, contrabidos como em voga arrancada, victoriando o seu capitao. O alfaiate nao pode resistir, nem porventura tinha vontade d'isso, a tanta popularidade, e em pe sobre o escabello, com a cabeça levemente inclinada para o peito, n'uma postura entre de resignação e de bemaventurança, tremulava-lhe nos labios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mysterios do seu coração. Emfim, quando a grita começou a asserenar, Fernao Vasques ergueu a cabeça, e com aspecto grave deu signal de que pretendia falar ainda.

Fez-se de novo silencio.

"Seja, pois, como quereis:--disse o alfaiate--mas vede o grao risco a que me ponho por vos outros. Falarei eu a elrei com liberdade portuguesa: proporei vosso agravo e a deshonor e feio peccado de sua real senhoria, mas e necessario que vos todos quantos ahi sois estejaes de alcateia e ao romper d'alva no alpendre de S. Domingos. Dizem que a adultera e mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estao muitos cavalleiros seus parentes e parciaes. Besteiros deste concelho, que nao vos esquecam em casa vossas bestas e aljavas! Pioada de Lisboa, levae vossas ascumas! Os trons e engenhos do castello--acrescentou o alfaiate em voz mais baixa e hesitando--nao vos apoquentarao, ainda que elrei o quizesse, porque o alcaidemor Joao Lourenco Bubal nao e dos affeicoados a D. Leonor Telles. Sancta Maria e Sanctiago sejam comvosco! Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! A repousar, amigos!"

--"Alcacer, alcacer!--respondeu a turbamulta.

"Morra a comborca!"--gritou Ayras Gil com voz de trovao.--"Morra a comborca!"--repetiram os galeotes e as virtuosas matronas dos coromens d'arras e cintos pretos, que assistiam aquelle conclave.

"Olha, Ayras, que S. Martinho fica perto, e contam que D. Leonor tem ouvido subtil:"--disse Fr. Roy ao petintal com um sorriso diabolico.

"Dor de levadigas te consumam, ichacorvos!"--replicou o petintal.--"Quando eu quero que me oucam e que falo alto. Alcacer

por sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castella e de feiticós!"

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcaceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vans e insultos inúteis, aquella vaga de povo contida na taberna de micer Folco, espraiou-se pelas ruas, derivou pelas quelhas, vielas e becos, e embebeu-se pelas casinhas e choupanas, que nessa epocha jaziam muitas vezes deitadas juncto as raizes dos palacios na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados o alfaiate contemplava aquella multidão, que diminuia rapidamente, e cujo sussurro alongando-se era comparavel ao gemido do tufão, que passa de noite pelas sarças da campina. Ainda elle tinha os olhos fitos no portal por onde saíra o vulto indelivel chamado povo, e já ninguém ali estava, salvo os dous cavalleiros, que se tinham conservado immoveis na mesma postura que haviam tomado, e Fr. Roy, que se estirara sobre um dos bofetes, e já roncava e assobiava como em somno profundo.

Os dous cavalleiros ergueram-se e descobriram os rostos: a um ainda a barba de homem não punhia nas faces: o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia cahidas sobre os hombros a moda de Castella, e no rosto sulcado de rugas, certificava ser já bem larga a historia da sua peregrinação na terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques, que parecia absorto, e depois para o velho com um gesto de impaciencia. Este olhou também para elle, e sorriu-se. Depois o anciao chamou o alfaiate em voz baixa, mas perceptivel.

Este, como se cahisse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu, e, saltando do escabello, onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dous cavalleiros:

"Senhor infante, que vossa merce me perdoe e o senhor Diogo Lopes Pacheco! A fe que, no meio d'este arruido, quasi me esquecera de que ereis aqui. Estaes desenganados por vossos olhos de que posso responder pelo povo, e de que amanha não faltarão em S. Domingos?"

"Na verdade--respondeu o mancebo--que tu governas mais nelle que meu irmão com ser rei! Veremos se amanha te obedecem como te obedeceram hoje."

"Es um notavel capitão!--acrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no hombro do alfaiate.--Se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira de homens d'armas merecerias a alcaidaria de um castello."

"Que so entregaria, no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, aquelle que de mim tivesse preito e menagem."

"Bem dicto!--interrompeu o velho Pacheco, no mesmo tom em que

comecara.--Se t'a negarem nao sera por errares as palavras do preito. Tem a certeza, de que has-de ir longe, Fernao Vasques; muito longe! Assim eu a tivera, de que nao me sera preciso cozer a ponta de punhal a boca de quem ousar dizer que o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do gonovez Folco Taca."

Quando estas ultimas palavras, proferidas lentamente, sairam dos labios do que as proferia, os roncros e assobios do beguino que dormia foram mais rapidos e tremulos.

"Quem e aquelle ichacorvos?--proseguiu Diogo Lopes, apontando para Fr. Roy com um gesto de desconfianca.

"E um dos nossos:--respondeu o alfaiate--um dos que mais teem encarnicado a arraya-miuda contra a feiticeira adultera. Na assuada desta tarde foi dos que mais gritaram defronte dos pacos d'el-rei. Por este respondo eu. Nao tereis, senhor Diogo Lopes, de lhe cozer a boca a ponta de vosso punhal."

"Responde por ti, honrado capitao da arraya-miuda--replicou o velho cortezao.--Quem me responde por elle e o seu dormir profundo: quem me responderia por elle, se acordando nos visse aqui, seria este ferro que trago na cincta. Agora o que importa. Em quanto amanhan elrei se demorar em S. Domingos, um troco d'arraya-miuda e besteiros ha-de commetter o paco, e ou do terreiro, ou rompendo pelos aposentos interiores, e necessario que uma pedra perdida, um tiro de besta disparado por engano, uma ascuma brandida em algum corredor escuro, nos assegure que elrei nao pode deixar de attender as supplicas dos seus leaes vassallos e dos cidadaos de Lisboa."

"Morta!--exclamou o infante com um gesto de horror.--Nao, nao, Diogo Lopes; nao ensanguenteis os pacos de meu irmao, como ..."

"Como ensanguentei os pacos de Sancta Clara:--atalhou Pacheco--dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram ca dentro. Senhor infante, vos esquecestes-vos d'isso, porque eu posso e valho com elrei de Castella! Senhor infante, a ambicao tem que saltar muitas vezes por cima dos vestigios de sangue! Vos passastes avante, e nao vistes os do sangue de vossa mae! Porque hesitareis ao galgar os do sangue de Leonor Telles? Senhor infante, quem sobe por sendas ingremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fojo, se covardemente recua."

D. Diniz tinha-se tornado pallido como cera. Nao respondeu nada; mas dos olhos rebentaram-lhe duas lagrymas.

Fernao Vasques escutou a preleccao politica do velho matador de D. Ignez de Castro com religiosa attencao. E resolveu tambem la comsigo nao se deixar cahir no fojo.

"Far-se-ha como apontaes:--disse elle falando com Diogo Lopes--mas

se os homens d'armas e besteiros de Joao Lourenco Buval descerem do castello..."

"Nao te disse, ainda ha pouco, que Joao Lourenco ficaria quedo no meio da revolta?--Podes estar socegado, que nao te certifiquei d'isso so para animares o povo. E a realidade. Agora tracta de dispor as cousas para que nao seja um dia inutil o dia d'amanhan."

Pegando entao na mao do infante, o feroz Pacheco saiu da taberna, e tomou com elle o caminho da Alcacova. Fernao Vasques ficou um pouco scismando: depois saiu, dirigindo-se para a porta do ferro, e repetindo em voz baixa:--"Nao me precipitarei no fojo!"

Passados alguns instantes de silencio Fr. Roy alevantou devagarinho a cabeça, assentou-se no bofete e poz-se a escutar: depois saltou para o chao, apagou a lampada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca logo que o povo tumultuariamente a inundara, chegou a porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da se da banda do norte, e como um fantasma, desapareceu cozido com a negra e alta muralha da cathedral.

[1] Fernao Lopes da a entender (Chr. de D. Joao I. P. 1. c.44) que a denominacao de arraya-miuda se comecara a dar aos populares no principio da revolta a favor do Mestre d'Aviz, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro o havia tomado para si o povo miudo ja d'antes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Chancell. de D. Diniz L. 3 das Doacoes fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Braganca e toda a arraya-miuda.

[2] Fernao Lopes affirma que Pacheco nao tornara ao reino desde que fugira por escapar a vinganca de D. Pedro I por causa da morte de D. Ignez, senao no anno de 72, em que viera por embaixador d'elrei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Santos affirma o contrario fundado na restituicao de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no comeco do seu reinado. Nao e isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, nao so porque depois de vir podia voltar para Castella, mas tambem essa restituicao podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruicao d'um titulo, ou de terras da coroa, por simples merce, nao obrigando a servico pessoal, ao menos ate o tempo de D. Joao I, nao tornava necessaria a presenca do donatario no reino. O que prova a verdade da opiniao de Santos e a doacao feita a Diogo Lopes em 1371 (Chancell. D. Fern. f.84) da terra de Trancoso para pagamento de sua quantia, o que supoe servico pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a faze-lo.

Quem hoje passa pela cadeia da cidade de Lisboa, edificio immundo, miseravel, insalubre, que por si so bastara a servir de castigo a grandes crimes[1], ainda ve na extermidade delle umas ruinas, uns entulhos amontoados, que separa da rua uma parede de pouca altura, onde se abre uma janella gothica. Esta parede e esta janella sao tudo o que resta dos antigos pacos d'apar S. Martinho, igreja que tambem ja desapareceu, sem deixar sequer por memoria um panno de muro, uma fresta, de outro tempo. O Limoeiro e um dos monumentos de Lisboa sobre que revoam mais tradicoes de remotas eras. Nenhuns pacos dos nossos reis da primeira e segunda dynastia foram mais vezes habitados por elles. Conhecidos successivamente pelos nomes de pacos d'elrei, pacos dos infantes, pacos da moeda, pacos do limoeiro, a sua historia vae sumir-se nas trevas dos tempos. Sao da era mourisca? Fundaram-nos os primeiros reis portuguezes? Ignoramo-lo. E que muito, se a origem de Sancta Maria Maior, da veneranda cathedral de Lisboa, e um mysterio! Se, transfigurada pelos terremotos, pelos incendios e pelos conegos, nem no seu archivo queimado, nem nas suas rugas caiadas e douradas pode achar a certidao do seu nascimento e dos annos da sua vida! Como as da igreja, as ruinas da monarchia dormem em silencio a roda de nos, e, involto nos seus eternos farrapos, o povo vive eterno em cima ou ao lado dellas, e nem sequer indaga porque jazem ahi!

Na memoravel noite em que se passaram os successos narrados no capitulo antecedente, essa janella dos pacos d'elrei era a unica aberta em todo o vasto edificio, mas calada e escura como todas as outras. So, de quando em quando, quem para la olhasse attento do meio do terreiro enxergaria o que quer que era alvacento, que ora se chegava a janella, ora se retrahia. Mas o silencio que reinava naquelles sitios nao era interrompido pelo menor ruido. De repente um vulto chegou debaixo da janella e bateu de vagarinho as palmas: a figura alvacenta chegou a janella, debrucou-se, disse algumas palavras em voz baixa, retirou-se, tornou a voltar e pendurou uma escada de corda que segurou por dentro. O vulto que chegara subiu rapidamente, e ambos desapareceram atraves dos corredores e aposentos do paco.

Em um destes ultimos, alumiado por tochas seguras por longos bracos de ferro chumbados nas paredes, passeava um homem de meia idade e gentil. Os seus passos eram rapidos e incertos, e o seu aspecto carregado. De quando em quando parava e escutava a uma porta, cujo reposteiro se meneava levemente; depois continuava a passear, parando as vezes com os bracos cruzados e como entregue a cogitacoes dolorosas.

Por fim o reposteiro ondeou d'alto a baixo e franziu-se no meio: mao alva de mulher o segurava. Esta entrou, apos ella um homem alto e robusto, vestido de burel e cingido de cincto de esparto, d'onde pendiam umas grossas camandulas. A dama atravessou vagarosamente a sala e foi sentar-se em um estrado de altura

de palmo, que corria ao longo d'uma das paredes do aposento. O homem que passeava assentou-se tambem no unico escabello que alli havia. Fr. Roy, que o leitor ja tera conhecido, ficou ao pe da porta por onde entrara, com a cabeca baixa e em postura abeatada.

"Aproxima-te, beguino!--disse com voz tremula elrei; porque era elrei D. Fernando o homem que se assentara.

Fr. Roy deu uns poucos de passos para diante.

"Que ha de novo?"--perguntou elrei.

"O povo cada vez esta mais alvoroado, e jura falar rijamente amanha a vossa senhoria. Mas essa nao e a peor nova que eu trago!"

"Fala, fala, beguino!--acudiu elrei, estendendo a mao convulsa para o ichacorvos.

"E que amanha, em quanto vossa senhoria estiver em S. Domingos, o paco sera accommettido. Pretendem matar..."

"Mentes, beguino!--gritou a dama, erguendo-se do estrado de um salto, semelhante a tigre descoberto pelos cacadores nos matagaes da Asia.--Mentes! Podem nao me querer minha: mas assassinar-me! Isso e impossivel. Amo muito o povo de Lisboa; tenho-lhe feito as merces que posso, para que elle haja de me odiar assim de morte. Os fidalgos podem persuadi-lo a oppor-se ao nosso casamento; mas nunca a por maos violentas na pobre Leonor Telles."

"Prouvera a Deus que eu mentisse hoje! Seria a primeira vez na minha vida!--replicou o ichacorvos com ar contrito.--Mas ouvi com meus ouvidos a ordem para o feito e a promessa da execucao, haveria tres credos, na taberna de Folco Taca."

"Miseraveis!--bradou erguendo-se tambem elrei, a quem o risco da sua amante restituira por um momento a energia.--Miseraveis! Querem sobre a cerviz o jugo de ferro de meu pae? Te-lo-hao. Quem ousa ordenar tal cousa?"

"Diogo Lopes Pacheco, do vosso conselho, o disse ao alfaiate Fernao Vasques, o coudel dos revoltosos, e vosso irmao D. Diniz estava tambem com elles."--respondeu Fr. Roy.

O beguino era o espia mais sincero e imperturbavel de todo o mundo.

"Velho assassino!--exclamou D. Fernando--cubriste de luto eterno o coracao do pae! Queres cubrir o do filho. E tu, Diniz, que eu amei tanto, tambem entre os meus inimigos! Leonor, que faremos para te salvar?! Aconselha-me tu, que eu quasi que enlouqueci!"

O pobre e irresoluto monarcha cobriu o rosto com as maos, arquejando

violentamente. D. Leonor, cujos olhos centelhantes, cujos labios esbranquiçados revelavam mais odio que terror, lançou-lhe um olhar de desprezo, e em tom de mofa respondeu:

"Sim, senhor rei, na falta de vossos leaes conselheiros posso eu, triste mulher, dar-vos um bom conselho. Acordae vossos pagens, que vao pregar um poste a porta destes pacos, e mandae-me amarrar a elle para que o vosso bom povo de Lisboa possa despedacar-me tranquillamente amanha sem profanar os vossos aposentos reaes. Sera mais uma grande merce que lhe fareis em recompensa do seu amor a vossa pessoa, da sua obediencia aos vossos mandados."

"Leonor, Leonor, nao me fales assim, que me matas!--gritou D. Fernando, deitando-se aos pes de D. Leonor e abracando-a pelos joelhos, com um choro convulso.--Que te fiz eu para me tractares tao cruelmente?"

"D. Fernando, lembra-te bem do que te vou dizer! O povo ou se rege com a espada do cavalleiro, ou elle vem collocar a ascuma do peao sobre o throno real. Quem nao sabe brandir o ferro, cede; deixa-o reinar."

"Tens razao, Leonor!--disse D. Fernando, enxugando as lagrymas e alcando a fronte nobre e formosa, onde se pintava a indignacao. --Serei filho de D. Pedro o cruel; serei successor de meu pae. Eu mesmo vou ao alcacar examinar os engenhos mais valentes que cubram o terreiro de S. Martinho de pedras, de virotoes e de cadaveres: os montantes e as bestas dos homens d'armas e besteiros do meu alcaide-mor de Lisboa farao o resto. Joao Lourenco Bubal sera fiel a seu rei. Se necessario for com minhas proprias maos ajudarei a por fogo a cidade, para que nem um revoltoso escape. Adeus, Leonor: conta que seras vingada."

D. Fernando voltou-se rapido para a porta do aposento. Fr. Roy estava immovel diante d'elle.

"Joao Lourenco Bubal--disse o espia sem se alterar--e dos revoltosos. Ovi-o da boca do proprio Diogo Lopes, que o certificou a Fernao Vasques. Os trons do alcacer estao desapparelhados; e a maior parte dos homens d'armas e besteiros do alcaide-mor eram na taberna de Folco Taca os mais furiosos contra a que elles chamam...."

"Cal-te, beguino!--gritou elrei, empurrando-o com forza e procurando tapar-lhe a boca.

O ichacorvos parou onde o impulso recebido o deixou parar, e ficou outra vez immovel diante de D. Fernando, a quem este ultimo golpe lancava de novo na sua habitual perplexidade.

"... A adúltera:--proseguiu Fr. Roy acabando a phrase, porque ainda a devia, e era escrupuloso e pontual do desempenho do seu ministerio.

"Beguino!--atalhou D. Leonor com voz tremula de raiva--melhor fora que nunca essa palavra te houvesse passado pela boca; porque talvez um dia ella seja fatal para os que a tiverem proferido."

"Mas que faremos!!--murmurou elrei com gesto d'indizivel agonia.

"Havia ainda ha pouco tres expedientes,--respondeu D. Leonor, recobrando apparente serenidade--combater, ceder, fugir. O primeiro e ja impossivel; o segundo!... Porque nao o acceitas, Fernando? Prestes estou para tudo. Nao me veras mais, ainda que, longe de ti, por certo estalarei de dor. Cede a forca: os teus vassallos o querem; que-lo o teu povo. Esquece-te para sempre de mim!"

"Esquecer-me de ti? Nao te ver mais? Nunca! Obedecer a forca? Quem ha ahi que ouse dizer ao rei de Portugal:--rei de Portugal, obedece a forca?--Os peoes de Lisboa?! Porque sou manso na paz, nao creem que a minha espada no campo de batalha corte arnezes como a do melhor cavalleiro? Bons escudeiros e homens d'armas da minha hoste, por onde andaes derramados? Dormis por vossas honras e solares? O povo vos acordara como me acordou a mim; bramira como os lobos da serra ao redor de vossas moradas; saltar-vos-ha no meio de vossos banquetes, por entre o ruido de vossos folgares. No ardor de vossos amores dir-vos-ha:--desamae!--Elle ousa ja dizer-lo a seu rei e senhor... Oh desgraçado de mim, desgraçado de mim!"

"Nao queres, pois, deixar-me entregue a minha estrella?--disse D. Leonor, com voz entre de choro e de ternura, abracando pelo pescoco o pobre monarcha, e chegando a sua fronte suave e pallida as faces afogueadas de D. Fernando, que n'uma especie de delirio olhava espantado para ella.

"Nao, nao! Viver contigo, ou morrer contigo. Cahirei do throno, ou tu subiras a elle."

Um sorriso quasi imperceptivel se espraizou pelo rosto de Leonor Telles, que, recuando e tomando uma postura resoluta e ao mesmo tempo de resignacao, proseguiu com voz lenta mas firme:

"Entao resta o fugir."

"Fugir!--exclamou elrei. E esta palavra so era mais expressiva que narraçao bem extensa dos atrozes martyrios que o malaventurado curtia no coracao irresoluto mas generoso, com a ideia de um feito vil e covarde em qualquer escudeiro, vilissimo e torpissimo n'um rei de Portugal, em um neto de Affonso IV.

Elrei olhou para ella um momento. Era sereno o seu rosto angelico, semelhante ao de uma dessas virgens que se encontram nas illuminuras de antigos codices, o segredo de cujos toques, perdido no fim do seculo quinze, a arte moderna a muito custo pode fazer resurgir. O mais experto physionomista difficulosamente adivinharia a negrura d'alma que se escondia debaixo das puras e candidas feicoes de

D. Leonor, se nao fossem duas rugas que lhe desciam da fronte e se uniam entre os sobr'olhos, contrahindo-se e deslizando-se rapidamente, como as vesiculas peconhentas das fauces d'uma vibora.

"Seja, pois, assim! Fujamos:"--murmurou D. Fernando com o tom e gesto com que o suppliciado daria no alto do patibulo o perdao ao algoz.

D. Leonor tirou do largo cincto, com que apertava a airosa cinctura, uma bolca de ouropel, e atirou com ella aos pes do beguino, que, de maos cruzadas sobre o peito e os olhos semi-abertos cravados na abobada do aposento, parecia extatico e engolfado nos pensamentos sublimes do ceu.

"Vinte dobras de D. Pedro por teu soldo, beguino: vinte pelo teu silencio. O resto da recompensa te-lo-has um dia, se a adultera atravessar triumphadora o portal por onde vae sair fugitiva."

O rir affavel de que estas palavras foram acompanhadas fizeram correr um calafrio pela medulla espinal do ichacorvos, cujas pernas vacillaram. Mas o contacto das quarenta dobras, que uniu immediatamente ao peito debaixo do escapulario, lhe restituiram o vigor natural.

Elrei havia-se assentado, quasi desfallecido, no escabello unico do aposento, e o seu aspecto demudado infundia ao mesmo tempo terror e compaixao. Quando o beguino alevantou a bolca, D. Fernando fitou nelle os olhos e estendeu a mao para o reposteiro sem dizer palavra.

Fr. Roy curvou a cabeça, cruzou de nova as maos sobre o peito, e, recuando ate a porta, desapareceu no corredor escuro por onde entrara.

Apenas os passos lentos e pesados do ichacorvos deixaram de soar, D. Leonor encaminhou-se para uma janella que dava para um vasto terrado, e affastou a cortina que servia durante o dia de mitigar a excessiva luz do sol. A noite ia em meio do seu curso, como o indicava o mortico das tochas, que mal allumiavam o aposento, e a lua, ja no mingunte, comecava a subir na abobada do firmamento, mergulhando no seu clareao sereno o brilho esplendido das estrellas. A janella estava aberta, e o escabello d'elrei ficava proximo e fronteiro: o luar batia de chapa no rosto bello e triste de D. Fernando, que, embebido no seu amargurado scismar, parecia alheio ao que passava a roda delle, e esquecido de que lhe restavam poucas horas para poder levar a cabo a resolucao que tomara. Leonor Telles, encostada ao mainel da janella, poz-se a olhar attentamente. A cidade dormia; e apenas o ladro de algum cao cortava aquella especie de zumbido, que e como o respirar nocturno de uma grande povoacao que repousa. La em baixo uma faixa tremula, semelhante a uma ponte de luz, cortava obliquamente o Tejo, d'onde mais largo se encurva pela margem esquerda. Os mastros de milhares de navios, emparelhados com a cidade desde Sacavem ate o promontorio

onde campeava fora dos arrabaldes de S. Francisco, formavam uma especie de floresta lancada entre a cidade e a sua immensa bahia. Desde o terrado, para o qual dava a janella, ate o rio, o bairro dos judeus, pendurado pela encosta ingreme e fechado com travezes e cadeias nos topos das ruas, desenhava uma especie de triangulo, cuja base assentava sobre o lanco oriental da muralha mourisca, e cujo vertice, voltado para o occidente, se coroava com a synagoga, abrigada a sombra do vulto disforme da cathedral. Pouco distante do terrado, entre o palacio e a judearia, a claridade da lua batia de chapa em um terreiro irregular, rodeado de mesquinhas e meio-arruinadas casas, que pela maior parte pareciam deshabitadas. No meio delle o que quer que era se erguia semelhante ao arco de um portul romano. Parecia ser uma ruina, um fragmento de edificio da antiga Olisipo, que esquecera alli aos terremotos, as guerras e aos incendios, e ao qual finalmente chegara a sua hora de desabar, porque uma alta escada de mao estava encostada a verga que assentava sobre os dous pilares lateraes e os unia, como se alli a tivessem posto para, em amanhecendo, os obreiros poderem subir acima e derribarem-no em terra.

Era para esse vulto que D. Leonor se pozera a olhar attentamente.

Depois voltou o rosto para elrei, que, com a cabeça baixa, os bracos estendidos, e as maos encurvadas sobre os joelhos, parecia vergar sob o peso da sua amargura: contemplou-o com um gesto de compaixao por alguns momentos, e, estendendo para elle os bracos, exclamou:

"Fernando!"

Havia no tom com que foi proferida esta unica palavra um mundo de amor e voluptuosidade; mas no meio da brandura da voz de Leonor Telles havia tambem uma corda aspera; a lguma cousa do rugir do tigre.

Elrei deu um estremecao, como se pelos membros lhe houvera coado uma faisca electrica; ergueu-se e atirou-se a chorar aos bracos de Leonor Telles.

"Amanhan--disse elle com voz affogada,--o rei mais deshonorado da christandade serei eu: o cavalleiro mais vil das Hespanhas sera D. Fernando de Portugal. Que me resta? So o teu amor; mais nada. Porque nao me pedem antes a coroa real, que para mim tem sido coroa de espinhos? Dera-a de boa vontade. Oh Leonor, Leonor! serias a mulher mais perversa se um dia me atraicoasses."

Um beijo da adultera cortou as lastimas d'elrei. A formosura desta mulher tinha um toque divino a claridade da lua. D. Fernando, embriagado d'amor, esqueceu-se de que poucas horas lhe restavam para fugir do seu povo enganado e ludibriado por elle.

"Fernando!"--proseguiu D. Leonor--"jura-me ainda uma vez que seras sempre meu, como eu serei sempre tua."

Dizendo isto, afastou-o brandamente de si.

"Juro-t'ó uma e mil vezes pela fe de leal cavalleiro que ate hoje fui. Juro-t'ó pelo ceu que nos cobre. Juro-t'ó pelos ossos de meu nobre e valente avo, que alli dorme juncto ao altar-mor da se, debaixo das bandeiras infieis que conquistou no Salado. Juro-t'ó por mais que tudo isso: juro-t'ó pelo meu amor!"

"Bem esta, rei de Portugal!--atalhou D. Leonor.--Agora so uma cousa me resta para te pedir. Nao e favor; e justica."

"Nao me pecas Lisboa, que essa sabe Deus se tornara a ser minha, rica, povoada e feliz como eu a tornei, ou se repousarei ainda a cabeça nestes pacos de meus antepassados, passando por cima das ruinas dela! Nao me pecas Lisboa, que talvez amanha deixe de me chamar seu rei: do resto de Portugal pede-me o que quizeres."

"Quero que me des as minhas arrhas: quero o preco do meu corpo, segundo foro de Hespanha."

"Villa-vicosa e alegre como um horto de flores, e Villa-vicosa dar-t'a-hei eu. O castelo d'Obidos e forte e roqueiro: sao numerosos e prestes para a defesa os seus engenhos, e o castello d'Obidos sera teu. Cintra pendura-se pela montanha entre lencoes d'aguas vivas, e respira o cheiro das hervas e flores que crescem a sombra das penedias: podes ter por tua a Cintra. Alemquer e rica no meio de suas vinhas e pomares, e Alemquer te chamara senhora."

"Guarda as tuas villas, D. Fernando, que eu nao t'as peço em dote: quero apenas uma promessa de cousa de bem pouca valia."

"De muita ou de pouca, nao me importa! Dar-te-hei o que me pedires."

D. Leonor estendeu a mao para a especie de portada romana, que se erguia solitaria no meio do terreiro deserto:

"E alli que tu me daras o preco do meu corpo, se um dia a cerviz da orgulhosa Lisboa se curvar debaixo de teu jugo real."

Elrei lancou um rapido volver d'olhos para onde Leonor Telles tinha o braco estendido, mas recuou horrorizado. O vulto que negrejava no meio do terreiro, era o patibulo popular e peao: era a forca, tetrica, temerosa, maldicta!

"Leonor, Leonor!--disse elrei com um som de voz cavo e debil--porque vens tu misturar pensamentos de sangue com pensamentos d'amor? Porque interpoes um instrumento de morte e de affronta entre mim e ti? Porque preferes o fructo do cadafalso as villas e castellos de que te faco senhora? Porque trocas a estola do clerigo que ha-de unir-nos pelo baraco aspero do algoz?"

"Rei de Portugal!--respondeu a mulher de Joao Lourenco da Cunha

com um brado de furor--ainda me perguntas porque o faco? Tu nunca seras digno do sceptro de teu pae! Queres saber porque ajuncto pensamentos de sangue a pensamentos d'amor? E porque esses de quem eu o peço pediram tambem o meu sangue. Queres saber porque interponho entre mim e ti um instrumento de morte e d'affronta? E porque o teu bom povo de Lisboa quiz tambem interpor entre nos a morte, e saciar-me de affrontas. Queres que te diga porque prefiro o fructo do cadafalso as villas e castellos que me offereces? E porque para os animos generosos nao ha vender vingancas por ouro. Vinganca, rei de Portugal, te pede em dote a tua noiva! Jura-me que um dia os teus vassallos que me perseguem serao tambem perseguidos, e que essa vil plebe, que cobre de injurias e pragas o meu nome, porque te amo, o amaldicoem, porque levo os seus caudilhos ao patibulo. Este e o preco do meu corpo. Sem esse preco a neta de D. Ordonho de Leao[2] nunca sera mulher de D. Fernando de Portugal."

E com um braco estendido para o logar sem nome[3] do supplicio, e com o outro curvado como quem affastava de si elrei, esta mulher vingativa era sublime de atrocidade.

"Tens razao, Leonor:--disse por fim D. Fernando, depois de largo silencio, em que os affectos inconstantes do seu character voluvel mudaram gradualmente.--Tens razao. A futura rainha de Portugal tera o seu desagravo: as linguas que te offenderam calar-se-hao para sempre: os coracoes que te desejaram a morte deixarao de bater. No meu throno, ate aqui de mansidao e bondade, assentar-se-ha a crueza. Com Judas o traidor seja eu sepultado no inferno se faltar ao juramento que te faco de lavar em sangue a tua e a minha injuria."

A estas palavras o aspecto severo de Leonor Telles mudou-se em um sorrir de inexplicavel docura.

"Oh, como te hei-de amar sempre!"--murmurou ella. E estas palavras cahiam de seus labios meigos e suaves como o arrulhar de pomba amorosa.

Um beijo ardente, que sussurrou levado nas asas da brisa fresca da noite, assellou este pacto de odio e d'exterminio.

[1] Isto era escripto em 1844.

[2] A familia de Leonor Telles suppunha-se descender de D. Ordonho II, rei de Leao.

[3] Logar sem nome. Nos pelo menos nao nos atrevemos a por-lh'o. Sabemos so que em tempos remotos a forca esteve perto da igreja de S. Joao da Praca, freguezia cuja existencia data pelo menos do tempo de D. Affonso III. (Mem. para as Inquir. Doc. 2.) Talvez o terreiro ou praca em que ella estava desse o cognome a parochia. Desconfiamos, todavia, de que este terreiro se estendesse para o lado oriental da se, e que nesse caso o

nome fosse Aljami. D. Joao I fez merce em 1392 ao bispo de Lisboa D. Martinho (Chancel. de D. Joao I, L. 2. deg.) de uns pardieiros no chao d'Aljami, que partem com os pacos do dito bispo, para fazer umas casas e torre. Os pacos dos bispos ficavam para o lado oriental da se. Alem d'isso Aljami parece derivar-se do arabico aljamea, que significa o laco com que se amarram o pescoco e as maos.

Um bulhao e uma agulha d'alfaiate

O sol, que havia mais de meia hora subira do oriente cingido da sua aureola de vermelhidao, no meio da atmospha turva e cinzenta de um dia dos fins de agosto, dava de chapa no rocio ou praca onde avultava o mosteiro de S. Domingos, rodeado de hortas e pomares, que verdejavam pelo valle da Mouraria ao oriente, e pelo de Valverde ao norte. Ja muitos besteiros e peoes armados de ascumas se derramavam ao longo da parede dos pacos de Lancarote Pecanha fronteiros ao mosteiro, descendo uns por entre as vinhas d'Almafalla[1], outros do arrabalde da Pedreira, ou bairro do almirante[2], outros da banda da alcacova, outros, enfim, desembocando das ruas estreitas e irregulares que iam dar a opulenta e celebre rua-nova[3]. Homens e mulheres apinhavam-se aos dez e aos doze no meio da praca e as bocas das ruas; falavam, meneavam-se, riam, cbamavam-se uns aos outros. As vezes aquella mo de gente, cujo vulto engrossava de minuto para minuto, agitava-se como a superficie de um pego passando o tufao. Incerta, vacillante, informe, subitamente se configurava, alinhava-se, e semelhante a triangulo enorme, a quadrella gigante desfechada de trom monstruoso, vibrava-se contra a vasta alpendrada do mosteiro, cujas portas ainda estavam fechadas. Ahi hesitava, ondeava e retrahia-se, como resultaria a folha cortadora de uma acha d'armas quando nao podesse romper as portas chapeadas de forte castello. Entao aquella multidao tomava a forma de meia lua, cujas pontas se encurvavam pelos lados de Valverde e da Mouraria, e vinham topar uma com outra por baixo do bairro ladeirento da Pedreira, d'onde, confundindo-se e irradiando-se de novo, se espalhavam pela vastidao do terreiro. O povo, que dorme as vezes por seculos, fora accommettido d'uma das suas raras insomnias, e vivia essa possante vida da praca publica, em que de ordinario e ridiculo e feroz; mas em que nao raro e sublime e terrivel.

Era a manhan immediata a noite em que occorreram os successos narrados antecedentemente: o povo preparava-se para uma lucta moral com o seu rei, mas nao se descuidara de vir prestes para uma lucta physica, se D. Fernando quizesse appellar para esse ultimo argumento. Era a primeira vez neste reinado que a arraya-miuda dava mostras da sua forca e reivindicava o direito de dizer armada--nao quero!--O elemento democratico erguia-se para influir activamente na monarchia; enxertava-se nella como principio politico a par da aristocracia, que com a manopla de ferro arrojava a plebe contra

o throno, sem pensar que brevemente este, conhecendo assim a força popular, se valeria della para esmagar aquelles que ora sopravam os animos a revolta, e davam ao vulgo uma nova existencia.

A hora aprazada para a vinda d'elrei ainda nao havia batido; mas o povo, orgulhoso da importancia que subitamente se lhe dera, embevecido na idea de que obrigaria elrei a quebrar os lacos adulterinos que o uniam a Leonor Telles, nao media o tempo pelo curso do sol, mas pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalhara a voz de que D. Fernando chegara, e duas vezes o povo correria para o alpendre do mosteiro. As portas da igreja estavam, porem, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que, formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas profundas, sobre os columnellos ponteagudos que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios, avultados na pedra dos capiteis por entre as folhagens de carvalho e de lodao, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, escarnecerem da colera popular, que, lenta como os estos do oceano, começava a crescer e a trasbordar. Apenas la dentro se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do orgao e do cantochoao monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era entao que o povo escutava: e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que saiam de mil bocas, e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos canticos que reboavam dentro da igreja, e que transsudavam por todos os poros do gigante de pedra um murmurio de paz, de resignacao e de confianca em Deus.

O povo, porem, era como os homens robustos do Genesis: era impio, porque era robusto.

O dia crescia, e crescia com elle a desconfianca. As noticias corriam encontradas: ora se dizia que elrei cedera aos desejos dos seus vassallos e dos peoes, e que viria annunciar ao povo a sua separacao de Leonor Telles; ora pelo contrario se asseverava que elle era firme em sustentar a resolucao contraria. Havia ate quem asseverasse que na alcacova e no terreiro de S. Martinho se começavam a ajunctar homens d'armas e besteiros. A colera popular crescia, porque a aticava ja o temor.

No meio de uma pilha de galeotes, carniceiros, pescadores, moleiros, lagareiros e alfagemes, dous homens altercavam violentamente: eram Ayras Gil e Fr. Roy: objecto da disputa Fernao Vasques; arguente o petintal; defendente o beguino.

"Que nao vira, vos digo eu:--gritava Ayras Gil.--Disse-m'o Garciodonez, o mercador de pannos, que mora ao cabo da rua-nova, aos acougues, defronte das taracenas d'elrei."

"Mentiu pela gorja como um perro judeu:--replicou Fr. Roy--Nao era Fernao Vasques homem que faltasse a este auto, tendo-o a

arraya-miuda elegido por seu propoedor."

"Medo ou dobras do paco podem tapar a boca aos mais ousados, e faze-los dormir ate deshoras--retrucou o petintal.

"Que fazem falar as dobras do paco, sei eu:--tornou o beguino com riso sardonico, lembrando-se do que nessa noite passara:--medo sabeis vos que faz fugir: inveja sabemos nos todos que faz imaginar..."

"Descaro e gargantoice que faz mendigar:--interrompeu Ayras Gil, vermelho de colera, cerrando os punhos, e descahindo para o ichacorvos, como gale que vae afferrar outra em combate naval.

"Excommunicabo vos"--murmurou Fr. Roy, fazendo-se prestes para resistir ao abalroar do petintal.

E o vulgacho que estava de roda ria e batia as palmas.

N'isto os gritos de alcacer! alcacer! reboaram para outro lado da praca: o povo correu para la. Os dous campeadores voltaram-se: era o alfaiate.

Sem dizer palavra, o beguino olhou com gesto de profundo desprezo para Ayras Gil; e tomando uma postura entre heroica e de inspirado, estendeu o braco e o index para o logar onde passava Fernao Vasques. Depois partiu com a turbamulta que o rodeava, em quanto o petintal o seguia de longe, lento e cabisbaixo.

O alfaiate, cercado de outros cabeças da revolta da vespera, encaminhou-se para a alpendrada de S. Domingos. Trazia vestida uma saia[4] de valencina reforcada, calcas de bifa, capatos de pelle de gamo, chapeirao de ingres com fita de momperle, e cincta de couro, tudo escuro ao modo popular. Com passos firmes subiu os degraus do alpendre. D'alli, em pe, com os bracos cruzados, correu com os olhos a praca, onde entre o povo apinhado se fizera repentino silencio. Depois, tirando o chapeirao, cortejou a turbamulta para um e outro lado; os seus gestos e ademanes eram ja os de um tribuno.

"Alcacer, alcacer pela arraya-miuda! Alcacer por elrei D. Fernando de Portugal, se desfizer nosso torto e sua vilta, senao!..."

Esta exclamacao d'um alentado alfageme que estava pegado com a balaustrada do alpendre, foi repetido em grita confusa por milhares de bocas.

De repente da banda da rua de Gileanes sentiu-se um tropear de cavalgadas, que pareciam correr a redea solta: todos os olhos se volveram para aquella banda: muitos rostos empallideceram.

Uma voz de terror girou pelo meio das turbas.--"Sao homens d'armas d'elrei!"--Aquelle oceano de cabeças humanas redemoinhou a estas

palavras, e começou a dividir-se como o mar vermelho diante de Moyses. N'um momento viu-se uma larga faixa esbranquiçada cortar aquella superficie movel e escura: era ampla estrada que se abria desde a rua de Gileanes ate S. Domingos. As paredes desta adelgacavam-se rapidamente. Para a banda da Mouraria e da Pedreira os becos e encruzilhadas apinhavam-se de gente, e os reflexos dos ferros das ascumas populares, que erguidas scintillavam ao sol, comecaram a descer e a sumir-se como as luzinhas das bruxas em sitio brejoso aos primeiros assomos do alvorecer. Fernao Vasques olhou em redor de si: estava so. Descorou; mas ficou immovel.

Entretanto o tropear aproximava-se cada vez com mais alto ruido: os besteiros do concelho, postados ao longo dos pacos do almirante, eram talvez os unicos em quem o terror nao fizera profunda impressao: alguns ja haviam estendido sobre o braco da besta os virotes hervados, e revolvendo a pole faziam encurvar o arco para o tiro. Os besteiros de garrucha tinham ja o dente desta embebido na corda, promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus dos cavalleiros e escudeiros reaes. Do resto do povo os ousados eram os que recuavam; porque o maior numero voltava as costas e internava-se pelas azinhagas dos hortos de Valverde e vinhas d'Almafalla, ou trepava pelas ruas escuras e malgradadas do bairro do almirante.

Mas no meio deste susto geral apparecera um heroe. Era Fr. Roy. Ou fosse imprudente confianca no cargo occulto que lhe dera D. Leonor, ou fosse robustez d'animo, ou fosse finalmente a persuasao de que o habito de beguino lhe serviria de broquel, longe de recuar ou titubear, correu para a quina da rua d'onde rompia o ruido, e mirando pela aresta do angulo um breve espaco, voltou-se para o povo, e curvando-se com as maos nas ilhargas, desatou em estrondosas gargalhadas.

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do ichacorvos, o povo comecou a refluir para a praca. Aquellas risadas produziam mais animo e entusiasmo que os quarenta seculos vos contemplam de Napoleao, na batalha das Pyramides. Os amotinados recobram n'um instante toda a anterior energia.

Esta scena tinha sido rapidissima: todavia ainda grande parte dos populares hesitava entre o ficar e o fugir, quando se conheceu claramente a causa daquelle temor que apertara por algum tempo todos os coracoes. Era a corte que chegava.

Montados em mulas possantes, os officiaes da casa real, os ricos-homens, conselheiros e juizes do desembargo vinham assistir ao auto solemne, em que da boca d'elrei a nacao devia ouvir ou uma resolucao conforme com os desejos tanto da arraya-miuda como dos senhores e cavalleiros, ou a confirmacao de um casamento, mal agourado por muitos nobres e por todos os burguezes, e condemnado de um modo nada duvidoso por estes ultimos. No meio das variadas cores dos trajos cortezaos negrejavam as garnachas dos letrados e clerigos do paco, e entre o reluzir dos esplendidos arreios

das mulas alentadas e fogosas dos vassallos seculares, dos alcaides-mores e senhores, viam-se rojar as gualdrapas dos mestres em leis e degredos, dos sabedores e letrados, que constituíam o supremo tribunal da monarchia, a curia ou desembargo d'elrei.

A numerosa cavalgada atravessou o terreiro por entre o povo apinhado, e em todos os rostos transluzia o receio acerca de qual seria o desfecho deste drama terrivel e immenso, em que entravam representantes de todas as classes sociaes.

Entre os membros daquela lustrosa companhia distinguia-se por seu porte altivo o conde de Barcellos, D. Joao Affonso Tello, tio de D. Leonor, a quem nos diplomas dessa epocha se da por excellencia o nome de fiel conselheiro. Quando os amores d'elrei com sua sobrinha comecaram, elle fizera, sincera ou simuladamente, grandes diligencias para desviar o monarcha de levar avante seus intentos. D. Fernando persistira, todavia, nelles, e entao o conde, junctamente com a infanta D. Beatriz[5] e com D. Maria Telles, irman de D. Leonor, suscitara a idea de a divorciar de Joao Lourenco da Cunha. O povo sabia isto, e posto que houvesse estendido a sua ma vontade a todos os parentes de Leonor Telles, odiava principalmente o conde como protector daquelles adulteros amores. Foi, portanto, nelle que se cravaram os olhos dos populares, que, tendo-se em poucas horas elevado ate a altura do throno, ousavam tambem dar testemunho publico do seu odio contra o mais distincto membro da fidalguia[6].

"Velha raposa, em que te pese, nao sera a adúltera rainha da boa terra de Portugal!--gritava um carnicheiro, voltando-se para uma velha que estava ao pe delle, mas olhando de traves para o conde que passava.

"Leal conselheiro de barregnicas, por quanto vendeste a honra do compadre Lourenco?--perguntava um alfageme, fingindo falar com um vizinho, mas lancando tambem os olhos para D. Joao Affonso Tello.

"Que tendes vos com o lobo que empece ao lobo?--acudiu um lagareiro calvo e acurvado debaixo do peso dos annos.--Deixae-os morder uns aos outros, que e signal de Deus se amercear de nos."

"O que elles mereciam--interrompeu uma regaleira--era serem alagantados[7]--com boas tiras de couro cru."

"E ella, tia Dordia?--acrescentou um ferreiro.--Conheceis vos a comborca? As varas a quizera eu: uma do alcaide no chumaco; outra do coitado nas costas della![8]"

"E costume, ergo direita a pena:--notou um procurador, que gravemente contemplava aquelle espectaculo, e que ate alli guardara silencio.

Estas injurias, que, como o fogo de um pelotao, se disparavam ao longo das extensas e fundas fileiras dos populares, iam ferir

os ouvidos do conde de Barcellos, que, fingindo não lhes dar atenção, empallidecia e corava successivamente, e mordia os beicos de colera.

De quando em quando o vociferar affrontoso da gentilha era affogado no ruido de risadas descompostas, mais insolentes cem vezes que as injurias; porque no rir do vulgo ha o que quer que seja tao cruel e insultuoso, que faz dar em terra o maior coracao e o animo mais robusto.

Entre os parciaes de D. Leonor que vinham naquella comitiva, viam-se, porem, muitos fidalgos e letrados, que ou eram pessoalmente seus inimigos, ou pelo menos desaprovavam alta e francamente a sua uniao com elrei. Diogo Lopes Pacheco era o principal entre elles, e o povo ao ve-lo passar saudou-o com um murmurio, que foi como a recompensa do velho pelas desventuras da sua vida, desventuras que devera a um caso analogo, a morte de D. Ignez de Castro.

Quando os fidalgos, cavalleiros e letrados da casa e conselho d'elrei se apearam juncto aos degraus do alpendre do mosteiro, o alfaiate, que viera misturar-se com o povo logo que desembocaram na praca, subiu apos elles, e esperou que se assentassem no extenso banco de castanho que corria ao longo da alpendrada. Depois voltou-se para a multidao apinhada ao redor:

"Se elrei ainda não e presente--disse em voz intelligivel e firme--ahi tendes para ouvir vossos agravamentos os senhores do seu conselho: porventura que elles poderao dar-vos resposta em nome de sua senhoria, e elle vira depois confirmar o seu dicto."

"Senhor Fernao Vasques, sois o nosso propoedor: a vos toca o falar!"--replicou um do povo.

"Assim o queremos! assim o queremos!"--bradou a turbamulta.

O alfaiate voltou-se entao para os cortezaos, conselheiros e letrados do desembargo d'elrei, e disse:

"Senhores, a mim deram carrego estas gentes que aqui estao junctas, de dizer algumas cousas a elrei nosso senhor, que entendem por sua honra e servico; e porque e direito escripto, que sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve de cessar no que ellas bem souberem dizer, vos outros que sois principaes partes neste feito, e a que isto mais tange que a nos, deveis dizer isto, e eu não; porem, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vos outros em ello não quereis por mao, mostrando que vos doeis pouco da honra e servico d'elrei....[9]"

"Cal-te, villao!--bradou, erguendo-se, o conde de Barcellos com voz affogada de colera, que ja não podia conter--se não queres que seja eu quem te faça resfolgar sangue, em vez de injurias,

por essa boca sandia."

O velho Pacheco poz-se tambem em pe, exclamando: "Conde de Barcellos, lembrae-vos de que os burguezes teem por costume antigo o direito de dizerem aos reis seus agravamentos, de se queixarem, e de os reprehenderem. Nos somos menos que os reis."

Fernao Vasques tinha-se entretanto voltado para o povo apinhado ao redor do alpendre, com o rosto enfiado, mas era de indignacao, e havia feito um signal com a cabeça. No mesmo instante o povo abrira uma larga clareira, e quando os fidalgos e conselheiros, attentos para o conde e para Diogo Lopes, voltaram os olhos para o rocio ao tropear da multidao, um semi-circulo de mais de quinhentos besteiros e peoes armados fazia uma grossa parede em frente dos populares.

Fernao Vasques encaminhou-se entao para D. Joao Affonso Tello, e com a mao tremula de raiva, segurando-o por um braco, disse-lhe:

"Senhor conde, vos sois que doestaes os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa; porque eu nada fiz senao repetir em voz alta o que cada um e todos me ordenaram repetisse. O que propuz, nao e meu. Eis seus auctores! Pelo que a mim toca, senhor conde, nao receio vossas ameacas. Quando o nobre despe o gibao de ferro para vestir o de tela, nao sei eu se este e mais forte que o do peao, e se tambem a sua boca nao pode golfar sangue como a de um pobre villao."

D. Joao forcejava por desasir-se do alfaiate, procurando levar a mao a cincta onde tinha o punhal; mas Fernao Vasques era mais forcoso, e o conde ja tinha entrado na idade em que costuma minguar a robustez do homem. Nao pode chegar com a mao ao cincto.

"Conde de Barcellos:--proseguiu o alfaiate com um sorriso--nao recorraes a esse argumento; porque eu tambem estou habituado a lidar com ferros azerados, ainda que mais delgados e curtos que o vosso bulhao."

Estas ultimas palavras, dictas em tom de escarneo, mal foram ouvidas: a grita na praca era ja espantosa; as injurias, as pragas, as ameacas, cruzando-se nos ares, produziam aquelle rouco e grande brado da furia popular, que so tem semelhanca com o ruido de tufao abysmando-se por cavernas immensas.

Os fidalgos e letrados tinham rodeado os dous contendores; os parciaes de D. Leonor o conde; os outros, cujo numero era muito maior, o alfaiate. E tanto estes como aquelles trabalhavam em apazigua-los, posto que todos os animos estivessem quasi tao irritados como os dos dous contendores.

Finalmente o conde cedeu. O aspecto da multidao, que se agitava furiosa, contribuiu, porventura, mais para isso que todas as razoes e rogativas dos fidalgos e cavalleiros, attonitos com o

espectaculo da ousadia popular; desta ousadia que, menoscabando as ameacas do primeiro entre os nobres, era mais incrivel que a da vespera, a qual apenas se atrevera ao throno.

Que fazia, porem, o nosso beguino no meio destes preludios de uma eminente assuada? E o que o leitor vera no seguinte capitulo.

[1] Hoje o monte da Graca.

[2] Hoje o bairro dentro da rua larga de Sao Roque, Chiado, Rua do Ouro, Rocio e Calcada do Duque.

[3] Hoje Rua dos Capellistas

[4] Muitos dos trajos civis do seculo decimo-quarto eram communs a ambos os sexos, ou pelo menos tinham nomes communs, como se pode ver da lei de D. Affonso IV acerca dos trajos.

[5] D. Beatriz era irman dos infantes D. Joao e D. Diniz e meia irman d'elrei.

[6] O titulo de conde era o de maior preeminencia entre nos, e Joao Affonso Tello era entao o unico que em Portugal tinha semelhante titulo.

[7] Acoutados.

[8] Segundo varios quadernos legaes do nosso direito consuetudinario e municipal, em certos casos applicava-se as mulheres casadas a pena de que resa o discurso do ferreiro. O alcalde vinha a casa da criminosa punha no chao um travesseiro, pegava d'uma vara e começava a bater em cima delle, fazendo-lhe o compasso o marido da culpada nas costas desta: tal era o modo por que as mulheres estavam as varas, pena que com menos aparato se applicava tambem aos homens por muitos e diversos crimes.

[9] Textual.--Veja-se Fernao Lopes, Chr. de D. Fernando, cap. 61.

## MIL DOBRAS PE-TERRA E TREZENTAS BARBUDAS

Mal Fernao Vasques travara do braco do conde de Barcellos, e a grita popular começara a atroar a praca, Fr. Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrara a quina que voltava para a Corredoura[1], e seguindo seu caminho por viellas torcidas e desertas, chegara a porta do ferro, d'onde, atravessando o contiguo e malassombrado terreirinho, em que os raios do sol apenas rapidamente passavam, embargados ao nascer pelos agigantados campanarios da cathedral, e ao declinar pelos pannos e torres da muralha mourisca, chegara esbaforido a S. Martinho. A porta

do paco estava fechada; mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capella-mor, e a tribuna communicava com o palacio por um passadico que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si, e escutou um momento: ninguem estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Fr. Roy atravessou o passadico e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim della havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou, e escutou de novo. Dentro altercavam tres pessoas: Fr. Roy bateu devagarinho tres vezes, e poz-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se aproximavam da porta; e uma voz esganicada e colerica perguntou;--"Quem esta ahi?"

"Eu:--respondeu o beguino.

"Quem e eu?--replicou a voz.

"Honrado D. Judas, e Fr. Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende falar a elrei ou a mui excellente senhora D. Leonor, para negocio de vulto."

"Abre, D. Judas, abre!"--disse outra voz, que pelo metal parecia feminina, e que soou do lado opposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos, e o ichacorvos entrou.

Era o logar em que Fr. Roy se achava uma quadra pequena, allumiada escacamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varoes de ferro, a qual dava para uma especie de saguao, ainda mais acanhado que o aposento. A abobada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por unico adereco muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrara na casa das arcas da coroa--do recabedo do regno. As duas personagens que ahi estavam, afora a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. Elrei, de pe, curvado sobre uma das arcas, com a fronte firmada sobre o braco esquerdo, folheava um desconforme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas taboas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pello[2].

D. Leonor, tambem em pe por detraz d'elrei, olhava attentamente para as paginas do livro. O que abrira a porta era o thesoureiro-mor D. Judas, grande affeicoado de D. Leonor e valido d'elrei. O judeu apenas voltara a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornara immediatamente para ao pe da arca a que elrei estava encostado, e proseguira a vehemente conversacao, cujos ultimos ecchos Fr. Roy ouvira ao aproximar-se...

"Mil dobras pe-terra e trezentas barbudas sao todo o dinheiro que o vosso fiel thesoureiro vos pode apurar neste momento, respigando como a pobre Ruth no campo do vosso thesouro, ceifado,

e bem ceifado (aqui o judeu suspirou) por aquelles que talvez menos leaes vos sejam. Jurar-vos-hei sobre a toura, se o quereis, que nao fica em meu poder uma pogeia."

Elrei nao o escutava. Apenas Fr. Roy entrara, D. Leonor se havia encaminhado para o ichacorvos, e, lancando-lhe um olhar escrutador, lhe perguntara com visivel anciedade:

"Beguinto, a que voltaste aqui?"

"A cumprir com minha obrigacao, apesar de vos me terdes dado hontem por quite e livre. Vim a dizer-vos que a estas horas talvez tenha ja corrido sangue no rocio de Lisboa, e que e espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho, e contra os senhores e fidalgos da casa e valia d'elrei."

Fora a palavra sangue que D. Fernando havia cessado de attender a voz esganicada do thesoureiro-mor, que continuava em tom de lamentacao:

"Bem sabeis, senhor, que tenho empobrecido em vosso servico, e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseraveis entre os filhos d'Israel. Aonde irei eu buscar dous mil maravedis velhos d'Alemdouro, que sao em moeda vossa trezentos e noventa mil soldos?[3]"

"Sangue, dizes tu, beguinto?--exclamou elrei--Oh, que e muito! A quem se atreveram assim esses populares maldictos?"

"Eu proprio vi o nobre conde de Barcellos travar-se com Fernao Vasques; mui grande numero de besteiros, e peoes armados de ascumas rodeavam ja o alpendre de S. Domingos, e os clamores de morram os traidores atroavam a praca."

"Que me deem o meu arnez brunido, a minha capelina de camal, e o meu estoque francez:--gritou D. Fernando escumando de colera.--Eu irei a S. Domingos, e salvarei os ricos-homens de Portugal, ou acabarei ao pe delles. Pagens! onde esta o meu donzel d'armas?"

"O teu donzel d'armas, rei D. Fernando,--interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor--segue com os outros pagens caminho de Santarem, montado no teu cavallo de batalha. Aqui so tens a mula de teu corpo[4] para seguires jornada."

"Mas o conde de Barcellos! O meu leal conselheiro, deixa-lo-hei despedacar pelos peoes desta cidade abominavel? Lembra-te de que e teu tio; que foi o teu protector, quando o braco de D. Fernando ainda se nao erguera para te coroar rainha."

"Rei de Portugal, es tu que deves lembrar-te d'elle, quando o dia da vinganca chegar. Entao cumprira que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje nao podes senao deixar entregue a sua sorte o nobre D. Joao Affonso e os senhores que sao com elle; mas nao te esqueca que se o seu sangue correr,

todo o sangue que derramares para o vingar sera pouco, como serao poucas todas as lagrymas que eu verterei sem consolacao sobre os seus veneraveis restos. Combateres? Ajudado por quem, n'uma cidade revolta? Os homens d'armas do teu castello quebraram seu preito, e tumultuam na praca: muitos de teus ricos homens estao conjurados contra ti: teu proprio irmao o esta. Partir! partir! Ha quantas horas sabes tu que a ultima esperanca esta no partir breve? Porque, depois de tantas hesitacoes, ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vinganca, se nao podermos salvar aquelles que, leaes a seu senhor, se foram expor a furia de homens refeces e crus, para esconder nossa fuga... fuga; que e o seu nome!"

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e labios esbranquicados da adúltera, e a affliccao e o temor comprimidos n'uma lagryma que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das rarissimas que derramara na sua vida.

Elrei tinha escutado immovel. Desacostumado a ter vontade propria, desde que (como dizia o povo) esta mulher o enfeiticara, ainda mais uma vez cedeu da sua resolucao, se nao de homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

"Partamos. E seja feita a vontade de Deus!"

"Amen--murmurou o ichacorvos.

"Beguino,--interrompeu D. Leonor, voltando-se para Fr. Roy--corre ja ao rocio, e dize em voz bem alta aos populares amotinados, que me viste partir com elrei caminho de Santarem. Talvez assim o conde seja salvo, porque a furia desses vis sandeus se voltara contra mim. Dize-o, que diras a verdade: quando la houveres chegado, o meu palafrem tera ja transposto as portas da cruz. Guardae-vos, mesquinhos, que elle a torne a passar com sua dona. Ichacorvos! esse dia sera aquelle em que a adúltera pague todas as suas dividas!"

Fr. Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentira na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Telles cravou nelle era diabolico, e a palavra--adúltera--proferida por ella, soava como um dobrar de campã, e vinha como involta n'um halito de sepulchro: o beguino arrependeu-se desta vez mui seriamente de ter sido tao miudo e exacto na parte official que apresentara na vespera. Calou-se, todavia, e saiu com o seu ademan do costume, cabeça baixa e maos cruzadas no peito.

Os tres ficaram outra vez sos.

"D. Judas, meu bom D. Judas:--disse elrei com um gesto de affliccao--eu nao entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua arithmetica. Estou certo de que nao deves ao thesouro real uma unica mealha, e de que nas arcas do haver nao existe senao o que tu dizes: mas de certo nao queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como um romeiro mendigo. Ao menos os dois

mil maravedis de ouro..."

"Ai!--suspirou o thesoureiro-mor--juro a vossa real senhoria que me e impossivel achar agora outra quantia maior que a de mil dobras pe-terra e trezentas barbudas."

"Fernando--atalhou Leonor Telles--ordena aos mocos do monte que ahi ficaram que enfriem as mulas: devemos partir ja. E tao meu affeicoado D. Judas, que com duas palavras eu obterei o que tu nao podeste obter com tantas rogativas."

Ella sorriu alternativamente com um sorriso angelico para elrei e para o thesoureiro-mor. D. Fernando obedeceu, e, alevantando o reposteiro que encobria uma porta fronteira aquella por onde entrara o beguino, desapareceu. O thesoureiro ia a falar; mas ficou com a boca semi-aberta, o rosto pallido, e como petrificado, vendo-se a sos com D. Leonor. Era que ja a conhecia havia largos tempos.

"D. Judas,--disse esta em tom mavioso--tu has-de fazer servico a elrei para esta jornada. Daras os dous mil maravedis velhos."

"Nao posso!--respondeu D. Judas com voz tremula e afogada.

"Judeu!--replicou D. Leonor, apontando para um cofre pequeno, que estava no canto mais escuro do aposento, coberto de tres altos de po--o que esta naquella arca?"

O thesoureiro-mor hesitou um momento, e depois balbuciu estas palavras:

"Nada ... ou para falar verdade... quasi nada. Bem sabeis que d'antes eu alli guardava algumas mealhas que me sobejavam da minha quantia, mas ha muito que nem essas poucas mealhas me restam."

"Vejamos, todavia:--tornou D. Leonor, cujo aspecto se carregava.

"Misericordia!--bradou D. Judas com indizivel agonia. Mas reportando-se, por um destes arrojios que inspiram os grandes perigos, procurou disfarcar o seu susto, continuando com um riso contrafeito:

"Misericordia, digo; porque fora mais facil achar entre os amotinados do rocio um homem leal a seu rei, do que eu lembrar-me agora do logar onde terei a chave de uma arca ha tanto tempo inutil e vazia."

"Perro infiel! eu te vou recordar quem pode dizer onde as havemos de achar."

"Estaes hoje, mui excellente senhora, merencoria e irosa:--replicou o thesoureiro-mor, trabalhando por dar as suas palavras o tom da galantaria, mas visivelmente cada vez mais enfiado e tremulo,--Assim

chamaes perro infiel ao vosso leal servidor, por causa d'uma chave inutil que se perdeu? Todavia, dizei quem sabe della, e eu a irei procurar."

"Generoso e leal thesoureiro!--interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava--nao te des a esse trabalho, por tua vida. Quem pode faze-la apparecer e um velho cao descrido, que mora na communa de Santarem. Eu sei de um remedio que lhe restituira a lingua a presteza d'uma lingua de mancebo de vinte annos. O seu nome e Issachar. Conhece-lo?"

"Alta e poderosa senhora, vos falaes de meu pobre pae!--respondeu o thesoureiro-mor, redobrando-lbe a pallidez.--Mas tractemos agora do que importa. Com mil e quinhentas dobras pe-terra e trezentas barbudas, que eu disse a meu senhor el-rei estarem prestes..."

D. Leonor lancou para o judeu um olhar d'escarneo, e proseguiu:

"Do que importa e que eu tracto. Sabes tu, meu querido D. Judas, que sejam as tuas dobras mil, ou mil e quinhentas, amanha a estas horas eu D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, estarei em Santarem? Ouviste ja dizer que, em nao sei qual das torres do alcacer, ha um excellente potro capaz de desconjuntar n'um instante os membros do mais robusto villao? Veiu-me agora a idea que o velho Issachar amarrado a elle deve ser gracioso, porque tendo vivido muito, constrangido a falar, ha-de contar cousas incriveis, quanto mais dizer onde esta uma chave, cujo paradoro elle nao pode ignorar. Nao achas tu tambem que e folganca e desporto digno de qualquer rainha o ver como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa annos?"

Um suor frio manou da frente de D. Judas, cujas pernas vacillantes se recusavam a suste-lo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas, o judeu tinha cahido de joelhos aos pes della.

"Por merce, senhora,--exclamou elle n'um trance horroroso de angustia--mandae-me acoutar como o mais vil servo mouro: mandae-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoae a meu velho pae, que nao tem culpa da pobreza de seu filho. Se eu tivera ou podera alcancar mais que as duas mil dobras e as quinhentas barbudas que offereci a meu senhor elrei..."

"Judeu!--atalhou D. Leonor--tu deves saber tres cousas: a primeira e que os tractos do potro sao intoleraveis; a segunda e que eu costumo cumprir as minhas promessas; a terceira e que se neste momento de aperto eu te podesse applicar o remedio, nao o guardaria para a ossada bolorenta de um lebreu desdentado."

"Vendido cem vezes,--prosequiu o thesoureiro-mor lavado em lagrymas, e procurando abraça-la pelos joelhos--eu nao poderia apresentar neste momento mais que a somma ja dicta de duas mil e quinhentas

dobras, e quinhentas barbudas, ainda que vossa merce me mandasse assar vivo."

"Es um louco, D. Judas!--interrompeu Leonor, affastando de si o judeu com um gesto de brandura.--Por uma miseria de pouco mais de quinhentas pe-terra consentiras que Issachar, que teu pae, honrado velho! pragueje nas ancias do potro contra o Deus de Abraham, de Jacob e de Moyses?"

O thesoureiro-mor conservou-se por alguns momentos calado, e na postura em que estava. Depois, passando o braco de revés pelos olhos, enxugou as lagrymas e ergueu-se. A resolucao que tomara era a de um desesperado que vae suicidar-se.

"Aqui estarao, senhora,--murmurou elle--os dous mil maravedis quando os quizerdes. Procurarei obte-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem a vossa partida."

"Adeus, meu mui honrado D. Judas:--disse D. Leonor sorrindo.--Nao perderas nada em ter cedido aos meus rogos."

Dicto isto, saiu pela mesma porta por onde saira elrei.

O judeu estendeu os bracos com os punhos cerrados para o reposteiro que ainda ondeava, levou-os depois a cabeça, d'onde trouxe uma boa porcao de melenas grisalhas. Feito isto, tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fora um saquitel pesado, sellado e numerado, e os dous mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos, e como se as forcas se lhe tivessem exaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de brucos sobre a pequena arca, e abraçado com ella desatou a chorar.

"Meu pobre thesouro, juncto com tanto trabalho!--exclamou por fim entre soluços.--Guardei-te neste cofre com medo de te ver roubado, e os salteadores vim encontra-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reaes das maos dos mordomos. Meus ricos dous mil maravedis de bom ouro, nao voltareis sosinhos quando vos tornardes a ajunctar com os vossos abandonados companheiros!"

Esta idea pareceu consolar de algum modo D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dois mil maravedis: desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: tornou-os a contar, e quando elrei entrou no aposento, ja prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que nao dava uma pogeia de mais da somma que lhe fora requerida em nome do potro da torre de Santarem[5].

"Oh,--exclamou elrei, lancando os olhos para cima do desalmado folio, sobre cujas paginas amarelladas estava empilhado o dinheiro --temos os dous mil maravedis?!"

"Saiba vossa real senhoria que felizmente tinha em meu poder uma somma pertencente a Jeroboao Abarbanel, o mercador da porta do mar, e de que nao me lembrava: ao basculhar as arcas dei com ella: a quantia esta completa, e o honrado mercador nao levava por certo mais de cinco por cento ao mez, emquanto os ovencaes de vossa senhoria nao vierem entregar no thesouro o producto dos direitos reaes vencidos. Entao pagar-lhe-hei, ate a ultima mealha, a quantia e seus lucros, se vossa senhoria nao ordena o contrario."

"Faze o que entenderes, D. Judas:--respondeu elrei, que nao o ouvira, attento a metter n'uma ampla bolca de argempel, que trazia pendente do cincto, os dous mil maravedis.--Tudo fio de ti, honrado e Seal servidor."

E recolhidos os maravedis, saiu. O judeu ficou so.

"No inferno ardas tu com Dathan, Core e Abiron, maldicto nazareno!!--murmurou elle.--Porem nao antes de eu haver colhido os dous...quero dizer, os tres mil e duzentos maravedis, que me tiraste com lanta consciencia quanta pode ter a alma tismada de um christao."

Feita esta jaculatoria ao Deus de Israel, D. Judas aferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, saiu pela porta fronteira, que tambem aferrolhou, e a bulha de seus passos, que se alongavam, soou atraves dos corredores por onde passara Fr. Roy, ate que por aquella parte do palacio tudo caiu em completo silencio.

[1] A Corredoura era uma rua, que, passando ao sope do monte do Castello, e por detraz de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para Valverde, (hoje passeio publico e Salitre).

[2] Para nao enfadarmos os leitores com um sem numero de notas declaramos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos sao exactos e da epocha, porque para taes descripcoes nos fundamos sempre em documentos ou monumentos.

[3] O maravedi velho de ouro ou de Alem Douro (chamado assim para o distinguir do maravedi de 15 soldos, que era aquelle pelo qual se regulavam as quantias dos que vingavam soldo ou maravedis, a que se chamava da Estremadura) valia 27 soldos, isto e, menos de libra e meia das antigas, cada uma das quaes era igual a 20 soldos. A dobra de ouro conhecida pelo nome vulgar de pe-terra, mandada lavar por D. Fernando, tinha o valor legal de 6 libras, e, portanto, era mui superior nominalmente ao antigo maravedi, excedendo em preco mais de quatro vezes. Todavia, bem pelo contrario, o valor real d'uma dobra pe-terra era inferior ao maravedi velho na razao de 20 para 32 1/2. A alteracao da moeda feita por D. Fernando no principio do seu reinado confundiu e

transtornou completamente o antigo systema monetario: as barbudas, das quaes havia 53 em cada marco da lei de 3 dinheiros, vinham a ser iguaes as libras novas deste rei, porque, produzindo ate ahi um marco da lei de 11 dinheiros 27 libras, ficou em a nova moedagem produzindo 165, o que dada a differença do toque entre o marco de lei e o marco das barbudas, tornava cada uma destas a mesma cousa que a libra. Por outra parte, equivalendo cada libra a 20 soldos, moeda sem valor intrinseco, vinha o marco de lei a ser representado por 3.900 soldos, e assim o antigo maravedi d'ouro correspondente a vigesima parte de um marco de prata, correspondia realmente a 195 soldos, ao passo que cada pe-terra, sendo o mesmo que 6 libras, nao valia mais de 120 soldos, isto e, ficava para aquella moeda na razao de 20 para 32 1/2.

[4] Os cavalleiros quando se punham a caminho costumavam cavalgar em mulas, como animaes mais rijos e possantes que os cavallos; nestes montava um pagem ou donzel. Veja-se principalmente a lei de D. Afonso III sobre os que vao a cas de elrei.

[5] Aquelles que nao conhecerem as opinioes, estado de civilisacao, e costumes da idade media, medirao o thesoureiro-mor D. Judas por um ministro de fazenda moderno, como, se nao nos engana a memoria, lhe chama com uma ignorancia deliciosa o marquez de Pombal em uma lei sobre os christaos-novos, e acharao inverosimil a scena antecedente, posto que esteja bem longe d'isso. A falta de christaos habilitados para tractarem materias de fazenda publica, obrigou os reis portuguezes a despresarem a lei das cortes de 1211, que os inhibia de empregarem judeus no seu servico. Mas esta necessidade nao podia destruir o profundo desprezo em que se tinha esta raca, olhada como abominavel em consequencia das conviccoes politicas e religiosas daquelles tempos, desprezo que em grande parte assentava em bons fundamentos. A ideia que se fazia de um judeu na idade media acha-se expressa na lei 23. daquellas cortes, e pinta melhor o pensar dessas eras a similhante respeito do que tudo quanto poderemos aqui escrever. "Os quaes judeus (diz o legislador) assy como testemunho da morte de Jesu-Christo devem a seer defesus, solamente porque som homees." Juncte-se a isto o character cruel, hypocrita e cubicoso de D. Leonor Telles, tao excellentemente pintado pelo grande poeta chronista Fernao Lopes, e poder-se-ha entao avaliar devidamente a verosimilhanca desta scena de imaginacao no meio de outras scenas da vida real desses tempos.

#### MESTRE BARTHOLOMEU CHAMBAO

Fr. Roy, saindo da casa das arcas, atravessara os corredores vizinhos; mas, em vez de seguir o que dava para o passadico de S. Martinho, tomara por uma escadinha escura aberta no topo da estreita passagem anterior a elle. Esta escadinha descia para o atrio do paco. O beguino, habituado pelo seu ministerio a entrar na morada real as horas mortas, e a sair nas menos frequentadas,

sabia por diuturna experiencia que a porta principal devia estar aberta, mas ainda erma, ao mesmo tempo que a igreja, por onde entrara, ja comecaria a povoar-se de fieis, porque, como e facil de suppor, as igrejas eram naquella epocha mais frequenadas que hoje. Desceu, pois, com passo firme, resolvido a encaminhar-se ao rocio, e a espalhar entre os amotinados a noticia da partida d'elrei.

Mas uma difficuldade imprevista lhe embargou os passos. Ou fosse que os acontecimentos da vespera obrigassem a maiores cautelas, nao havendo ainda entao exercito permanente, nem guardas pagas para defensao da pessoa real, cuja melhor proteccao estava na propria espada, ou fosse por qualquer outro motivo, a porta ainda se nao abrira! O beguino hesitou se devia retroceder para sair pela igreja, se esperar. As consideracoes que o tinham movido a seguir este caminho o obrigaram a ficar. Mettido no estreito e escuro vao da escada, o ichacovos assemelhava-se, involto nas suas roupas de burel, e reluzindo-lhe os olhos a meia luz que dava o pateo interior, a um moderno funcionario, que hoje, nesses mesmos pacos, e n'um desvao igual, talvez no mesmo sitio, mostra aos que entram o rosto banhado na hediondez da sua alma, esperando que a vindicta publica o convide a algum banquete de carne humana, e no esperar atroz rodea com as garras os ferros do seu covil, como um tigre captivo. O espia era alli, por assim dizer, uma preexistencia, uma harmonia pre-estabelecida do algoz.

Passara obra de meia hora, e o beguino comecava a impacientar-se mui seriamente quando sentiu pes de cavalgadura no pateo interior do edificio. D'ahi a pouco um donzel, trazendo na mao uma desconforme chave, e as redeas de uma valente mula enfiadas no braco, chegou a porta e comecou a abri-la. Era um dos donzeis d'elrei. Costumado a disfarcar a sua frequente entrada no paco sob a capa da mendicidade, e habituado a estender a mao a espera de alguns soldos que devotamente lhe atiravam senhores, cavalleiros e escudeiros, ao que elle retribuia com a longa lenda das suas oracoes em aleijado latim, Fr. Roy era acceito a quasi todos os moradores da casa d'elrei, que respeitavam a sua aparente sanctidade. Por isso, saindo do seu desvao, encaminhou-se para a porta.

"A madre Sancta Maria vos guarde de mau olhado, de feiticos e de ligamentos!--disse elle, chegando-se ao donzel, e fazendo sobresair esta ultima palavra.

"Vos aqui, Fr. Roy. por estas horas?--replicou o donzel, voltando-se admirado.

"Que quereis!--tornou o beguino.-Quando hontem os maldictos burguezes accometteram os pacos reaes com sua grita e revolta, estava eu aqui. Ai que medo tive! Escondi-me naquella desvao, e quando se fecharam as portas achei-me encurralado ca dentro como um emparedado em seu nicho. A minha profissao de paz e de religiao nao me consentia passar por meio de homens possuidos do espirito

de colera, e inspirados por Belzebuth, nem o susto me deixava animo desaffogado para ir rocar o burel do meu santo habito pelos trajos empestados dos filhos de Belial. Tambem a humildade e mortificacao christan se oppunham a que eu subisse a pedir gasalhado a algum de vos outros os moradores da casa de nosso senhor elrei. Assim, louvando a Deus por me conceder uma noite de padecimento, alli me deixei ficar sohre as lageas humidas, sobre as duras e agudas arestas dos degraus daquela escada. Agora, que a revolta e finda, consolado com as dores que me traspasam os ossos, e confiado na providencia de Jesu-Christo, vou-me ao meu gyro diario para ver se obtenho da caridade dos devotos a pitanca usual com que possa matar a fome de vinte e quatro horas, pela qual dou mil louvores ao justo juiz, que reina eternalmente nos altos ceus."

O beguino revirou beatificamente os olhos, e fez uma visagem entre afflicta e resignada, levando ao mesmo tempo a mao ao joelho, como se alli sentisse uma dor agudissima.

"Veneravel Fr. Roy!--atalhou o donzel com as lagrymas nos olhos--se tivesseis procurado o aposento dos donzeis, nos vos dariamos ao menos um almadrague para repousar, e repartiriamos comvosco da nossa cea. Mas o mal esta feito, e o peor e que para hoje nao vos posso offerecer abrigo. Vos credes, sancto homem, que a revolta e finda, e nunca ella esteve mais accesa. Sua senhoria vae partir ja da cidade ..."

"Sancta Maria vall! Sancto nome de Jesus! Accorrei-nos, virgem bemdicta!--interrompeu Fr. Roy.--Pois os populares teimam em sua assuada, e elrei deixa-nos aos coitados de nos, humildes religiosos e cidadaos pacificos, entregues ao furor dos peoes?"

"E que remedio, bom Fr. Roy?!--replicou tristemente o donzel.--Sem cavalleiros, escudeiros e besteiros nao se faz guerra, nem se desfazem assuadas, e nada d'isto tem elrei. Agora vou eu ao rocio avisar os senhores do conselho, os privados e fidalgos que la estao, que sigam caminho de Santarem, sob pena de incorrerem em caso de traicao se ficarem em Lisboa, por signal que elrei me recommendou procurasse avisar primeiro que ninguem sua merce o infante D. Diniz."

"No rocio, dizeis vos?--tornou o beguino arregalando os olhos.--Confesso que vos nao entendo."

Durante este dialogo o donzel tinha acabado de destrancar a porta do paco, cavalgado na mula que trazia de redea, e saido ao terreiro seguido de Fr. Roy, que coxeava, estorcia-se, e suspirava dolorosamente de quando em quando. Passo a passo, e sofreando a mula, caminho da se, o pagem narrou ao beguino todas as particularidades succedidas aquella manhan, as quaes Fr. Roy sabia melhor do que elle. Chegados defronte dos pacos do concelho, o pagem tomou pelo sope da alcacova e Fr. Roy pela porta do ferro, nao sem terem primeiro saido da bolca do donzel para a manga

do beguino alguns pilartes[1], e da boca deste para os ouvidos daquelle alguns latinorios pios devidamente escorchados.

Apenas passara o largo da se e transpozera a velha e soturna porta do ferro, Fr. Roy se achara perfeitamente sarado do seu tao agudo rheumatismo. Ligeiro como um galgo, desceu por entre as antigas terecenas reaes, e em menos de tres credos estava no pelourinho[2] Ahi viu cousa que o fez parar. Um homem vestido de valencina, e coberta a cabeça com um grande feltro, arengava a um troco de besteiros e peoes armados de lancas ou ascumas, de almarcovas ou cutellos: tinha nas mos um desconforme montante, e na cincta uma espada curta: a turba ora o escutava attentamente, ora prorompia em gritos confusos e estrondosos. Fr. Roy chegou-se. O homem do feltro amplo era o mestre tanoeiro Bartholomeu Chambao, que enthusiasmado proseguia o seu vehemente discurso sem reparar no beguino:

"Ja vo-lo disse: d'aqui ninguem bole pe antes d'elrei nosso senhor sair para S. Domingos. Nada de bulha fora de sazaio, que la estao os esculcas. Daremos mostra ao paco quando ahi for so a adultera. Se, como hontem, nos fecharem as portas, isso e outro caso. E preciso que isto se desfaca. A cobra peconhenta deve sair da toca. Nao digo que entao nao seja possivel esmagar-se-lhe a cabeça... N'um brandir de ascuma... Mas cautela, nao haja sangue!... Pelo menos de innocentes... Leaes e esforcados cidadaos desta mui leal cida... Safa, bruto!"

Esta peroracao inesperada com que mestre Bartholomeu interrompera o seu discurso, que se ia elevar ao apice da eloquencia, procedera de lhe ter descido a grossa e espacosa mao do ichacorvos sobre o hombro, que lhe vergara como se houvessem descarregado em cima delle uma aduella de cuba. A Fr. Roy occorrera uma idea abencoada, a de communicar a mestre Bartholomeu a nova que D. Leonor lhe recommendara espalhasse entre os amotinados; a nova da sua partida de Lisboa com elrei. O mendicante sabia que o tanoeiro era homem de bofes lavados, e que dentro de meia hora a noticia teria corrido toda a cidade. Assim se esquivava nao so a ser visto no rocio pelo donzel, de quem naquella instante se apartara, mas tambem a achar-se envolvido em qualquer desordem que semelhante noticia poderia produzir, attenta a irritacao dos animos. Alem d'isto a lembranca do arripio dorsal, que as ultimas palavras de D. Leonor lhe tinham causado, lhe fazia quasi desejar que o tanoeiro, encarregado (segundo percebera do fim da sua arenga) da commissao, que, na taberna de Folco Taca, Diogo Lopes incumbira a Fernao Vasques, podesse ainda desempenha-la, atalhando a fuga de D. Leonor. Estas consideracoes que lhe haviam passado rapidamente pelo espirito, e o ver que mestre Bartholomeu nao levava geito de acabar, o moveram a falar ao tanoeiro, que so o sentira quando elle lhe descarregara sobre o hombro a ponderosa mas amigavel palmada.

"Com mil e quinhentos satanazes!--exclamou mestre Bartholomeu, voltando-se e vendo ao pe de si o beguino.--Sabia que a mao da

sancta madre igreja era pesada; mas nao pensava que o fosse tanto!  
Que me quereis, Fr. Roy?"

"Dizer-vos que podeis mandar sair vossos esculcas de sua atalaia;  
porque poderiam chegar a curtir o inverno ahi antes de verem  
elrei chegar e passar para S. Domingos."

"Fr. Roy,--replicou o tanoeiro, fazendo-se vermelho de colera--para  
interromper-me com uma de vossas bufonarias nao valia a pena de  
me aleijardes este hombro!"

"Tomae como quizerdes as minhas palavras; chamae-me o que vos  
aprouver, bufao ou mentiroso, mas a verdade e que nao sera hoje  
que os populares falarao com elrei."

"Pois que, morreu dos feiticos da adultera, ou lornou-o invisivel  
algum encantador seu amigo?"

"Nem uma cousa nem outra: mas com estes olhos de grande peccador  
(aqui o ichacovos fez o gesto habitual de cruzar as maos sobre  
o peito) eu o vi sair para a banda da portada cruz..."

"Fr. Roy, olhae que estes honrados cidadaos vos escutam, e que  
o auto e mui grave para gastar truanices."

"Ja disse, mestre Bartholomeu, que falo verdade. Pelo bento  
cercilho do sancto-padre vos juro que hoje elrei nao dormira em  
Lisboa, segundo o geito que lhe vejo. Elle cavalgava uma possante  
mula de caminbo; n'outra ia uma dona coberta com um longo veu:  
seguiam-no donzeis, falcoeiros e mocos de monte. Ao passar ainda  
lhe ouvi estas palavras:--olhae aquelles villaos traidores como  
se junctavam: certamente prender-me quizeram, se la fora[3]!--Nao  
pude perceber mais nada. Que mais, porem, e preciso? Deixastes  
fugir a prea: agora catae-lhe o rasto."

"Traidor e elle, que nos ha mentido como um pagao!--bradou o  
tanoeiro sopesando o montante.--Mas que se guarde de outra vez  
trazer a Lisboa a adultera! Rainha ou barregan, arrancar-lhe-hemos  
os olhos. A arraya-miuda foi escarnida; mas nao o sera em vao.  
Que dizeis vos outros, honrados burguezes?"

"Escarnidos, escarnidos!--respondeu com grande grila o tropel.--Mas  
a fe que nunca a adultera sera rainha de Portugal. Morra a comborca!"

E no meio da alarida, as pontas das lancas e os largos ferros  
das almarcovas agitadas nos ares scintillavam aos raios do sol  
oriental como um vasto brazido.

"Ao rocio! ao rocio!--gritou mestre Bartholomeu.--Vamos, rapazes:  
ja que nao fazemos aqui nada, ao menos que o povo nao seja por  
mais tempo burlado!"

E pondo o montante as costas, mestre Bartholomeu tomou por uma

das ruas que davam para a banda de Valverde, seguido da turbamulta, e sem fazer caso de Fr. Roy, que procurava rete-lo, ponderando que ainda poderia alcançar elrei e faze-lo retroceder. O tanoeiro, porem, nao tinha valor para affrontar-se face a face com D. Fernando, e por isso fingiu nao ouvir o beguino, que dentro de alguns minutos se achou so no meio do terreiro calado e deserto.

Entretanto juncto a S. Domingos, se bem que a rixa comecada entre os nobres partidarios de Leonor e Fernao Vasques se houvesse desvanecido, a agitacao dos populares, cujo numero crescia continuamente, nao tinha diminuido. Encostado a um dos pilares do alpendre, o alfaiate ora lancava os olhos de reves para os senhores da corte e conselho, que, esperando por elrei, passeiavam de um para outro lado, ora os espraiaava por aquelle mar de vultos humanos, que elle sabia poder agitar ou tornar immoveis com uma palavra ou com um simples aceno. Semelhante a hora que precede a procella, em que apenas se veem correr na atmospheria abalada os castellos encontrados de nuvens densas e negras, e se ouve o estourar dos trovoes roufenhos e prolongados, aquella hora que entao passava era espantosa e ameacadora de estragos, sobretudo quando, apos um rugido terrivel do tigre popular, se fazia na praca apinhada de gente um silencio ainda mais temeroso e tetrico.

Foi n'uma destas interrupcoes do motim que um pagem, saindo ao galope do lado da corredoura, veio apeaar-se juncto do alpendre, e tirando da cincta um pergaminho aberto o entregou ao infante D. Diniz.

Este fitou os olhos na escriptura, descorou subitamente, e entregou o pergaminho a Diogo Lopes, dizendo-lhe ao mesmo tempo em voz baixa:

"Estamos perdidos!"

Diogo Lopes leu o conteudo naquelle escripto fatal, e no mesmo tom respondeu ao infante:

"O caminho de salvacao que nos resta e o de Santarem. Obediencia e circumspeccao!"

O pergaminho passou rapidamente de mao em mao: os fidalgos, letrados, e cavalheiros fizeram um circulo no meio do alpendre: e, depois de o haverem lido, fitaram uns nos outros olhos desassocegados. Todos receiavam falar. O manhoso Pacheco foi o primeiro que se atreveu a isso, aproveitando habilmente a hesitacao dos outros fidalgos e conselheiros.

"Vistes a ordem d'elrei. Como um dos mais velhos entre nos, direi meu parecer. Embora o risco seja grande achando-nos cercados de povo armado e furioso, o nosso dever e por a vida por obedecer a nosso senhor elrei."

"Mas,"--atalhou o doutor Gil d'Ocem, que por mui letrado e prudente

era ouvido como oraculo pelos cortezaos--"o caso e grave: o povo se nos vir retirar enviar-se-ha a nos: se lhes dizemos o motivo da nossa partida e capaz de desconcertos maiores que os ja commettidos."

"Sua senhoria nao devera ter-nos emprasado para este auto, se a sua intencao era nao dar resposta aos populares."

Visivelmente o doutor em leis e degredos estava tomado de medo, no que nao levava vantagem a maior parte dos outros membros do conselho real.

O conde de Barcellos guardava silencio. Nao podia conceber como D. Leonor o nao avisara a tempo, e por isso preocupava-o a indignacao, ignorando que a resolucao da fuga fora tomada mui tarde. Na vespera elle aconselhara a elrei que cedesse a tudo quanto o povo quizesse; porque dissolvido o tumulto, facil era chamar a corte os senhores e cavalleiros de mais confianca, acompanhados de gente do guerra, com que seria sopitado qualquer motim, se os populares ousassem oppor-se de novo a vontade de seu rei e senhor. D. Fernando aceitara o conselho, que, se nao era o mais leal, era ao menos o mais seguro; mas as revelacoes do ichacorvos, que o conde ignorava, tinham mudado, como o leitor viu, a situacao do negocio.

A reflexao de Gil d'Ocem estava em todas as cabecas, e por isso os cortezaos ficaram outra vez em silencio, como buscando um expediente para sair daquelle difficultoso passo: a incerteza, o despeito, o receio pintava-se nos rostos demudados de muitos.

E as vagas do oceano, que ameaçava traga-los, encapellavam-se aos pes deites: o povo, vendo os fidalgos erguidos e mudos n'um circulo, apinhava-se cada vez mais basto ao redor da alpendrada. Isto fazia crescer o temor, e o temor perturbava demais os animos para nao poderem achar um expediente acertado.

Era por isso que esperava o astuto Pacheco.

"De um lado a colera do povo: do outro os mandados delrei--disse, apertando com a mao a fronte, o velho conselheiro de Affonso IV.--Resta-nos so um arbitrio."

"Dizei, dizei!--clamaram a um tempo todos, a excepcao do conde de Barcellos, que fitou nelle os olhos desconfiados.

"E necessario que annunciemos a nova da partida d'elrei, e que sejamos os primeiros a affeiar este procedimento: e necessario que vamos adiante da indignacao dos peoes. Depois dir-lhes-hemos que, burlados como elles, nada fazemos aqui. Entao apartar-nos-hemos sem susto, e sairemos da cidade como podermos, na certeza de que nao serei eu o ultimo, apesar de velho, que cruze as portas da alcacova de Santarem."

"Mas quem ha-de falar em nosso nome?--perguntou Gil d'Ocem.

"No vosso, mestre Gil das Leis!--interrompeu o conde de Barcellos.--Nem o receio das affrontas do alguns milhares de sandeus, nem o da propria morte me obrigaria a cuspir maldiccoes sobre o nome daquelle a quem uma vez jurei preito e leal menagem."

"Viram impendere vero nemo tenetur"--replicou Gil d'Ocem--"ou, como quem o dissesse por linguagem, ninguem e obrigado a deixar-se matar por amor da verdade ou de seu preito. Vos fazei o que vos aprouver."

A auctoridade de um texto latino trazido assim a ponto por um tao insigne doutor, nao havia resistir. Os fidalgos e conselheiros approvaram quasi unanimemente o alvitre de Diogo Lopes.

"Mas quem ha-de falar ao povo?--insistiu o mestre em leis, que nao parecia excessivamente inclinado a incumbir-se dessa gloriosa tarefa.

"Eu, se assim o quizerdes"--replicou immediatamente Diogo Lopes.

O manhoso cortesao vira claramente que a partida d'elrei transtornava todos os seus desenhos: todavia calculara n'um momento como, sem suscitar a indignacao de Fernao Vasques, e por consequencia alguma revelacao perigosa, podia salvar-se e ao infante. Logo que elrei se esquivara a influencia do povo, de cuja ousadia o velho esperava tudo, o casamento de D. Leonor era inevitavel, e ainda suppondo, o que nao era de esperar, que o tumulto fosse avante, que Lisboa se rebellasse claramente contra D. Fernando, o resultado da guerra civil tinha muito maior probabilidade de ser favoravel a elrei, senhor do resto de Portugal, que ao povo, desprovido naquella conjunctura dos principaes meios com que poderia sustentar uma lucta intestina. Assim, o alvitre que offerecera para a salvacao dos cortezaos era so para se haver de salvar a si, conservando ao mesmo tempo a afeicao dos cabecas da revolta, sem que o meio que para isso devia empregar o fizesse decahir da graca de D. Fernando.

Para os calculos de Diogo Lopes faltaro, porem, um elemento: era a delacao do beguino; e era justamente, esta falta que os destruia todos. Assim e a politica.

O sacrificio de Diogo Lopes foi geralmente recebido com approvacao e agradecimento. Entao elle, saindo do circulo, aproximou-se a Fernao Vasques, que de quando em quando volvia os olhos inquietos para a pinha dos fidalgos e cavalleiros.

"Falhou a traca:--disse o velho cortezaos em voz sumida ao alfaiate.--Elrei acaba de sair da cidade."

Fernao Vasques recuou, e poz-se a olhar espantado para Diogo Lopes, como quem nao acreditava o que ouvia.

"O que vos digo e a verdade,--continuou Pacheco.--Mas nao affrouxar! Elrei de Castella e por nos, e bom numero de fidalgos portuguezes o sao tambem. Mais; sao por nos a maior parte dos que ora aqui vedes presentes. Conservae o bom animo do povo, e fiae o resto de mim e ... de quem vos sabeis."

Ao pronunciar estas palavras, Diogo Lopes lancou de relance os olhos para D. Diniz.

"Mas elrei tomara por mulher D. Leonor--acudiu o alfaiate aterrado:--voltara a Lisboa com seus cavalleiros e homens d'armas, e entao coitados de nos!"

"Nao temaes: o matrimonio adultero sera condemnado pelo papa. Vos ja tereis ouvido contar o que succedeu a elrei D. Sancho: a D. Fernando pode succeder o mesmo. Tambem os fidalgos de Portugal teem homens d'armas. Podeis estar certo de que nao vos abandonaremos. Agora resta uma cousa. Coube-me a mim dar esta triste nova aos bons e leaes burguezes, que tao ousadamente se oppozeram a deshonra da sua terra e de seu rei, e eu devo ser ouvido por elles. Mandae-lhes que facam silencio."

Fernao Vasques obedeceu: o ruido dos populares, que nao descontinuara durante esta scena, acalmou a um aceno do alfaiate.

Diogo Lopes fez entao um largo discurso, com o qual nao cansaremos os leitores, que pouco mais ou menos terao previsto como seria. Misturando amargas reprehensoes contra D. Fernando com lisonjas aos populares, procurou persuadi-los, posto que indirectamente, de que toda a fidalguia estava cheia de indignacao. Alludiu a resistencia por armas que elrei podia encontrar entre os ricos-homens de Portugal contra o seu casamento, e no caso de vir este a cabo, a probabilidade de ser annullado pelas censuras da igreja. Emfim, sem nunca lhes dizer claramente que insistissem na revolta, e tractassem, se fosse preciso, de defender a cidade contra o poder real, suscitou todas as ideas que podiam levar os populares a este excesso. Faltava o ponto difficultoso; o da partida dos fidalgos. Pacheco soube com a mesma ambiguidade dar esperancas aos peoes de que elles se encaminhavam para suas alcaidarias e honras com o louvavel intento de se aperceberem em soccorro dos burguezes de Lisboa, e com tal arte o fez, que os senhores e cavalleiros que se achavam em S. Domingos, sem exceptuar o proprio conde de Barcellos, nao viram nas suas palavras senao uma feliz inspiracao para os salvar da colera da arraya-miuda.

Durante aquella larga arenga esta guardara silencio, interrompido a espacos por um desses borborinhos, que sao como os annuncios das erupcoes do volcao popular. Pacheco, emfim, concluiu: mas o espectaculo que tinha diante de si o fez ficar immovel por alguns momentos; e estes foram terriveis. Aquelles centenaes de olhos avermelhados, scintillantes de furor, eravados nelle e nos outros fidalgos; aquellas bocas semi-abertas prestes a proromper

em brados de morte, eram como um pesadello diabolico, como uma vertigem de loucura. Os populares pareciam ainda escuta-lo, e nao poderem acreditar a deslealdade de D. Fernando de Portugal.

Os fidalgos aproveitaram este instante de torpor moral que precedia a procella. Desceram da alpendrada, e montando nas suas possantes mulas, encaminharam-se vagarosamente para a banda da corredoura. No meio da cavalgada, e rodeado dos cavalleiros mais bemquistos do povo ia o conde de Barcellos, e Diogo Lopes com os seus pagens fechava o sequito. Se houvessem atravessado a praca, o conde teria corrido grande risco; porque, ao dobrar o angulo do mesteiro, ja os doestos grosseiros e violentos voavam contra elle do meio do povo apinhado, e ate dois virotes de besta pareceu sibilarem por cima da sua cabeça. Mas apertando os acicates, os cavalleiros seguiram ao longo da corredoura, em quanto Diogo Lopes, victoriado pelas turbas, a quem com sorrisos retribuia aquellas mostras de affecto, obstava a que as ondas populares rodeassem o diminuto numero de cortezaos, alguns dos quaes tinham fundados motivos para receiar a irritacao desses animos ferozes, exaltados pela fuga d'elrei.

A cavalgada linha desaparecido, quando um troco de besteiros e peoes desembocou do lado da rua nova. Eram mestre Bartholomeu e a sua gente, que vinham confirmar a nova dada por Diogo Lopes Pacheco.

Mas as palavras que Fr. Roy dissera ter ouvido proferir a elrei, lancadas entre os amotinados como um facho sobre montao de lenha por onde lavra ha muito fogo occulto, levaram o tumulto a um ponto medonho. As affrontas, que ate ahi quasi so se encaminhavam contra Leonor Telles e seus parciaes, voltaram-se contra D. Fernando. As maldiecoes, as pragas, os nomes de traidor e covarde se ajunctavam as mais violentas ameacas. Uns juravam que nunca mais elle entraria em Lisboa; outros propunham que se lancasse fogo aos pacos reaes. Debalde Fernao Vasques trabalhava por aquieta-los; nem ja escutavam o seu idolo. Furiosos espalhavam-se pelas ruas, que atroavam com gritos, brandindo as armas; e por certo que se neste momento D. Fernando lhes tivesse apparecido, nao teriam talvez respeitado a vida do filho do seu tao querido D. Pedro I, o mais popular de todos os nossos reis, chamados da primeira dynastia.

Este motim sem objecto, sem resistencia, e sem resultado, acalmou nesse mesmo dia. Ao anoitecer, a cidade tinha cahido no seu habitual silencio, e pouco a pouco os fidalgos e cavalleiros, atravessando as portas da cruz, seguiam caminho de Santarem. O systema militar dos antigos parthos dera a victoria a elrei: elle vencera fugindo!

O povo adormeceu: os cabecas da revolta estavam irremediavelmente perdidos.

[1] Moeda de prata de cinco soldos.

[2] As terecenas ou taracenas reaes, isto e o deposito

dos aprestos das gales, de guerra, eram juncto ao sitio em que hoje vemos a igreja da Magdalena: o pelourinho velho ou Acougues era um terreiro que ficava pouco mais ou menos no fim da rua da Praia.

[3] Nom quis alla hir e partiose da cidade com D. Lionor, ho mais escusamente que pode, e hi a dizendo pello caminho; "Oulhaae, &c."--Fernaõ Lopes, chr. de D. Fernando c. 61.

#### UMA BARREGAN RAINHA.

O Douro e bem carregado e triste! A sua corrente rapida, como que angustiada pelos agudos e escarpados rochedos que a comprimem, volve aguas turvas e mal assombradas. Nas suas ribas fragosas raras vezes podeis saudar um sol puro ao romper da alvorada, porque o rio cobre-se durante a noite com o seu manto de nevoas, e atraves desse manto a atmospherã embaciada faz cahir sobre a vossa cabeça os raios do sol semi-mortos, quasi como um frio reflexo de lua, ou como a luz sem calor de uma tocha distante. E depois de alto dia que esse ambiente, semelhante ao que rodeava os guerreiros de Ossian, vos desoprime os pulmões, onde muitas vezes tem depositado já os germens da morte. Entao, se, trepando a um pinaculo das ribas, espraiaes os olhos para a banda do sertao, la vedes como uma serpente immensa e alvacenta, que se enrosca por entre as montanhas, e cujo colo esta por baixo de vossos pes: e o nevoeiro que se acama e dissolve sobre as aguas que o geraram. O horisonte ate ahi turvo, limitado, indistincto, expande-se ao longe, contornea-se dos cimos franjados das montanhas engastadas na cortina azul do horisonte, e a terra, a perder de vista, parece-nos um mar de verdura violentamente agitado; porque em desenhar as paizagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Angelo: foi robusta, solemne e profunda.

Como sobre um circo convertido em naumachia, o Porto ergue-se em amphitheatro sobre o esteiro do Douro, e reclina-se no seu leito de granito. Guardador de tres provincias, e tendo nas maos as chaves dos haveres dellas, o seu aspecto e severo e altivo, como o de mordomo de casa abastada. Mas nao o julgueis antes de o tractar familiarmente. Nao facaes cabedal de certo modo aspero e rude que lhe haveis de notar; trazei-o a prova, e achar-lhe-heis um coracão bom, generoso e leal. Rudeza e virtude sao muitas vezes companheiras; e entre nos, degenerados netos do velho Portugal, talvez seja elle quem guarde ainda maior porcao da desbaratada heranca do antigo character portuguez no que tinha bom, que era muito, e no que tinha mau, que nao passava de algumas demasias de orgulho.

Nos fins do seculo decimo-quarto o Porto ia ainda longe da sorte que o aguardava. O fermento da sua futura grandeza estava no

caracter dos seus filhos, na sua situacao e nas mudancas politicas e industriaes que depois sobrevieram em Portugal. Posto que nobre, e lembrado como origem do nome desta linhagem portugueza, os seus destinos eram humildes comparados com os da theocratica Braga, com os da cavalleirosa Coimbra, com os de Santarem a cortezan, com os de Evora a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Quem o visse coroado da sua cathedral, semi-arabe, semi-gothica, em voz de alcacer ameiado; soltoposta, em vez de o ser a torre de menagem, aos dous campanarios lisos, quadrangulares e macissos, tao diferentes dos campanarios dos outros povos christaos, talvez porque entre nos os architectos arabes quieram deixar as almadenas das mesquitas estampadas como um ferrete da antiga servidao na face do templo dos nazarenos; quem assim visse o burgo episcopal do Porto, pendurado a roda da igreja, e defendido antes por anathemas sacerdotaes, que por engenhos de guerra, mal pensaria que desse burgo submisso nasceria um emporio de commercio, onde dentro de cinco seculos, mais que em nenhuma outra povoacao do reino, a classe entao fraca e nao definida, a que chamavam burguezia, teria a consciencia da sua forca e dos seus direitos, e daria a Portugal exemplos de um amor tenaz d'independencia e de liberdade.

A populosa e vasta cidade do Porto, que hoje se estende por mais de uma legua desde o Seminario ate alem de Miragaia, ou antes ate a Foz, pela margem direita do rio, entranhando-se amplamente para o sertao, mostrava ainda nos fins do seculo decimo-quarto os elementos distinctos de que se compoz. Ao oriente o burgo do bispo, edificado pelo pendor do monte da se, vinha morrer nas hortas, que cobriam todo o valle onde hoje estao lancadas a praca de D. Pedro e as ruas das Flores e de S. Joao, e que o separavam dos mosteiros de S. Domingos e de S. Francisco. Do poente a povoacao de Miragaia, assentada ao redor da ermida de S. Pedro, trepava ja para o lado do Olival, e vinha entestar pelo norte com o couto de Cedofeita, e pelo oriente com a villa ou burgo episcopal. A igreja, o municipio, e a monarchia entre esses limites pelejaram por seculos suas batalhas de predominio, ate que triumphou a coroa. Entao a linha que dividia as tres povoacoes desapareceu rapidamente debaixo dos fundamentos dos templos e dos palacios. O Porto constituiu-se a exemplo da unidade monarchica.

Era neste burgo ecclesiastico, nesta cidade nascente, que por um formoso dia de janeiro da era de Cesar de 1410 (1372) se viam varridas e cobertas de espadanas e flores as estreitas e tortuosas ruas que pela encosta do monte guiavam ao burgo primitivo fundado ou restaurado pelos gascoes, se nao mentem memorias remotas[1]. Na rua do Souto, ja assim chamada, talvez pela vizinhanca de algum bosque de castanheiros[2], como principal entrada da povoacao, andavam as dancas judengas e folias mouriscas com musicas e trebelhos ou jogos, por entre o povo vestido de festa, o que era indicio evidente de que se esperava elrei, cuja vinda a qualquer povoacao era o unico motivo legal para fazer dançar e foliar judeus e mouros, que de certo nao folgavam com estes forcados e dispendiosos

signaes de contentamento publico.

Com effeito uma numerosa e esplendida cavalgada viha da banda do baillado de Leca, Elrei D. Fernando ajunctara em Santarem os seus ricos-homens e conselheiros: amestrado por Leonor Telles na arte de dissimular, recebera com todas as mostras de boa-vontade o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco, ao qual, para maior disfarce, nao escaceara merces[3]. Depois em folgares e cacadas vagueara pelo reino com D. Leonor, ate que em Eixo fizera um como manifesto da resolucao que tomara de a receber por mulher, o que neste dia cumprira na antiga igreja daquella celebre commenda dos Hospitalarios. Era, pois, para celebrar este matrimonio adultero, agourado pelas maldiccoes populares, que o bispo D. Affonso, menos escrupuloso que o povo de Lisboa acerca de adulterios, vestia de festa o seu mui canonico burgo[4].

A cavalgada, que se vira descer ao longo do valle, ja atravessava o rio da villa pela ponte do Souto[5] e encaminhava-se para uma antiga porta da povoacao primitiva, porta conhecida ainda hoje, como entao, pelo nome de Vandoma. Ao lado direito d'elrei ia D. Leonor, a rainha de Portugal: elle montado em um cavallo de guerra; ella em um palafrem branco, levado de redea desde a entrada da ponte pelo infante D. Joao, que familiarmente falava e ria com a formosa cavalleira. Da banda esquerda o bispo D. Affonso, curvado e enfraquecido pela velhice, oscillava e fazia cortezas involuntarias a cada passada da mansissima e veneranda mula episcopal. Juncto ao velho prelado o infante D. Diniz caminhava em silencio, e no aspecto melancolico do mancebo se divisava que uma profunda tristeza lhe consumia o coracao, vendo-se como atado ao carro triumphal da mulher que pouco a pouco se convertera em sua irreconciliavel inimiga. Apos estas principaes personagens via-se uma grande multidao de cavalleiros, clerigos, cortezaos, conselheiros, juizes da corte, companhia esplendida, por entre a qual brilhava o ouro, a prata, e as variadas cores dos trajos de festa, que sobresaíam no chao negro das vestiduras rocagantes dos magistrados e clerigos. Adiante d'elrei as dancas dos mouros e judeus volteavam rapidas ao som da viola ou alaude arabe, das trombetas e das soalhas. Segundo o antigo uso seguiam-se as dancas coros de donzellas burguezas, que celebravam cora seus cantos o amor e a ventura dos noivos[6].

Mas esse canto tinha o que quer que era triste na toada. Triste era tambem o aspecto dos populares, que sem um so grito de regosijo se apinhava para ver passar aquelle prestito real. Mil olhos se cravavam no infante D. Diniz, cujo rosto melancolico revelava que os seus pensamentos eram accordes com os do povo, que por toda a parte nao via neste consorcio senao um crime e uma fonte de desventuras. Os cortezaos, porem, fingiam nao perceber o que passava a roda delles, e pareciam transbordar de alegria. Muitos eram daquelles que mais contrarios haviam sido aos amores d'elrei, mas que vendo emfim D. Leonor rainha, voltavam-se para o sol que nascia, e calculavam ja quantas terras, e que somma de direitos reaes lhes poderia render da parte de um rei prodigo a sua mudanca

de opiniao.

Entre elles nao se via o tenaz e astuto Pacheco. Habitudo ao tracto da corte por largos annos, experimentado em todos os enredos dos pacos, habil em traduzir sorrisos e gestos, palavras avulsas e discursos fingidos, nao tardara em perceber que as merces e agrados d'elrei e de D. Leonor encobriam intentos de irrevogavel vinganca. Conhecendo que a sedicao popular fora inutil, e que, ainda renovada com mais furia, nao poderia resistir as armas de D. Fernando, havia-se affastado da corte, e posto que so nos fins desse anno elle passasse a servir o seu antigo protector e amigo D. Henrique de Castella, buscara entretanto esquivar-se ao odio da nova rainha, conservando ao mesmo tempo a boa opiniao entre o vulgo.

Abandonado assim do seu guia, o infante D. Diniz soffrera resignado um successo que nao podia embargar; mas, digno filho de D. Pedro, conservara intacta a sua ma vontade a D. Leonor. Abandonado dos seus parciaes, vendo, se nao trahida, ao menos quasi morta, e inactiva a allianca de Pacheco, e, para maior desalento, seu irmao mais velho o infante D. Joao ligado com essa mulher, da qual este principe mal pensava entao lhe viria a ultima ruina; no meio de tanto desamparo, o infante, a principio timido e irresoluto, sentira crescer a ousadia com os perigos; sentira girar-lhe nas veias o sangue paterno. Obrigado a seguir a corte, nunca D. Leonor achara um sorriso nos seus labios; nunca o vira conter diante della um so signal de desprezo. Assim a colera d'elrei contra seu irmao havia chegado ao maior auge, e os calculos de fria e paciente vinganca estavam resolvidos no animo de Leonor Telles.

A cavalgada tinha subido a encosta, atravessado a porta de Vandoma, que em parte ainda subsiste, e passado em frente da se, juncto da qual se dilatavam os pacos episcopaes. Ahi as dancas e folias pararam e fizeram por um momento silencio: entao o infante D. Joao, tomando nos bracos a formosa rainha, apeou-a do palafrem: apos ella elrei saltou ligeiro do seu fozoso e agigantado ginete. Dentro em pouco toda a comitiva tinha desaparecido no profundo portal dos pacos, e os donzeis conduziam os elegantes cavallos, as mulas inquietas e os mansos palafrens para as vastas e bem providas cavallaricas do mui devoto e poderoso prelado da antiga Festabole[7].

O aposento principal dos pacos, quadra vasta e grandiosa, estava de antemao ornado para receber os hospedes reaes do velho bispo D. Affonso. Um throno com dous assentos de espaldas indicava que a elle ia subir tambem uma rainha. D. Leonor entrou seguida das cuvilheiras e donzellas da sua camara; elrei de todos os principaes cavalleiros. Viam-se entre estes o alferes-mor Ayras Gomes da Silva, anciao veneravel, que fora seu aio, o orgulhoso mordomo-mor D. Joao Affonso Tello, Gil Vasques de Resende, aio do infante D. Diniz, o prior do hospital Alvaro Goncalves Pereira, e muitos outros fidalgos que ou seguiam a corte, ou tinham vindo

assistir as bodas reaes.

Guiada por D. Fernando, Leonor Telles subiu com passo firme os degraus do throno. Como o navegante, que, affrontando temporaes desfeitos por mares incognitos e aparcellados, e chegando ao porto longinquo, quasi que nao cre pisar a terra de seus desejos, assim esta mulher ambiciosa e audaz parecia duvidar da realidade da sua elevacao. A alma sorria-lhe a mil esperancas; a vida trasbordava nella. A seu lado um rei, a seus pes um reino! Era mais que embriaguez; era delirio. Ella sentia um novo affecto, um como desejo de perdao aos seus inimigos! Tremeu de si mesma, e convocando todas as forcas do coracao, salvou a sua ferocidade hypocrita, que parecia querer abandona-la. Era severo o seu aspecto quando esses pensamentos estranhos lhe passaram pelo espirito; mas o sorriso tornou a espraia-se-lhe no rosto, quando o instincto de tigre pode faze-la triumphar desse momento em que a generosidade costuma accommetter com violencia as almas vingativas e ferozes, o momento em que se realisa a summa ventura por largo tempo sonhada.

Do alto do throno e em pe, D. Fernando estendeu a mao: o tropel de cortezaos e cavalleiros, de donas e donzellas formaram aos lados da espacosa sala fileiras esplendidas, immoveis e silenciosas: elrei volveu olhos lentos para um e outro lado, e disse:

"Ricos-homens, infancoes, e cavalleiros de Portugal, um dos mais nobres sacramentos que Deus neste mundo ordenou foi o matrimonio: como para os outros homens, para os reis se instituiu elle; porque por elle as coroas se perpetuam na linhagem real. E por isso que eu desposei hoje a mui illustre D. Leonor, filha de D. Affonso Tello, descendente dos antigos reis, e ligada com os mais nobres d'entre vos pelo divido do sangue. Assim a rainha de Portugal sera mais um laco que vos una a mim como parentes, que de hoje avante sois meus. Leaes como tendes sido a vosso rei pelo preito que lhe fizestes, muito mais o sereis por este novo titulo. Em que pez a traidores, D. Leonor Telles e minha mulher! Fidalgos portuguezes, beijae a mao a vossa rainha.[8]"

O velho alferes-mor Ayras Gomes aproximou-se entao do throno a voz do seu moco pupillo; ajoelhou e beijou a mao a D. Leonor; mas o olhar que lancou para elrei era como o de pedagogogo que de mau humor se accomoda ao capricho infantil de um principe. Ao volver d'olhos do anciao, D. Fernando corou e voltou o rosto.

O infante D. Joao, porem, dobrando o joelho aos pes da formosa rainha, parecia trasbordar de alegria: contemplando-o Leonor Telles deixou assomar aos labios um daquelles ambiguos e quasi imperceptiveis sorrisos que, vindos della, sempre tinham uma significacao profunda. Por ventura que no infante D. Joao ella ja nao via mais que o precursor da humilhacao de D. Diniz, do seu capital inimigo.

Apos o infante os fidalgos vieram successivamente curvar-se ante D. Leonor. Boa parte delles eram como os capitaes vencidos seguindo

ao capitolio um triumphador romano. Podia-se com effeito dizer que, mau-grado desses que se rojavam a seus pes, ella conquistara o throno.

Toda a comprida fileira de nobres e officiaes da coroa tinha passado e ajoelhado no estrado real. Faltava um; e era este, que, menosprezando tantas frontes illustres por valor ou sciencia, por fidalguia ou riqueza, inclinadas perante ella, a mulher orgulhosa e implacavel esperava, cogitando no momento em que o mancebo ainda impubere, sem renome, sem poderio, celebre so por seu berco e pelo desgraçado drama da morte de D. Ignez, viesse tributar homenagem a que representava um papel analogo ao daquela desventurada, salvo na sinceridade do amor e na innocencia da vida.

Mas esse para quem D. Leonor mais de uma vez volvera rapidamente os olhos, considerava com os bracos cruzados aquelle espectaculo em perfeita immobildade, de que unicamente saira quando Gil Vasques de Resende, que estava a seu lado, se affastara, caminhando para os degraus do estrado. O mancebo apertara a mao do idoso aio, tremula da idade, com a mao ainda mais tremula de colera. Na conta de pae o tinha; venerava-o como filho, e a idea de o ver prostituir os seus cabellos brancos aos pes de uma aduitera o levava a esse movimento involuntario; involuntario, porque elle, naquella postura e naquella hora, nao fazia mais que colligir todas as forcas da alma para salvar a honra do nome de seus avos, do nome dos reis portugueses, esquecida por um de seus irmaos, e talvez mercadejada por outro em troco de valimento infame. O velho entendeu o que significava este convulso apertar de mao: duas lagrymas lhe cahiram pelas faces; mas obedeceu a elrei.

So faltava D. Diniz, que continuara a ficar immovel. Houve um momento de silencio sepulchral na vasta sala, e este silencio era para todos indefinido, mas terrivel.

D. Fernando poz-se a olhar fito para seu irmao, enleiado, ao que parecia, em scismar profundo.

Pouco a pouco todos os fidalgos que povoavam aquella immensa quadra se poderiam crer petrificados como as columnas gothicas, que sustinham as voltas ponteagudas do tecto, se nao fosse o respirar anciado e rapido que lhes fazia ranger sobre os peitos e hombros os seus ricos briaes[9].

Os labios d'elrei tremeram, como a superficie do mar encrespada pela leve e repentina aragem que precede immediatamente o tufao. Depois entreabrindo-os, com os dentes cerrados, murmurou:

"Infante D. Diniz, beijae a mao a vossa rainha!"

Foi um so o volver de todos os olhos para o moco infante: o sussurro das respiracoes cessara.

D. Diniz nao respondeu; encaminhou-se para o meio do aposento:

parou defronte do throno, e olhando em redor de si, perguntou com sorriso de amargo escarneo:

"Onde esta aqui a rainha de Portugal?"

"Infante D. Diniz!--disse elrei, cujo rosto o furor mal reprimido demudara.--Soffredor e bom irmao tenho sido por largo tempo: nao queiraes que seja hoje so juiz inflexivel do filho querido daquelle que tambem me gerou! Infante D. Diniz! beijae a mao da mui nobre e virtuosa D. Leonor Telles, como fez vosso irmao mais velho, de quem deveis haver vergonha.[10]"

"Nunca um neto do D. Affonso do Salado--replicou o infante com apparente tranquillidade--beijara a mao da que elrei seu irmao e senhor quer chamar rainha. Nunca D. Diniz de Portugal beijara a mao da mulher de Joao Lourenco da Cunha. Primeiro ella descera desse throno e vira ajoelhar a meus pes; que de reis venho eu, nao ella."

"De joelhos, dom traidor!--gritou D. Fernando, pondo-se em pe e descendo dous degraus do estrado.--De joelhos, vil parceiro de reveis sandeus! Se a taberna de Folco Taca vos ouviu fazer preito infame aos peoes de Lisboa, quebra-lo-heis diante de vosso rei: quebra-lo-heis, que vo-lo digo eu!"

D. Diniz viu entao que todos seus passos estavam descobertos: achava-se por isso a borda de um abysmo. Hesitou um momento; mas lembrou-se de que era neto do heroe do Salado, e precipitou-se na voragem.

"Vil e a mulher barregan e adultera, e essa e ambas as cousas. Traidor seria um rei de Portugal que assentasse o adulterio no throno, e vos o fizestes, rei deshonorado e maldicto de vosso Deus e do vosso povo! Quem neste logar e o vil e o traidor?"

O infante, acabando de proferir estas palavras, abaixou a cabeça e deixou descahir os bracos. Elle bem sabia que se seguia o morrer.

Apenas elrei se alevantara, D. Leonor, cujas faces se haviam tingido da amarellidao da morte, tinha-se erguido tambem. Naquelle rosto, semelhante ao de uma estatua de sepulchro, apenas se conhecia o viver no profundar, cada vez maior, das duas rugas frontaes que se lhe vinham junctar entre os sobr' olhos.

Ouvindo as derradeiras e fulminantes palavras de D. Diniz, elrei soltara um destes rugidos de desesperacao e colera humana, que nem o rugido da mais brava fera pode igualar; grito de ventriloquo, que e como o estridor de todas os fibras do coracao que se despedacam a um tempo; gemido como o do rodado ao primeiro gyro do instrumento do supplicio; rugido, grito, gemido, conglobados n'um so hiato, fundidos n'um som unico pela raiva, pelo odio, pela angustia: brado que so tera eccho pleno no bramido que ha-de soltar o reprobado quando no derradeiro juizo o julgador dos mundos lhe disser:--para

ti as penas eternas.

O brado de D. Fernando fizera tremer os mais esforçados cavalleiros que se achavam presentes: o movimento que o seguiu fez gelar o sangue em todas as veias.

Como um relampago elle tinha arrancado da cincta o agudo bulhao, e com os olhos desvairados encaminhava-se para o meio da sala, onde seu irmao o esperara immovel, com a mao sobre o peito, como se dissesse: aqui!

Mas D. Fernando nao pode offerecer nas aras do adulterio um fratricidio: uma barreira se tinha alevantado a seus pes. Era um velho de frente calva, e de longas melenas brancas e desbastadas pelos annos: era aquelle que lhe fora mais que pae, e que elle respeitava mais que a memoria deste: era o seu alferes-mor, o veneravel Ayras Gomes, que ajoelhado lhe clamava com vozes truncadas de soluços e lagrimas:

"Senhor! que e vosso irmao!"

"E um covarde traidor, que deve morrer! Irmao!? Mentos, velho! Elle ja nao o e!"

A palavra--mentos!--um relampago de vermelhidao passou pelas faces cavadas do antigo cavalleiro: abaixou os olhos, e correu-os pela espada. Fora esta a primeira vez que ella ficara na bainha depois de tao funda affronta. Mas aquelle era o momento dos grandes sacrificios. Ayras Gomes replicou, alimpando as lagrymas:

"Nunca vos menti, senhor, nem quando ereis na puericia, nem depois que sois meu rei. Sabei-lo. Criminoso ou innocente, D. Diniz e filho de meu bom senhor D. Pedro. A vosso pae servi com lealdade; por vos ja me andou arriscada a vida. Hoje tendes por defensores todos os cavalleiros de Portugal: elle e que nao tem um so. Senhor rei, ficae certo de que para assassinar vosso irmao vos e mister passar por cima do cadaver de vosso segundo pae."

Atalhado assim o primeiro impeto, o character do moco monarcha revelou-se inteiro neste momento. Commoveu-o a postura do venerando anciao, que pela primeira vez via a seus pes; e com a irresolucao pintada nos olhos fitou-os em Leonor Telles.

Por uma reflexao instantanea a hyena previra que o sangue derramado pelo fratricida nao cahiria somente sobre a cabeça deste, mas tambem sobre a della. Naquelle rosto, entao semelhante ao de uma estatua, D. Fernando nao pode ler a sentenca do infante, bem que la no fundo do coracao ella estivesse escripta com sangue.

Entretanto os cortezaos, que no furor rompente d'elrei haviam ficado estupefactos e quedos, vendo-o vacillar, rodearam o infante. O velho Gil Vasques de Resende, que ia interpor-se tambem entre D. Diniz e elrei, quando este arrancara o punhal, parara ao ver

a heroica resolucao do alferes-mor; mas ao hesitar de D. Fernando correr a abraçar-se com o seu pupillo, que, no meio de tantos animos agitados por paixoes diversas, era quem unicamente parecia tranquillo e alheio ao terror que se pintava em todos os semblantes.

Finalmente elrei metheu vagarosamente o punhal no cincto, e com voz pausada, mas tremula e presa, disse:

"Que esse malaventurado saia d'ante mim."

O tom com que estas poucas palavras foram proferidas fez vergar o animo de D. Diniz, cujo coracao antes d'isso parecera de bronze. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua. Sentira que ate entao era uma colera cega, repentina, insensata, que o ameaçava: agora, porem, no modo e na expressao de D. Fernando vira claramente que era um amor de irmao que expirara.

Com a cabeça pendida em cima do hombro de Gil Vasques de Resende saiu do aposento.

Era talvez o velho o unico amigo que lhe restava no mundo.

D. Leonor levou ambas as maos ao rosto, e via-se-lhe arquejar o collo formoso por mal contido suspiro.

"Coracao compadecido e generoso!--pensou la consigo o alferes-mor, que havia pouco a tractara pela primeira vez.

"Hora maldicta e negra, em que perdi metade de minha tao esperada vinganca!--pensava Leonor Telles, e o choro rebentou-lhe com violencia.

"Nao te afflijas, Leonor!--disse D. Fernando, apertando-a ao peito.--Que nunca mais eu o veja, e viva, se poder, em paz!"

Mas as lagrymas correram ainda com mais abundancia e amargura.

O resto daquelle dia foi triste: triste o banquete e o sarau. A atmosphaera em que respirava a nova rainha tinha o que quer que era pesado e mortal, que resfriava todos os coracoes.

A meia noite, por um claro luar de ceo limpo de inverno, uma barca subia com difficuldade a corrente rapida do Douro: a popa viam-se reluzir, nas toucas e mantos negros de dous cavalleiros que ahi iam assentados, as orlas e bordaduras de ouro e prata: um dos remeiros cantava ama cantiga melancolica, a que respondia o companheiro, e dizia assim:

Mortos me sao padre e madre:  
Eu tamanino fiquei.  
Irmaos meus mal me quizeram:  
Eu mal nao lhes quererei.

Vou-me correr esse mundo:  
Sabe Deus se o correrei!  
A alma deixo-a ca presa;  
O corpo so levarei.

De meus avos nos solares  
Nasci: dous dias passei:  
Meus irmaos, nada vos tenho,  
Senao o nome que herdei.

Esta cantiga, cuja toada monotona repercutia nos rochedos aprumados das margens, foi interrompida por um doloroso suspiro. Um dos cavalleiros o dera.

Os remeiros calaram-se: arrancaram da voga com mais ancia, e depois continuaram:

Se fui rico, ora sou pobre:  
Choro hoje, se ja folguei:  
Villas troquei por desvios:  
Muito fui: nada serei.

Sem padre, madre, ou irmaos,  
A quem me socorrerei?  
A ti, meu Senhor Jesus:  
Senhor Jesus me accorrei!

Um gemido mnis angustiado, que saiu involto em soluços, cortou de novo a cantiga: era do mesmo que ja a interrompera. O seu companheiro bradou aos barqueiros com a voz tremula e cansada de um anciao:

"Calae-vos ahi com vossas trovas maldictas!"

Os remeiros vogaram em silencio; mas pensaram la comsigo que muito damnadas deviam ser as almas de cavalleiros que assim maldiziam tao devoto trovar.

Repararam, porem, que dos dous desconhecidos, o que suspirara e gemera lancara os bracos ao pescoco do que falara, e que este, affagando-o, lhe dizia:

"Quando todos, senhor, vos abandonarem nao vos abandonarei eu; que o devo ao amor com que vos creei, e a esclarecida e sancta memoria de vosso virtuoso pae."

Entao os barqueiros, bem que rudes, desconfiaram de que podia muito bem ser que nao fossem duas almas damnadas aquellas, mas sim malaventuradas.

[1] Conde D. Pedro, tit. dos Viegas. Cunha, Cat. dos Bispos do Porto, part. 1. pag. 15.

[2] E fezerom mui apressa hua grande praca ante S. Domingos e a rua do Souto, que era entom todo ortas. F. Lopes, Chr. de D. Joao I, P. 2. c. 96.--Isto era poucos annos depois da epocha de que vamos falando.

[3] A 25 de setembro de 1371, em Santarem, fez elrei merce a Diogo Lopes Pacheco da terra de Trancoso para que a haja e tenha em pagamento da sua quantia. Chancell d'elrei D. Fernando L. I. f. 84.

[4] Este bispo D. Affonso era ainda o mesmo a quem elrei D. Pedro, dizem, quizera acoutar por sua propria mao em consequencia de elle haver commettido adulterio com a mulher de um honrado cidadao, historia miudamente narrada por Fernao Lopes chronica daquelle rei, e que nos nao sabemos dizer ate que ponto seja verdadeira. D. Rodrigo da Cunha, suppoe que o bispo, corrido desta aventura, escandalosa nao pelo delicto, trivialissimo no clero daquelle tempo, mas pelo ameacado castigo, cousa inaudita antes e depois de D. Pedro, saira do bispado e nunca mais voltara ao Porto, posto que ainda vivesse pelo menos ate maio de 1732, como se ve do catalogo chronologico dos bispos portuguezes, por J. P. Ribeiro. Esta opiniao, que assenta n'um argumento negativo--a falta de noticias desse prelado nos documentos consultados por D. Rodrigo da Cunha, posteriores aos eminentes acoutes--e desmentida pelo testemunho de Fernao Lopes, no cap. 49 da chronica de D. Fernando, que fez presente D. Affonso a renovacao das pazes d'Alcoutim, juradas no Porto em 1371. E por isso que, apesar de Cunha, nos pareceu natural fazer abençoar por um bispo, que se pinta como manchado de adulterio, um casamento adultero.

[5] Sobre esta antiga topographia vejam-se as inquiricoes dos annos de 1268 e 1348 nas Memorias das Inquiricoes pag. 45 nota 2, e Dissert. Chr. e Crit. tom. 5. pag. 292 e segg.

[6] Acerca de semelhante usanca veja-se F. Lopes. Chr. de D. Joao I, P. 2 c. 96.

[7] Na supposta divisao dos bispados, attribuida ao rei Godo Wamba, da-se ao Porto o nome de Festabole.

[8] Em grande parte extrahido quasi textualmente da Carta d'Arrhas de Leonor Telles, datada de Eixo aos 5 de Janeiro de era de 1410 (1372).

[9] O brial era uma especie de camisola que os cavalleiros vestiam sobre as armas, e por cima da qual apertaram o cincto da espada. Tambem o vestiam sobre os pannos interiores quando andavam desarmados. O seu uso durou por toda a idade media, e era ainda lembrado nos fins do seculo decimo-sexto, em que o auctor, ou traductor, do Palmeirim d'Inglaterra tantas vezes o menciona. Nas leis sumptuarias de Alfonso IV nao se tracta e verdade de tal vestido; mas a razao d'isso e obvia: o brial era trajo militar, e aquellas leis versam

sobre o vestuario civil. Na ordenacao affonsina L. 1. deg., til. 63, Sec. 21, se manda cingir a espada ao movel sobre o brial. O dictionario de Moraes affirma que o brial era o manto dos cavalleiros: e um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portugueza. Eis o que diz o auctor do poema do Cid, escripto no meiado do seculo decimo-segundo, falando no brial. (Sanches Pocs. Cast. ant. al siglo 15. deg. t. 1. deg. pag. 347.)

Vistio camisu de ranzal tan blanca como el sol

.....  
.....

Sobre ella un brial primo de ciclaton

.....

Sobre esto una piel bermeia . . . . .

.....  
.....  
.....

De suso cubrio un manto que es de grant valor.

[10] Dizendo elrei sanhudamente coulra elle: "Que non avia vergonca nenhuuma, beijarem a mao aa Rainha sua molher o Infante Dom Joham, que era moor que elle, e isso mesmo seu irmaao, e todollos outros lidallgos do reino, e el soamente dizer que lha nom beijaria, mas que lha beijasse ella a elle." Fern. Lopes, Chr. d'elrei D. Fern cap. 62.

#### JURAMENTO--PAGAMENTO.

Passara mais de um anno depois do casamento d'elrei. Este casamento, que explicava o repudio da infanta de Castella, nao bastara em verdade para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando ja de algum modo previsto nos capitulos addicionaes do tractado de Alcoutim. Mas, como se o desgosto que semelhante offensa devia gerar no animo do rei castelhano nao fosse assas forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitara novos motivos de serias desavencas, que nao particularisaremos aqui, por nao virem a nosso intento. Baste saber que, depois de inuteis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessara rapidamente a Beira, passara juncto aos muros de Coimbra, onde se achava D. Leonor Telles, e vindo offerecer batalha a elrei D. Fernando, que estava em Santarem, e que nao acceitou o combate, se encaminhara para Lisboa, cujos habitantes desapercibidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros do tempo de Affonso III, de cujas torres e adaves viram os castelhanos saquearem e queimarem o bairro mais povoado e rico da cidade, o arrabalde, sem lhes poderem por obstaculo. No meio deste apertado cerco, desamparados d'el-rei, que apenas lhes enviara alguns de seus cavalleiros, os moradores de Lisboa nao tinham desanimado. Com

varia fortuna haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos, e o que mais duro era de soffrer, a fome, a sede, e ate ao receio de traicoes de seus naturaes. Finalmente D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu affastar dos seus muros o exercito d'elrei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dous mezes.

Era nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde de um formoso dia de primavera. O ar eslava tepido e o ceu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva; a madresilva, e as rosas bravias, enredadas pelos vallados, embalsamavam a atmospheria. Mas estes eram os unicos signaes que nos arredores de Lisboa revelavam aquella estacao suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos, que nessas eras a rodeavam, jaziam decepados em terra, como se por alli tivesse passado fouce gigante meneada por braco de ferro. Pelos outeirinhos, coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cobertas de folhas resecaadas antes de tempo, ou ennegrecidas pelo fogo, assimilhando-se a gandra coberta de urzes, que foi desbravada por fins d'outono. As vastas hortas, que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pes dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas sobre este mal assombrado e triste chao do painel, mais melancholica e afflictiva avultava ainda a figura principal, a cidade.

O populoso bairro chamado o arrabalde, onde d'antes era continuo o ruido discorde de tracto immeriso, achava-se convertido em um montao de ruinas. Para o lado do sul e poente nao se viam desde os antigos muros (cujo perimetro pouco mais cercava do que o castello e o bairro a que hoje damos geralmente o nome d'Alfama) senao edificios queimados, ruas entulhadas, pracas desfeitas, vestigios do sangue, pecas de armadura aboladas ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de viotes, de lancas e de espadas, e aqui e acola cadaveres fetidos, nao so de cavallos, mas tambem de homens, cujas carnes, meias devoradas pelos caes ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos appareciam como phantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas em busca de alguma preciosidade que tivesse escapado as chammas e ao inimigo; e juncto as paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depennavam as barbas a roda dos rahbis, que recitavam em tom de pranto os versiculos hebraicos dos Threnos.

Por meio deste vasto quadro de assolacao rompia uma numerosa companhia de cavalleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzellas e pagens, brilhante cavalgada que descia da banda de Santo Antao para S. Domingos, e tomava pela corredoura para a porta do ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras athleticas e os rostos varonis dos cavalleiros, o brunido das armas, o loucao dos trajos, o rico dos arreios, tudo emfim dava clara mostra de que naquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os dictos galantes o agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corceis briosos e dos delicados palafrens,

as doudices dos donzeis, que ora correndo a redea solta, ora soffrendo os cavallos ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortezaos letrados, os faziam vacillar e debrucar sobre os arcoes, o bater das asas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoeiros, o latir dos galgos e allaos, que atrellados forcejavam por se atirarem acima daquelles centenares de habitacoes derrocadas, d'onde saia de vez em quando uma exhalacao de carnica: este rir, este folgar, este ruido do contentamento, este matiz de reflexos metallicos, de cores variegadas, passando como um turbilhao atraves daquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o veu de tristeza que cobria a vasta area da cidade destruida, e revoca-la a uma nova existencia.

Mas o povo, apesar d'isso, continuava a estar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da se. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio delle, e os grossos madeiros de que era construido viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama, que vinha na frente da comitiva, parou: um cavalleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava a seu lado, parou tambem. A dama apontou para o engenho, disse algumas palavras ao cavalleiro, e depois desatou a rir.

Era ella a mui nobre e virtuosa minha D. Leonor: elle o mui excellente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor Telles tinha razao para rir.

Durante o cerco de Lisboa uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhara de que varios moradores da cidade estavam pretejados com elrei de Castella para lhe abrirem uma das portas. Dava forca a taes suspeitas o acharem-se no campo castelhana Diogo Lopes Pacheco e D. Diniz, que com elle se haviam ajunctado na sua entrada em Portugal, e as desconfiancas recahiam naturalmente sobre aquelles que dous annos antes tinham seguido o partido contrario a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Affonso IV eram cabecas. Assim a popularidade dos parciaes de D. Diniz tinha diminuido consideravelmente, porque o povo, em vez de attribuir a sua ruina as causas remotas, as paixoes insensatas de D. Leonor e a imprudencia d'elrei, so nas suggestoes de Diogo Lopes e do infante via agora a origem de todos os males presentes, e o odio que contra os dous havia concebido se estendera a todos os que cria serem-lhes affeicoados.

Apenas, portanto, se divulgou a noticia da intentada traicao, o povo furioso correu as moradas daquelles, que, como fica dicto, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de cannibaes, festa de vulgacho em qualquer tempo e logar que elle reine. Aquelles que nao puderam provar de modo innegavel a sua innocencia, foram mettidos aos mais crueis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais vehementes as desconfiancas, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedacos: "outro--diz o chronista[1]--tomarom e pozerom-no na fumda d'huum

engenho, que estava armado ante a porta da see; e quando desfechou lancono em cima dessa igreja antre duas torres dos sinos que hi ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromno outra vez e pozeromno na fumda do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida."

Era por isso que D. Leonor olhara para o engenho, e se rira. O proprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento.

A noite descera entretanto. A cavalgada parou no terreiro de S. Martinho, e a luz de muitas tochas parte daquella multidao escoou-se pouco a pouco por diversas ruas, emquanto outra parte subia a sala principal, ou se derramava pelos aposentos dos pacos, cujo silencio de quasi dous annos, depois du fuga d'elrei com D. Leonor Telles, era a primera vez interrompido pelo ruido de uma corte numerosa, mas bem diferente da antiga. A rainha havia quasi exclusivamente chamado a ella os seus parentes, ou aquelles fidalgos que lhe tinham dado provas nao equivocas de sincero affeicao e substituiu a severidade antiga do paco todo brilho de um luxo insensato, e o que mais era, a dissolucao dos costumes, que quasi sempre acompanha esse luxo. Depois de uma ceia esplendida, como o devia ser nesta corte voluptuaria, apenas ficara na camara real D. Fernando e sua mulher, o conde de Barcellos D. Joao, D. Goncalo Telles, irmao de D. Leonor e um donzel da rainha, filho bastardo de outro bastardo, do prior do Hospital Alvaro Goncalves Pereira, e que ella mais que nenhum estimava. Estas personagens achavam-se reunidas no mesmo aposento onde dous annos antes o beguino Fr. Roy viera revelar a entao amante de D. Fernando os intentos de seus inimigos. Era deste aposento que ella saira fugitiva e amaldiccoada do povo. Mas era ahi tambem que ella vinha depois de tantos sustos, de tantas difficuldades vencidas, de tanto sangue derramado por sua causa, repousar triumphadora, segura ja na frente a coroa real. Tudo estava do mesmo modo, salvo as personagens, que em parte eram diversas e em diversa situacao.

Elrei, habitualmente alegre, se assentara triste na cadeira de espaldas, unico movel do aposento, e encostara a cabeça sobre o punho cerrado: D. Leonor, posto que naturalmente loquaz[2], assentada no estrado defronte de D. Fernando, conservava-se tambem em silencio: em pe, um pouco atraz da cadeira d'elrei, o donzel querido de D. Leonor, com os olhos fitos nella, esperava attento as determinacoes de sua senhora: ao longo da sala o conde de Barcellos e D. Goncalo Telles passeavam lentamente, conversando em voz submissa e pausada.

Mas a taciturnidade de cada uma das duas personagens principaes tinha bem diferentes motivos.

A imagem da sua capital destruida havia-se embebido na alma d'elrei como um remorso cruel. Pelas suggestoes de seu tio adoptivo consentira que D. Henrique viesse livremente destruir a opulenta Lisboa. Elle, neto de Affonso IV, rejeitara os soccorros de seus

valorosos vassallos, que de toda a parte haviam corrido, lanca em punho, para combaterem debaixo da signa real, ao esvoacar dos pendoes inimigos: elle, cavalleiro, fora vil instrumento de vinganca covarde: elle, rei de Portugal, fora o destruidor do seu povo; elle, portuguez, recebera o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a affronta[3]! Estas ideas, que o tinham assaltado ao atravessar as ruinas dos arrabaldes, tomavam maior vulto e forca na solidao e no silencio. O pobre monarcha, bom, mas excessivamente brando e irresoluto, tinha sobeja razao de estar triste. A lua, que comecava a subir, dava de chapa, atraves da janella oriental do aposento, no rosto de D. Fernando, como dous annos antes, quasi a essa hora, lhe allumiara tambem as faces demudadas de affliccao. Este logar, esta luz, e esta hora eram para elle fataes!

Nesse momento passos mais rapidos e mais pesados que os dos dous fidalgos comecaram a soar na sala contigua: quem quer que era passeava tambem.

Dos olhos de D. Fernando saiam dous tenues reflexos; eram os raios da lua que se espelhavam em duas lagrymas.

A rainha, alevantando-se entao, disse ao donzel:

"Nunalvares Pereira, vede quem esta nessa sala."

Nunalvares abriu a porta, e alongando a cabeça voltou-se immediatamente, e disse:

"O corregedor da corte."

Os dous fidalgos pararam na extremidade do aposento, calaram-se, e conservaram-se immoveis.

A rainha fez signal com a mao a Nunalvares para que esperasse: o donzel ficou a porta sem pestanejar.

D. Leonor encaminhou-se entao para elrei, que, embebido no seu profundo scismar, nao vira nem ouvira o que se fazia ou dizia. Curvando-se, e firmando o cotovello no braco da cadeira d'elrei encostou a cabeça sobre o hombro delle, com a face unida a sua.

"Que tens tu, Fernando?--perguntou ella com essa inflexao de voz meiga, que so sabem labios de esposa que muito ama, mas com que tambem soubera atinar esta mulher sublime de hypocrisia.

"Nada! oh ... nada!"--respondeu elrei, lancando-lhe o braco ao redor do pescoco, e apertando a face incendiada aquelle rosto de anjo, que dissimulava um coracao de demonio.

Os dous tenues reflexos da lua tinham esmorecido nos olhos de D. Fernando: o halito de Leonor Telles queimara as lagrymas da compaixao e do remorso.

"Enganas-me, ou enganas-te a ti proprio, Fernando!--replicou a rainha.--Tu es infeliz, e eu sei porque o es. Aborreces ja a pobre Leonor Telles."

O tom com que estas palavras foram proferidas era capaz de partir um coracao de marmore.

"Enlouqueceste, Leonor?--exclamou el-rei.--Aborrecer-te? Sem ti este mundo fora para mim um ermo, a coroa martyrio, a vida maldiccao de Deus. Como nos primeiros dias dos nossos amores, no leito da morte amar-te-hei ainda. Gloria, riqueza, poderio, tudo te sacrifiquei: nao me pesa. Mil vezes que tu o queiras t'o sacrificarei de novo."

"Oh, prouvera a Deus que o teu amor fosse metade do que dizes: fosse metade do meu!"

"Busca, inventa, aponta-me algum modo de te provar o que digo, e veras se as minhas palavras sao sinceras!"

"Ha um, rei de Portugal!--replicou Leonor Telles, em cujos olhos scintillava o contentamento.

Dizendo isto ella se affastara d'elrei. O seu aspecto tomou subitamente a expressao grave e severa de uma rainha. A um gesto que fez, Nunalvares ergueu o reposteiro, e o corregedor da corte entrou. Trazia na mao um pergaminho aberto. Chegou ao pe de Leonor Telles, ajoelhou e entregou-lh'o.

A rainha pegou nelle, e apresentou-o a el-rei: o donzel trouxe uma das tochas que estavam nos angulos do aposento, e collocou-se a esquerda da cadeira de D. Fernando.

"A prova do que dissestes, rei de Portugal, esta em estampardes no fim desse pergaminho o vosso sello de puridade.[4]"

D. Fernando recebeu o pergaminho e comecou a ler: a cada uma das extensas linhas que o obrigavam a descrever um semi-circulo com o raio visual, o tremor das suas maos se tornava mais violento, as contraccoes do seu rosto mais profundas. Antes de acabar de ler atirou o pergaminho ao chao, e com voz terrivel exclamou, cravando os olhos reluzentes em Leonor Telles:

"Mulher, que me pedes tu?"

"Justica, e as minhas arrhas."

Era a primeira vez que elrei ousava resistir a vontade de Leonor Telles. Ella ainda nao o cria. Habituada a ser obedecida pelo pobre monarcha, estas ultimas palavras foram proferidas com a insolencia de uma resolucao incontrastavel.

"Justica? Contra quem a pedes? Contra cadaveres e moribundos. As tuas arrhas? Tiveste em dote as mais formosas villas de meus senhorios: tiveste o que mais desejavas, as arrhas de sangue e ruinas. Para te contentar, deixei Lisboa entregue ao furor d'inimigos: para te contentar, fui vil e fraco: para te contentar, dos patibulos ja tem pendido sobejos cadaveres[5]. E ainda nao satisfeita, pretendes que antes de dormir uma unica noite na minha capital assolada, confirme uma sentenca de morte? Leonor! tu eras digna de ser filha de meu implacavel pae!"

D. Leonor repellira o olhar, entre colerico e timido, de Fernando, que mal acreditava a propria audacia, com um olhar em que se misturava a indignacao e o desprezo. Ella ouvira as suas palavras sem mudar de aspecto, mas apenas elrei acabou, encaminhou-se para a janella d'onde batia o luar, e estendeu a mao para o ceu:

"Ha dous annos, senhor rei, que neste aposento, a estas mesmas horas, um cavalleiro jurava a uma dama, de quem pretendia quanto mulher pode ceder a desejos de homem, que a amaria sempre; jurava-o pelo ceu, pelos ossos de seus avos, pela sua fe de cavalleiro--e o cavalleiro mentiu. As bocas de homens vis vomitavam contra essa mulher, e a essa mesma hora, os nomes de adultera, de barregan, de prostituta, e pediam a sua morte. O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na fronte de quem as recebe, se o sangue de quem as proferiu nao as lava um dia. O cavalleiro ofereceu a sua alma aos demonios se nao as lavasse com sangue--e esse cavalleiro blasphemou e mentiu. Senhor rei, diante do ceu que elle invocou, perto dos ossos de seus avos, pelos quaes jurou, a luz da lua que o allumiava, dir-vos-hei: aquelle cavalleiro foi perjuro, blasphemo, desleal e covarde, e eu a sua victima. E contra elle que ora vos peco justica. Rei do Portugal, justica!"

Esta ultima palavra restrugiu horrivelmente pelo aposento. Elrei, que durante o discurso de D. Leonor se erguera pouco a pouco, fascinado pelo seu gesto diabolico e pelo seu olhar fulminante, cahiu outra vez, arquejando, sobre a cadeira. O desgraçado cobriu a cara com ambas as maos, e depois de um momento de silencio murmurou:

"Mas como punir aquelles que talvez sao cadaveres? A guerra e a furia popular os puniram!"

D. Leonor trinmphara.

"Nem todos:--proseguiu a astuta e sanguinaria panthera, accommettendo o ultimo entrincheiramento, em que D. Fernando ja debalde procurava defender-se.--Os seus mais vis inimigos ainda respiram, e porventura, ainda sonham vinganca. Corregedor da corte, lede os nomes escriptos em vossa sentenca."

O corregedor da corte levantou o pergaminho, affastando-o dos olhos, e interpondo a mao aberta entre estes e a tocha que Nunalvares segurava: tossiu duas vezes, inclinou para traz a cabeça, e com

o tom cheio e solemne de um mestre em degredos, leu:

"Item: Fernao Vaasques, peom, alfayate, cabeça e propoedor dos ssusodictos rreveis."--Aqui abriu o peitilho da garnacha, tirou a sua ementa particular, e leu a seguinte cota:

"Vivo; muy malferido dhuua ffrechada com hera[6] no ffecto do meirinho-moor, quando hos da cidade llevarom os castellaos de vencida ata mea rrua nova."

Lida esta observacao, o corregedor continuou a ler successivamente os nomes dos reus e as respectivas cotas.

"Item: Stevom Martins Bexigosso, mercador, pcom, capitao dhuu corpo dos ssusodictos rreveis."--Dizia a ementa:--"Morto de ssua door naturall.

"Item: Bertolameu Martijs, ourivez, peom, dizidor de pallavras de desacatamento contra ssua rreal ssenhoria, e de grao ssamdice e desavergonhamento."--Dizia a ementa:--"Morto dhuua pedrada dhuu emgenho dos imiguos."

"Item: Joham Lobeira, escudeiro, homem darmas, acostado do allcayde moor que ffoy do caslello desta lyal cidade, capitao dos beesteiros que fforom a Ssam domingos."--Dizia a cota:--"Foy cativo dhos castellaos: dado em rrendicom, e a boorrequado na pryssom Dalcacova."

"Item: Bertolameu Chambao, peom, tanoeiro, cabeça da beestaria do concelho, deputado, pera ffazer vilto e affronta a ssua rreal ssenhoria ha muy excellente e muy vertuosa de grandes vertudes, rrainha dona llyanor."--Resava a ementa:--"Morto dhuua lamcada aa porta dho fferro."

"Item: Ayras Gil, petintal, capitao dos rreveis, gualiotos, arraizes, e pesquisadores Dalfama."--Dizia a cota:--"Ffogado com os castellaos."

"Item: Fr. Roy, dalcunha Zambrana, biguino, ffolliom, jograll de sseu officio, bevedo, assoalhador de palavras e dictos devedados, e scuita dhos reveis."--Notava a ementa:--"Enssandeceu na pryssom ao llear da ssemtemca."

Pobre Fr. Roy! Vendo-se condemnado a morte, desesperado, revelara o que tinha sido na revolta--um espia de Leonor Telles. A cota da ementa fora tudo o que tirara das suas revelacoes: o corregedor, homem agudo como o melhor mestre em leis ou degredos, deduzira das suas palavras que o beguino endoudecera. Trocava as ideas. Tinha sido espia, mas dos revoltosos.

Alevantado o cerco da Lisboa, o corregedor da corte fora o primeiro presente que a nova rainha enviara a cidade. Aquelle perspicaz e diligente magistrado poucos dias haviam bastado para preparar um sarau digno della, uma sentenca de morte. A prova da sua perspicacia e diligencia estava em ter ja no caminho da forca os

desgracados, cuja sentença vinha trazer confirmação real. N'uma execução nocturna não havia a receiar tumultos populares, e a brevidade que a rainha lhe recommendara neste negócio, lhe fazia crer que não seria desagradável a sua real senhoria a imediata execução dos reus.

Quando acabou a leitura, elrei tirou da bolca que trazia ao cinto o selo de camafeu, e sem dizer palavra entregou-o ao corregedor. Este pegou na tocha de Nunalvares, deixou cair alguns pingos de cera no fundo do pergaminho, assentou-lhe em cima um fragmento de papel que tirara da ementa, e cravou neste o selo. As armas d'elrei ficaram ali estampadas. O corregedor fizera isto com a promptidão e acieio com que o mais habil algoz enforcaria o seu próximo.

Depois o honesto magistrado entregou o selo a elrei, cujo tremor nervoso se renovara durante a fatal cerimônia. Ao pegar-lhe, o pobre monarca deixou-o cair no chão. O selo foi rolando e parou aos pés de D. Leonor Telles. Ella empallideceu. Porque? Talvez se lhe figurou uma cabeça humana, que rolava diante della.

O corregedor fez uma profunda venia, e perguntou em voz sumida a rainha:

"Quando, senhora?"

No mesmo tom D. Leonor respondeu:

"Ja."

O destro e activo corregedor tinha dado no vinte. O ja da seria mais ja do que ella propria pensava.

O corregedor saiu.

A um aceno de D. Leonor, o donzel mettu a tocha no anel de ferro embebido na parede, d'onde a tinha tirado, e encaminhou-se para juncto da porta, onde ficou com os braços cruzados, olhos no chão, e immovel como uma estatua. Desde este dia o formoso donzel odiou do fundo da alma a sua mui nobre senhora, aquella que lhe cingira a espada. O generoso Nunalvares conhecera que debaixo desse rosto suave se escondia um instincto de besta-fera.

Os dous fidalgos continuaram a passeiar de um para outro lado, conversando em voz baixa e como alheios a scena que alli se passava.

Elrei tomara a primeira postura em que estava, com o cotovelo firmado no braço da cadeira, e a cabeça encostada no punho; mas os seus olhos, revolvendo-se-lhe nas orbitas, incertos e espantados, exprimiam a dolorosa alienação daquella alma timida, atormentada por mil affectos oppostos.

Ouvia-se apenas o cicio dos dous que conversavam. E por largo

espaco aquetle murmurio, e o respirar alto e convulso de D. Fernando foram o unico ruido que interrompeu o silencio do vasto aposento.

Elrei, com a mao esquerda pendente sobre os joelhos, deixava-se ir ao som das ideas tenebrosas que lhe offuscavam o espirito, e que protrahidas o levariam bem proximo das raias de completa loucura. A imagem de Leonor Telles apparecia-lhe como composto monstruoso de vulto d'anjo e de olhar de demonio. Um amor infinito arrastava-o para essa imagem; o horror affastava-o della. Via-a como um simulachro das virgens, que, na infancia, imaginava ao ouvir ler ao bom de seu aio Ayras Gomes as lendas das martyres; mas logo cuidava ouvi-la dar risada, infernal passando por cima das ruinas de cidade deserta. O patibulo e os delirios amorosos; o cheiro do sangue e o halito dos banquetes misturavam-se-lhe no senso intimo: e o pobre monarcha, nos seus desvarios, perdera a consciencia do logar, da hora e da situacao em que se achava naquelle terrivel momento.

Mas um beijo ardente, dado nessa mao que tinha estendida, e lagrymas ainda mais ardentes que a regavam foram como faisca electrica revocando-o a razao e a realidade da vida.

A commocao indizivel e mysteriosa que sentira fez-lhe abaixar os olhos: a rainha estava a seus pes: era ella quem lhe cobria a mao de beijos e lh'a regava de lagrymas.

D. Fernando affastou-a suavemente de si: ella alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto; era de feito a imagem de uma das martyres que elle via no seu imaginar da infancia. D. Leonor ergueu as maos supplicantes com um gesto de profunda angustia: entao era mais formosa que ellas.

"Ah!--murmurou elrei:--"porque e o teu coracao implacavel, ou porque te amei eu tanto?!"

"Desgracada de mim!--acudiu D. Leonor entre solucoes.--O teu amor era como o iris do ceu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperanca; mas desvaneceu-se e passou: a vida de Leonor Telles desvanecer-se-ha e passara com elle!"

"E porque sabes que esse amor nao pode perecer; que esse amor como um fado escripto la em cima--interrompeu D. Fernando--que tu me fazes tingir as maos de sangue, para satisfazer tuas crueis vingancas: e porque sabes que eu esgote sempre o calix das ignominias quando as tuas maos m'o apresentam, que tu me sacias de deshonra. Teras acaso algum dia piedade daquelle que fizeste teu servo, e que nao pode esquivar-se a ser tua victima?"

"Oh quanto es injusto, Fernando, e quao mal me conheces!--exclamou Leonor Telles limpando as lagrymas.--Foi a tua dignidade real, a tua justica, o teu nome que eu quiz salvar da tua propria brandura. Aos mesquinhos que me offenderam perdoei de todo o coracao; mas tu, que eras rei e juiz, nao o podias fazer. Se o nome de teu

virtuoso pae ainda hoje lembra a todos com veneracao e amor, e porque teu pae foi implacavel contra os criminosos, e aquillo em que poes a deshonra e a ignominia, e a coroa de gloria immortal que cerca o seu nome. Se as minhas palavras te constrangeram a escolher entre a confirmacao dessa fatal sentenca e a deslealdade e blasphemia, que nao cabem em coracao e labios de cavalleiro, foi por te salvar de ti mesmo. Se cres que nisto fui culpada, dize-me so--Leonor, ja nao te amo!--e eu ficarei punida; porque nessas palavras estara escripta a minha sentenca de morte! Possas tu depois perdoar-me, e proferir sobre a campa da pobre Leonor uma expressao de piedade!"

As lagrymas e os soluços parecia nao a deixarem proseguir. Reclinou a cabeça sobre os joelhos d'elrei, apertando-lhe a mão entre as suas com um movimento convulso.

Formosa, querida, humilhada a seus pes, como resistiria o pobre monarcha? Unindo a face aquella fronte divina, so lhe disse:--oh Leonor, Leonor!--e as suas lagrymas misturavam-se com as della.

Durante esta lucta da dor e da hypocrisia, em que, como sempre acontece, a ultima triumphava, o conde de Barcellos e D. Goncalo Telles tinham-se encostado a janella fatal que dava para o rio, e que tambem dominava grande porcao do arrabalde occidental da cidade. O spectaculo da noite era de melancholica magnificencia.

A lua caminhava nos ceus limpos do nuvens, e pela face da terra nem suspirava uma aragem. A claridade do luar refrangia-se nas aguas, mas esmorecia batendo na povoacao, na qual nao achava, alem dos antigos muros, uma parede branqueada, uma pedra alva onde espelhar-se, ou um sussurro do lesta acorde com as suas harmonias.

O incendio e o ferro tinham passado por la, e Lisboa era um cahos de ruinas, um cemiterio sem lapides. Apenas no extremo do seu, d'antes, mais rico e povoado arrabalde amarelejava pulido pelo tempo o gothico mosteiro de S. Francisco juncto de sua irman mais velha a igreja dos Martyres. No valle que ficava em meio a luz do cima embebia-se inutilmente na povoacao que jazia extincta.

A bella lua de maio, tao fagueira para esta cidade querida, assemelhava-se a leoa, que voltando ao antro acha o seu cachorrinho morto. A pobre fera ameiga-o como se fosse vivo, e vendo-o quedo, indifferente, e frio, nao o cre, e vae, e volta muitas vezes renovando seus inuteis affagos. Lisboa era um cadaver, e a lua passava e sorria-lhe ainda!

Mas no meio daquelle; chao irregular, negro, callado, viam-se aqui e acola luzinhas que se meneavam de um para outro lado, ao que parecia, sem rumo certo. Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar por entre os entulhos as reliquias dos mortos, para lhes darem sepultura christan. Neste piedoso trabalho, que seguiam sem descontinuar havia muito tempo, eram acompanhados por alguns do povo, que para se esforcarem cantavam uma cantiga pia, cujas coplas, bem que interrompidas, vinham com triste som bater de vez em quando nos ouvidos dos dous

cavalleiros. Resavam as coplas:

D'amigos e imigos,  
Que ahi sao deitados,  
Levemos os ossos  
Ao chao dos finados.  
Ave Maria!  
Sancta Maria!

Madre gloriosa,  
Dess'alta ventura  
Demovei os olhos  
A nossa tristura.  
Ave Maria!  
Sancta Maria!

Ao bento Jesus,  
E ao padre eternal  
Pedi que perdoe  
A quem morreu mal.  
Ave Maria!  
Sancta Maria!

Esta longinqua toada perdeu-se no som de outra bem diversa, que se alevantou mais perto dos dous cavalleiros. Uma voz esganicada dava o seguinte pregao:

"....Justica que manda fazer elrei em Fernao Vasques, Joao Lobeira e Fr. Roy: que morram na forca, sendo ao primeiro as maos decepadas em vida."

Os cavalleiros abaixaram os olhos para o logar d'onde subira a voz: era no terreiro proximo: os tres padecentes e o algoz, cercados de alguns besteiros, aproximavam-se do cadafalso: varios vultos negros fechavam o prestito: daquela pinha partira a voz do pregoeiro.

Este pregao, dado a horas mortas e n'uma praca deserta, parecia um escarneio. Mas o corregedor da corte era affamado jurisconsulto e nos temos ouvido a alguns que na execucao das leis as formas sao tudo. Assim piamente o cremos.

Duas se tinham, porem, esquecido: os desgraçados morriam, como aquelles que o salteador assassina na estrada, pela alta noite, e sem um sacerdote que os consolasse na extrema agonia.

O algoz empurrou brutalmente um dos padecentes para uma especie de marco escuro que estava ao pe do patibulo. D'ahi a nada os cavalleiros viram reluzir duas vezes um ferro: ouviram successivamente dois golpes dados como em vao, seguindo-se a cada um delles um grito de terrivel angustia.

O conde de Barcellos quiz rir-se, mas a risada gelou-se-lhe na

garganta, e, como Goncalo Telles, recuou involuntariamente.

O grilo que restrugira, chegara aos ouvidos d'elrei.

"Que bradar de homem que matam e este?--perguntou elle.

"A justica de sua senhoria que se executa--respondeu o conde, que neste momento retrocedia da janella.

"Oh desgraçados! tao breve!--disse elrei, passando a mao pela frente, d'onde manava o suor da affliccao e do terror. Olhando entao para Leonor Telles accrescentou:

"Ate a derradeira mealha estao pagas vossas arrhas, rainha de Portuga! Que mais pretendeis de mim?"

E deixou pender a cabeça sobre o peito.

D. Leonor nao respondeu.

D. Goncalo Telles aproximou-se entao da cadeira de D. Fernando, e curvou um joelho em terra.

Elrei alevantou os olhos e perguntou-lhe:--Que me quereis?"

"Senhor--respondeu o honrado e nobre cavalleiro--se vossa senhoria consentisse neste momento em ouvir a supplica de um dos seus mais leaes vassallos!..."

"Falae!--replicou D. Fernando.

"Joao de Lobeira acaba de receber o premio de sua traicao:--proseguiu D. Goncalo.--O desleal escudeiro possuia avultados bens, que ficam pertencendo a coroa real. Por vossa muita piedade podeis fazer merce delles a seu filho Vasco de Lobeira; mas o pobre moco ensandeceu ha tempos! Tresleu com livros de cavallarias, e tao varrido esta que nao fala em al, senao em um que anda imaginando, e a que poz o nome Amadis. Para um mesquinho parvo e sandeu pouco basta, e vossa real senhoria bem sabe que a minha escassa quantia mal chega ..."

"Calae-vos, calae-vos; que isso e negro e vil;--bradou elrei, redobrando-lbo o horror que tinha pintado no rosto.--Deixae ao menos que a sua alma chegue perante o throno de Deus!"

"Apenas cincoenta maravedis!--murmurou D. Goncalo, erguendo-se, e abaixando os olhos, afflicto com a lembranca de sua extremada pobreza.

A seis de junho da era de Cesar de 1411 (1373) em um dos andares da torre do castello, o veador da chancellaria, Alvaro Pires, passeando de um para outro lado, dictava a um mancebo vestido de garnacha preta, e que tinha diante de si tinteiro, pennas,

e folhas avulsas de pergaminho, a seguinte nota:

"Item. Pera se spreuer a fl'olhas cento e vinte-oyto do llivro pymeiro da Chancelaria Delrey noso senhor:--Doacom dos bees de rraiz e moviis de Joham Lobeira, confisquado e morto por treedor contra ho servico de ssua rreal senhoria, ao muy nobre D. Goncaalo Tellez, per ho muyito divedo que co elrey ha, e polos muytos sservicos que del tee rrecebido e ao deante espera de rreceber.[7]"

E o povo?... Oh, este sim! Mostrava-se agradecido e bom, no meio de tantas infamias e crimes.

Os populares, que, na manhan immediata aquella horrivel noite dos fins de maio, passavam pello terreiro maldict, onde pendiam da forca os tres cadaveres, meneavam a cabeca, e seguindo avante diziam:

"Boa e prestes foi a justica d'elrei nos traidores. Alcacer por sua senhoria!"

#### NOTA FINAL.

D. Fernando guardou ate a primavera de 73 a vinganca contra os populares de Lisboa e d'outras terras, que no anno de 71 se tinham amotinado por causa do seu casamento. Ve-se isto dos documentos registados na sua chancellaria e citados por Fr. Manuel dos Sanctos. Quem attentamente tiver estudado o character atroz e dissimulado de Leonor Telles, tao bem pintado por Fernao Lopes, e os factos que provam a sua influencia sem limites no animo daquelle principe, nao podera esquivar-se a vehementes suspeitas sobre os motivps, que n'um romance nos damos como reaes, porque ahi e licito faze-lo, da, alias inexplicavel, inacciao com que D. Fernando nao quiz oppor-se a vinda d'elrei de Castella sobre Lisboa, vinda que reduziu os seus moradores aos mais espantosos apuros, e que converteu a cidade, por assim dizer, em um montao de ruinas. Daquelles documentos resulta que, depois de tirada toda a forca aos habitantes de Lisboa pela guerra de Castella, em que se viram quasi sos e abandonados, elrei viera, sobre as ruinas da maior e melhor parte della, satisfazer os odios de D. Leonor; porque, levantado o cerco em marco de 73, achamos elrei em Lisboa (aonde nao voltara desde a sua fuga em outono de 71) durante alguns dias de maio, e em Santarem e outros logares nos mezes seguintes, fazendo merces dos bens de cidadaos mortos, decepados, ou fugidos, do que se pode concluir que entao foram executados ou banidos, nao sendo de crer que a cobica cortezan tivesse esporado muitos dias sem prear estes sanguinolentos despojos.

O casamento de Leonor Telles, e as consequencias delle sao o primeiro acto do drama terrivel, da lliada scelerun da sua vida politica. Foi este primeiro acto que nos procuramos dispor na tela do romance historico. Todo o drama daria, nessa forma da arte,

uma terrivel chronica. Desde esta conjunctura, ate ser arrastada em ferros para Castella por aquelles mesmos que chamara a assolar o seu paiz, a Lucrecia Borgia portugueza e na historia daquella epocha uma especie de phantasma diabolico, que apparece onde quer que haja um feito de traicoes, de sangue, ou d'atrocidade.

[1] Fernao Lopes, Chr. de D. Fern. cap. 75.

[2] A rainha... como era ousada e muito faladora: Fernao Lopes, Chr. de D. Fern. cap. 126.

[3] Ibid. Cap. 72.

[4] O selo de puridade ou do camafeu era aquelle que se estampava no proprio pergaminho, e que servia ordinariamente para o rei expedir documentos de menos importancia, na falta do chanceller-mor, que tinha o selo grande, curial, ou do cavallo. Veja-se a Dissertacao 3 de J. P. Ribeiro.

[5] Os tumultos contra o casamento de D. Fernando nao se tinham limitado a Lisboa. Pelas doacoes dos bens dos treedores mortos ou decepados se conhece que houve assoadas e depois vingancas em Satarem, Leiria, Abrantes e outras partes.

[6] Neste seculo ainda barbaro o uso de hervarou envenenar as armas de tiro ou arremesso era vulgarissimo nos combates.

[7] a nota e imaginaria, mas esta merce acha-se com effeito registada a f. 128 do L. 1. da chancellaria de D. Fernando; cumpre todavia advertir que dessa chancellaria apenas existe original o 3. livro: o 1. e dos reformados ou estragados por Gomes Eannes de Azurara.

## O CASTELLO DE FARIA (1373)

A breve distancia da villa do Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longo um convento de Franciscanos. Aprazivel e o sitio, sombreado de velhas arvores. Sente-se alli o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidao, a qual, para nos servirmos de uma expressao de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminha e chamar o espirito a contemplacao das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pe do humilde convento, e formoso, mas aspero e severo como quasi todos os montes do Minho. Da sua coroa

descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador colloeado no cimo daquela eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoacoes e os rios, e os prados e as fragas, e os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, ja se viu regado de sangue: ja sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitacoes incendiadas, sibilar de setas, e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahi viveram homens; porque e com estas balisas que elles costumam deixar assinalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alcapoes ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos. Castello real da meia idade, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que ja la vao ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leao desmoronou-se e cahiu. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte ja nenhuns vestigios d'elle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio fundado pelo celebre Egas Moniz era o unico eccho do passado que ahi restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Braganca D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. Joao I na conquista daquela cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual sera o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sope do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas d'elle alevantou-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das oracoes.

Este antigo castello tinha recordacoes de gloria. Os nossos maiores, porem, curavam mais de practicar facanhas, do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de coracoes portuguezes.

Reinava entre nos D. Fernando. Este principe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fora obrigado a fazer paz com os castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros

do estado. A condicao principal, com que se poz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castella: mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princesa castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vinganca da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veiu sobre Lisboa e cercou-a. Nao sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pe e de cavallo, emquanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veiu o Adiantado ate as immediacoes de Barcellos sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porem, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cea, e tio d'elrei D. Fernando, com a gente que pode ajunctar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim foram desbaratados os portuguezes, cahindo alguns nas maos dos castelhanos.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mor do castello de Faria, Nuno Goncalves. Saira este com alguns soldados para socorrer o conde de Cea, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'elrei seu senhor das maos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado desse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensao escaceavam. Estas consideracoes suggeriram um ardil a Nuno Goncalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pe dos muros do castello; porque elle com suas exhortacoes faria com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troco de besteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Goncalves. O Adiantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por Joao Rodriguez de Viedma, se estendia rodeando o castello pelo outro lado. O exercito victorioso ia tomar posse do castello de Faria, que lhe promettera dar nas maos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoacao de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoacavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram-se acolher no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacan.

Nas torres os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os

almocadens corriam com a rolda[1] pelas quadrellas do muro, e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas. O terreiro aonde se haviam acolhido os habitantes da povoacao, estava cuberlo de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres, e das creancas, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troco dos homens d'armas, que levavam preso Nuno Goncalves, vinha ja a pouca distancia da barbacan, os besteiros que coroavam as ameias encurvaram as bestas, os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios os seus quadrellos e virotoes, em quanto o clamor e o choro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan: todas as bestas se inclinaram para o chao, e o ranger das machinas converteu-se n'um silencio profundo.

"Moco alcaide, moco alcaide!--bradou o arauto--teu pae captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar contigo de fora de teu castello."

Goncalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou entao o terreiro, e chegando a barbacan, disse ao arauto:--"A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero."

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Goncalves, e depois de breve demora o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao pe della, o velho guerreiro saiu d'entre os seus guardadores e falou com o filho:

"Sabes tu, Goncalo Nunes, de quem e esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei a tua guarda quando vim em soccorro e ajuda do esforcado conde de Cea?"

"E--respondeu Goncalo Nunes--de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem."

"Sabes tu, Goncalo Nunes, que o dever de um leal alcaide e de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle?"

"Sei, oh meu pae!--proseguiu Goncalo Nunes em voz mais baixa, para nao ser ouvido dos castelhanos, que comecavam a murmurar.--Mas nao ves que a tua morte e certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?"

Nuno Goncalves, como se nao tivera ouvido as reflexoes do filho, clamou entao:--"Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropecarem no teu cadaver."

"Morra!--gritou o almocadem castelhano--morra o que nos atraicou."--E Nuno Goncalves cahiu no chao atravessado de muitas espadas e lancas.

"Defende-te, alcaide!"--foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Goncalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vinganca. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros: grande porcao dos assassinos de Nuno Goncalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tishados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuca um colmeiro incendiado para dentro da cerca: o vento suao soprava nesse dia com violencia; e dentro em pouco os habitantes da povoacao, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Goncalo Nunes lembrava-se da maldiccao de seu pae: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Goncalves:--"Defende-te, alcaide!"

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moco alcaide defendia-se como um leao, e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cerco.

Goncalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento, e pelas facanhas que obrara na defensao da fortaleza, cuja guarda lhe fora encommendada por seu pae no ultimo trance da vida. Mas a lembranca do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moco alcaide; e, pedindo a elrei o desonerasse do cargo, que tao bem desempenhara, foi depor ao pe dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, nao ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relacoes dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

[1] Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarragados de rondarem os postos e atalaias.

## O CEGO.

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempcao 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cubertos aqui de relva, acola de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosissimos dias de inverno, mais gratos que os do estio, porque sao de esperanca, e a esperanca vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus so concedeu aos paizes do occidente, em que os raios do sol, que comeca a subir na ecliptica, estirando-se vividos e tremulos por cima da terra, ennegrecida pela humidade, errando por entre os troncos pardos dos arvoredos, despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de creancas no primeiro vico da vida a folgar e a rolar-se por cima da campa, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

Esses gelos do norte, esses brilhantes  
Caramellos dos topes das montanhas,

sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,  
Parvos!--se lhes derretem: a brancura  
Perdem co'a nitidez, e se convertem  
De lucidos cristaes em agua chilre;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso veu da estacao das tempestades.

No adro do mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem elrei D. Joao I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do organ, e os ecchos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas nao era por ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquela maravilhosa fabrica: era por assistir ao auto da adoracao dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto ao arco da capella do fundador entao apenas comecada. A concorrancia era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mos e dos mais logares vizinhos, desejosos de ver tao curioso espectaculo, tinham deixado desertas

as povoações para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazível cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidões, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes immensas, que, transpando as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a planicie, em que avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estacão invernosá.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira, e abertas para todos os lados, a maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se, n'uns pedras so desbastadas, n'outros algumas onde se começavam a dividir labores, n'outros, emfim, pedacos de cantaria, em que os mais habéis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus delicados cinzeis. Mas o que punha espanto era a innumeravel porção de pedras, lavradas, pulidas, e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo grandissimo terreiro, que ao redor do edificio se alargava para todos os lados: maineis rendados, pecas dos fustes, capiteis gothicos, lacarias de bandeiras, cordoes de arcadas, ahí estavam tombados sobre grossas zorras, ou ainda no chão endurecido pelo continuo perpassar de trabalhadores, officiaes, e mais obreiros desta maravilhosa machina. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgara ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mão dos homens ou dos seculos, de que so restara em pé um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senão algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do organ, soltando a espaços suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do ceu.

Não estava, porem, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troco de fuste, com os pés ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embebido em profundas meditacoes: pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibao escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas

feicoes revelavam que dentro daquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as macans do rosto elevadas, a fronte espacosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivera vida de continuo pensar, e correndo com a mao os labores de pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencia muda os primores ou as imperfeicoes do artifice, que copiara a ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra, a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Emquanto o velho scismava sosinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, a portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dous frades estavam em pe no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pes, e estendendo os pescocos, parecia quererem descobrir no horisonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaco, encolhiam os pescocos, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de nao acabar.

"Oh homem!--dizia um dos dous frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias, e na cor negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade.--Ja disse a vossa reverencia, que elrei me escreveu de seu proprio punho que viria assistir ao auto da adoracao dos reis, e de caminho veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada."

"E nego eu isso?--replicou o outro frade.--O que digo e que me parece impossivel, que elrei venha de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta. Ha muito que la vae o meio-dia; daqui a pouco tocara a vespuras e as duas por tres e noite. Nao vedes, padre mestre, a que horas vira a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi esta, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras com mulheres, com raparigas..."

"Ta, ta--interrompeu o prior.--Temos luar agora, e vao de consum. O caso nao e esse, padre procurador, o caso e se esta tudo aviado para agasalharmos elrei e os de sua companhia."

"Oh la, quanto a isso, nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lancas do Condestavel: o peor e que, segundo me parece, e dizei o que quizerdes, opus et oleum perdidi.[1]"

"Nao falta quem tarda: elrei nao quebrara a palavra ao seu antigo confessor. O que quero e que todos os novicos e coristas, que tem de fazer suas representacoes no auto, estejam a ponto e vestidos,

para elle comecar logo que sua senhoria chegue."

"Nada receeis; que tudo esta preparado: do que duvido e de que comecemos, se por elrei houvermos de esperar."

O frade mais velho fez a estas palavras um signal de impaciencia, e sem dar resposta ao seu pyrrhonic interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobrececu para resguardar os olhos dos raios do sol, que, ja muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dous reverendos estavam altercando.

Porem, meio descorocado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e neste abaixar de olhos viu o cego, que estava ainda assentado sobre o fuste da columna.

Para escapar talvez as reflexoes do seu companheiro, o reverendo bradou ao velho:

"Oh la, mestre Affonso Domingues, bem aproveitaes o soalheiro! Nao vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida, que em seus alforges trazem por ahi os physicos."

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal, e encaminhou-se para o cego.

"Quem e que me fala?--perguntou este, alcando a cabeca.

"Fr. Lourenco Lamprea, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tao esquecida anda ja minha voz em vossas orelhas, que me nao conheceis pela toada?"

"Perdoae-me, mui devoto padre prior:--atalhou o velho, tenteando com os pes o chao para erguer-se, no momento em que Fr. Lourenco Lamprea chegava juncto d'elle seguido do seu confrade Fr. Joanne, procurador do mosteiro:--perdoae-me! Foi-se o ver, vae-se o ouvir. Em distancia, ja nao acerto a distinguir as falas."

"Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso:--disse Fr. Lourenco, segurando o cego pelo braco:--O indigno prior do mosteiro da Victoria nao consentira que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que tracou este edificio doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. Joao a nossa ordem, se alevante para estar em pe diante de pobre frade..."

"Mas esse religioso--interrompeu o cego--e o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellent doutor Joao das Regras, e do grande Nunalvares, e privado e confessor d'elrei: Affonso Domingues e apenas uma sombra de homem, um troco de capitel partido e abandonado no po das encruzilhadas, um velho tonto de

quem ja ninguem faz caso. Se vossa caridade e humildosa condicao vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, nao achareis n'isso muitos de vossa igualha."

"De merencorio humor estaes hoje!--disse o prior sorrindo.--Nao so eu vos amo e venero: elrei me fala sempre de vos em suas cartas. Nao sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tenca que vos concedeu em paga da obra que tracastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, nao prova que nao foi ingrato?"

"Cavalleiro!?"--bradou o velho--"Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escriptura."--Aqui mestre Affonso, puxando com a mao tremula as atacas do gibao, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito.--"Em Aljubarrota foi escripto o documento a ponta de lanca por mao castelhana: a essa mao devo meu foro, que nao ao Mestre d'Aviz. Ja la vao quinze annos! Entao ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braco a acha d'armas era brinco. Elrei nao foi ingrato, dizeis vos, veneravel prior, porque me concedeu uma tenca!--Que a guarde em seu thesouro; porque ainda as portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pao por cegos e por aleijados."

Proferindo estas palavras, o velho nao pode continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos olhos embaciados cahiam-lhe pelas faces encovadas duas lagrymas como punhos. A Fr. Lourenco tambem se arrasaram os olhos d'agua, Frei Joanne, esse olhou fito para o cego durante algum tempo com o olhar vago de quem nao o comprehendia. Depois a idea da tardanca d'elrei e da tardanca do auto, que entrando pelas horas de ceiar e dormir iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio desperta-lo como espinho pungente. Comecou a bufar e a bater o pe, semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto o architecto havia-se posto em pe: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim segurando com forza a manga do habito de Fr. Lourenco, disse-lhe:

"Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante."

"Li ja, e mais de uma vez!--respondeu o prior!--E obra prima daquellas a que os gregos chamavam epos, id est, enarratio, et actio segundo Aristoteles; e se nao houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa..."

"Pois sabe, reverendo padre,--proseguiu o architecto, atalhando o impeto erudito do prior,--que este mosteiro, que se ergue diante de nos, era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de cancao immensa; mas cancao que cumpria se escrevesse em marmore, porque so o marmore era digno della: os milhares de lavoires que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei

arrancaram-me das maos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, nao o estavam os do espirito. O estranho a quem deram meu cargo nao me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento nao a bafejara. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? Que direito tinha para me espremer o coracao debaixo dos seus capatos de ferro? Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro! ... Nao! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro e vil; so nobre e puro o genio do homem. Enganaram-no: vassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginacao, dando-me uma tenca!... Com uma tenca paga-se a gloria e a immortalidade? Agradeço-vos, senhor rei, a merce!... sois em verdade generoso ... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumira este no brilho de sua fama mentida..."

O cego tremia de todos os membros: a vehemencia com que falara lhe exaurira as forcas: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dous frades estavam em pe diante d'elle.

"Estaes mui perturbado pela paixao, mestre Affonso--disse Fr. Lourenco depois de uma larga pausa--por isso menoscabaes mestre Ouguet, que era talvez o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vos, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propor-lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria sera eterna, e nunca offuscada."

"Obrigado--atalhou o velho--aos conselheiros d'elrei pelos bons desejos que em meu prol tem. Sao politicos, almas de lodo, que nao comprehendem senao proveitos materiaes. Dao-me o repouso do corpo, e assassinaem-me o da alma! Acerca de mestre Ouguet, nao serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas tracas, e deixem-me a mim dar vulto as minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria cumpre ser portuguez; cumpre ter vivido com a revolucao, que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos pacos da adultera[2]; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. Nao e este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encomendado seu desenho e edificacao, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: nao seremos servos do estrangeiro, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmaos obreiros[3], trabalhou nas ses de Inglaterra, de Franca, e de Alemanha: ahi subiu ao grau de mestre, mas a sua alma nao e aquecida a luz do amor de patria; nem, que o fosse,

e para elle patria esta terra portugueza. Por engenho e maos de portuguezes devia ser concebido e executado ate seu final remate o monumento da gloria dos nossos; e eis-ahi que elle chamou do longes terras officiaes estranhos, e os naturaes la foram mandados adornar de primorosos labores a igreja de Guimaraes. Sei que nao seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate; mas nos deixariamos successores, que conservassem puras as tradicoes da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo vira em que, nesta obra dos seculos, nao haja maos vigorosas que prosigam os labores que maos cansadas nao poderam levar a cabo. Entao o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficara truncado. Mas Affonso Domingues tem uma pensao d'elrei!.."

Em uma das casas que ficavam mais proximas, e de que fizemos mencao no principio deste capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella no momento em que o cego terminava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

"Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Esta prompta a cea, e comeca a cahir a orvalhada, que a tarde vae nevoenta."

"Vamos la, vamos la, Anna Margarida; vinde guiar-me."

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pe do velho, tocou-lhe com o braco, em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

"Boas tardes, padre prior:--disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lambar de dedos, e de dous puxoes nas barbas da estriga quasi fiada.

"Va na graca do Senhor, filha:--respondeu Fr. Lourenco, e accrescentou dirigindo-se ao cego:

"Meu irmao, Deus acceita so ao homem, em desconto da grande divida, a dor calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade."

"Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens e que nunca me resignarei."

E Anna Margarida, que tinha a cea ainda ao lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

"Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vae-se-te apos a vista o siso. Aborrida cousa e a velhice. Nao vos parece, Fr. Joanne?"

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atraz delle; mas Fr. Joanne tinha desaparecido d'alli manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Fr. Lourenco viu-o em pe sobre uma pedra a alguma distancia.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

"Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis elrei que chega."

E, com effeito, Fr. Lourenco, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que com grande acodamento descia para o vallc do mosteiro.

[1] Perdi o azeite e o trabalho: expressao proverbial.

[2] D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando.

[3] Architectos sarracenos se espalharam pela Grecia, Sicilia, e outros paizes, durante certo tempo: um avultado numero de artifices christaos, principalmente gregos, se ajunctaram com elles, e formaram todos uma corporacao, que tinha suas leis e estatutos secretos, e cujos membros se reconheciam por signaes. Esta foi a origem da Maconaria. Conversation's Lexicon.

MESTRE OUGUET.

Uma das innumeraveis questoes, que, em nosso entender, eternamente ficarao por decidir, e a que versa sobre qual dos dous dictados--voz do povo e voz de Deus--ou--voz do povo e voz do diabo--seja o que exprima a verdade. E indubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo, que tal navio saido do porto, tao rico de mercadorias como de esperancas, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular renlisa-se com exaccão espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem da estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mysterio e esse, que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mysterio. Nao ha, nem havera, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno e uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar solucao a tudo o que se nao entende, e acaso a unica via de resolver a duvida. Se o e, ahi damos mais um osso a roer aos physicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos mencao no fim do antecedente capitulo, vinha descendo a encosta sobranceira a planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente ja pela demora do auto, comecou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo delle nao era facil sabe-lo: nenhuma novidade occorrera; ninguem tinha entrado ou saido. De repente toda aquella multidao se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a borbulhar pelo portal fora, como por bico de funil o liquido deitado de alto. Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam ve-lo descalvagar, porque D. Joao I, plebeu por

heranca materna, nobre por ser filho do D. Pedro I, rei eleito por uma revolucao, e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, o mais amado, e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre a cota uma jornea de veludo carmesim, monteira preta, e nebrí em punho, em maneira de cacada. Chegando a porta do mosteiro, onde o esperava ja Fr. Lourenco com parte da communitade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho e a mao no barrete, agradeceu sua cortezia e amor aos populares, que gritavam apinhados a roda delle: --"viva D. Joao I de Portugal: morram os castelhanos!"--grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas suberbas arcadas desapareceu brevemente elrei da vista da multidao, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que nao podia tardar.

"Mui receioso estava que vossa real senhoria nos nao honrasse nosso auto; porque o sol nao tarda a sumir-se no poente:--dizia Fr. Lourenco a elrei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

"Bofe, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pes mais uma mentira com os outros peccados, que me nao fallecem, se amanha me quizesse confessar ao meu antigo confessor:--tornou-lhe elrei sorrindo-se.

"E certo estou de que entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este nao fora o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa merce:--retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortezans no paco, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

"Mas para onde me guiaes, reverendissimo prior:--disse elrei, parando antes de subir uma escada, para a qual Fr. Lourenco o encaminhava.

"Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeicao, e repouseis um pouco do trabalho do caminho."

"Nao foi grande o feito, para tomar repouso:--acudiu elrei:--que de Santarem aqui e uma corrida de cavallo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnez e bracaes, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, ja que elrei de Castella quer jogar mais lancadas, e nao vieram a conclusao de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostra-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de por seu fecho e remate. Onde esta elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia."

"Beijo-vos as maos pela merce:--disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'elrei, e certo de que elle desejaria ver aquella

grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva:--"Se quereis ver a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta."--Dizendo isto, sem cerimonia tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade, e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensao, em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhe fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moco que comecara a produzir grande impressao no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre; e para evitar essa condemnavel fraqueza resolvera traze-lo sempre sopeado. Nao lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o peso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangirao permanente. Mortificava-o assim, para que nao lhe acudissem suberbas e velleidades de senhorio e dominacao. De resto David Ouguet era bom homem, excellente homem: nao fazia aos seus semelhantes senao o mal absolutamente indispensavel ao proprio interesse: nunca matara ninguem, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceeiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, nao o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadaver de seu pae para tocar a meta de qualquer designio ambicioso: com tres liccoes de phrases oucas dava panno para se engharem delle dous grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lancastre, procurou obter e alcançou a proteccao da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta e em breve resumo a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaca enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Affonso Henriques sobre a apparicao de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia, que por pirraca as nossas glorias provavelmente os castelhanos nos levaram.

O lanco da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ia elrei, estava ainda por acabar. Apenas D. Joao I entrou naquelle magnifico recinto, olhou para la, e voltando-se para mestre Ouguet, disse:

"Parece-me que nao vao tao aprimorados os lavoires daquellas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?"

"Seguiu-se a risca nesta parte--tornou o architecto--o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peca: mas se vossa merce m'o permite, antes de entrardes no capitulo tenho alguma cousa que vos dizer acerca do que ides presenciar."

"Falaes desassombradamente:--respondeu elrei--que eu vos escuto."

"Tomei a ousadia--proseguiu mestre Ouguet--de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo: o que achei na planta geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era ate impossivel que se fizesse uma abobada tao achatada, como na primitiva traca se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo."

"E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudanca no que elle havia tracado?--interrompeu elrei.

"Por escusado o tive:--replicou David Ouguet.--Cego, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificacao, teimaria que o seu desenho se pode executar, visto que hoje ninguem o obriga a prova-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister."

"Dizendo isto o architecto, metterá ambas as maos no cincto, estendera a perna direita excessivamente empertigada, e com a fronte erecta volveu os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

"Mestre Ouguet--acudiu elrei com aspecto severo--lembrae-vos de que Affonso Domingues e o maior architecto portuguez. Nao entendo de vossas distinccoes de sciencia e de engenho: sei so que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais affamados edificios do mundo: e esse mestre Affonso, de quem vos falaes com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo esta hoje."

"Vossa merce me perdoe:--tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara.--Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguem o venera mais do que eu; mas queria dar a razao do que fiz, seguindo as regras do mui excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Winchestria tamanho ruido tem feito no mundo."

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal, que dava para a casa do capitulo: Fr. Lourenco Lamprea, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquelle logar, collocou-se juncto do umbral fronteiro, repetindo, com aspecto sobranceiro-risonho, as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas atraves da grande janella que a allumia entrava uma luz frouxa, porque

o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto profundo mal se divisava sem se afirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara a porta, mas Fr. Lourenco tinha entrado.

"Reverendo prior--disse elrei voltando-se para Fr. Lourenco--vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoracao, e amanha voltaremos aqui a horas de sol."

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando ja os ultimos cavalleiros do sequito real iam saindo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as maos mettidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou ate o meio daquella desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido; e mestre Ouguet dizia consigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

"Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senao um paiz safaro e inculto? Sois vos, homens brigosos, capazes dos primores das artes, ou sequer de entende-los?.. La vao, la vao os frades celebrar um auto! Nao serei eu que assista a elle; eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios fora melhor que mandasseis vir alguns irmaos da sociedade dos escriptores de parochia de Londres[1], que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos."

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo soliloquio, em louvor da nacao que lhe dava de comer, e o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciencia, da nacao que lhe dava de beber, quando erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada, que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizivel horror, e como doudo correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as maos, e gritando a espacos:

"Oh, malaventurado de mim!"

[1] Pelas Chronicas de Stow se ve que no principio do seculo 15. deg. os mysterios eram representados em Londres pelos escriptores de parochia, incorporados em sociedade por Henrique 3. deg., em 1409.

O AUTO.

Juncto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiaes e lavores: era este o logar onde elrei devia

assistir ao auto da adoracao dos reis. No mesmo estrado havia varios assentos rasos para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pe do arco da capella do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto presepio[1], mui erguido do chao, e representando serranias agrestes, ao sope das quaes estava armada uma especie de choca, onde sobre a tradicional manjadoura se via reclinado o menino Jesus, e de joelhos juncto delle a Virgem e S. Jose, acompanhados de varios anjos, em acto de adoracao. Diante da cabana corria, no mesmo nivel, um largo e grosseiro cadafalso de muitas taboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei saiu da porta do cruzeiro que da para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Fr. Lourenco, que com todos os modos de homem cortezao ofereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, que, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos mencao.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a Fe, a Esperanca, e a Caridade: apos ellas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Suberba; todas com suas insignias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidao dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forcado na mao, mui vistoso e bem posto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria comecou seu arrazoado contra a Fe, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a Fe acudia com dizer que ab initio estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fe nao era culpada de ter chegado tao asinha esse dia. Entao o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperanca comecasse de entrar nos coracoes dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperanca lhe fazia; e com isto careteava com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Ainda que o Diabo fizesse de truaio da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperanca, dava descargo de si com menos compostura do que a tao honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda las cousas, e que este vendo e considerando os grandes desvairios que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do ceu; e por aqui seguia com razoes mui devotas e discretas, que moveriam a devotissimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os nao movesse o Diabo com seus tregeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica, de que fielmente vamos transcrevendo

esta veridica historica. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razoes da Esperanca, travou della mui rijo, e com voz torvada e rosto acceso, comecou de bradar, que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustenta-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razao, que a gente vil houvesse igual quinhao no ceu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia, e fora da geral opiniao e direito, indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Suberba que era. Nao soffreu, porem, o animo da Caridade tao descomposto razoar da sua figadal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mao naquelle ponto, e notar que os filhos de Adao eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventara as vans distinccoes entre os homens, e que a vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente a sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por nao ter contra tao grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentenca, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo e a Suberba, e annunciar as tres virtudes que as ia elevar ao ceu, onde reinariam em gloria perduravel. Entao o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pelas maos as duas companheiras, e fugiu pela igreja fora com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admitem, quando, nas vistas de marinha, o actor, que vem embarcado, desce dois ou tres degraus das ondas de papelao para a terra de soalho) em vez de subir ao ceu, como annunciara, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave se recolheu a sacristia, acompanhado da Fe, Esperanca e Caridade, tao victoriadas pelos espectadores, como apupado fora o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem nao eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, sairam os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina tela, mantos reaes, e coroas na cabeca. Adiante vinha Balthasar, homem ja velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorizado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo apos elle vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recém-nascido vinham de longes terras offerter. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiara ate Jerusalem, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem, e com grande folganca encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que em verdade era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David,  
Divinal  
Salvador da triste raca

Humanal,  
Que descestes la do assento  
Celestial;  
Vos da gloria imperador  
Eternal,  
Acceitae este offertorio  
Nao real,  
Pobre si. E quanto posso:  
Nao hei al.  
O que fora compridoiro  
De auto tal  
Bem o sei. Andei mas vias,  
Por meu mal;  
Que dez dias prantei tendas  
De arrayal  
Nas soidoes fundas d'Arabia,  
Mui fatal.  
Meus camellos ha tisonado  
Sol mortal;  
E um, de vento do deserto,  
Vendaval.  
O presente, que ahi vedes,  
Pouco vai;  
E somente algum incenso  
Oriental;  
Que o thesouro que eu trazia,  
Mui cabal,  
Soterrou-mo a tempestade  
No areal.

E com isto o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oracao em voz baixa, ergueu-se; e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas maos ante o presepe, disse:

Vindo sou la do Cataio  
A adorar-vos alto infante,  
Redemptor:  
Nao me poz na alma desmaio  
Ser de lerra tao distante  
Rei, senhor!  
E bem torva a minha lace:  
Minhas maos tingidas sao  
De negrura;  
Mas na terra onde o sol nace  
Mais se cobre o coracao  
De tristura;  
Porque o torpe Mafamede  
Sua crenca mui sandia  
Mandou la;  
E nao ha quem della arrede  
Essa gente, que aperfia  
Em ser ma.  
Real tronco de Jesse

Mui fermoso, se eu podera  
Vos levara;  
E comvosco a vossa fe  
Os increus eu convertera,  
E os salvara.  
Ora quero ver se peito  
Sao Jose, que e vosso padre ....

Um sussurro, que comecara no momento em que o rei preto ajoelhou, e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, affamado jogral daquelle tempo) cresceu neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de Belchior, nao pode, continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a coroa de louros, que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle saiam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei tinha-se erguido, e junctamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas nao havia acertar com ella. Emfim, um homem rompendo por entre a multidao, sem touca na cabeça, cabellos desgrenhados, boca torcida e cuberto de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da tea, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquelle recinto, ficou immovel, com os bracos estendidos para o tecto, as palmas das maos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os bombros, como quem cheio de horror via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

"Mestre Ouguet!--exclamou elrei espantado.

"Mestre Ouguet!--gritou Fr. Lourenco, com todos os signaes de assombro.

"Mestre Ouguet!--repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

"Quem fala aqui no meu nome?--rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulchral.--Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojare sobre mim esse montao de pedras, como se eu fora um cao judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!--E depois de um breve silencio, em que pareceu tomar folego:--"Nao vos chegueis ahi!--bradou elle.--Nao vedes essas fendas profundas como o caminho do inferno? Sao escuras: mas atravez dellas la enxergo eu o luar! Vos nao, porque vossos olhos estao cegos ... porque o vosso bom nome nao se escoo por la!... Cegos? Nao vos!... mas elle!... Elle e que se ri e folga em sua orgulhosa suberba! Vede como escancara aquella boca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidao, aquelles olhos embaciados!... Maldicto velho, foge diante de mim!... Maldicto, maldicto!... Curvada ja no centro ... sentia-a escalar e ranger... Estavas tu assentado em cima della? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouco as tuas gargalhadas!... Nao ha um raio que te confunda?.. Nao!"

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as maos, e ficou

outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto que assim interrompera a solemnidade do auto. Um silencio profundo succedera ao ruido, que a apparicao daquelle homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condemnado saida das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cerebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabellos se ericaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? So uma supposicao havia, que nao era inteiramente desarrazoada; David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado; peccado que talvez tivesse escondido na ultima confissao, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel, e ate natural; que nao vivia elle a mais justificada vida. Suppor que endoudecera parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encomendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas segundo as ideas daquelle epocha hem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Fr. Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em pe atraz do estrado, e perto de Fr. Lourenco Lamprea. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, nao pode ter-se que, pe ante pe, se nao chegasse ao prior, e lh'os communicasse em voz baixa, e ao ouvido.

"Nao vou fora disso:"--respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe falara, estivera dando a cabeça em signal de approvacao.--"O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o falar nao sei de que feiticeiro; tudo me induz o crer que o demonio se chantou naquelle miseravel corpo, como vos aventaes. Se assim e, pouco juizo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoracao. Examinemos se assim e, eu vo-lo darei bem castigado."

Dizendo isto, Fr. Lourenco chegou-se a el-rei, e disse-lhe o que quer que foi. Elle escutou-o attentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas, e fez signal com a mao aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Fr. Lourenco, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Fr. Lourenco voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes, cbegou a tea, abriu-a, e

encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de aucloridade, disse:

"Ajoelhae, christaos, e orae ao Padre Eterno por este nosso irmao, tomado do espirito immundo."

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das oracoes.

So mestre Ouguet ficou sem se bulir com o rosto mettido entre as maos.

O prior lancou a estola a roda do pescoco do possesso, e queria atar os tres nos do ritual; mas o paciente deu um estremecao, e tirando as maos da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

"Frade abominavel, tambem tu es conluiado com o cego?"

"Nao ha duvida!--disse por entre os dentes o prior--mestre Ouguet esta endemoninhado."

Tirando entao da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, o poz sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou entao uma destas risadas nervosas, que horrorisam, e que tao frequentes sao quando o padecimento moral sobrepuja as forcas da natureza.

"Cao tinhoso--bradou Fr. Lourenco--espirito das trevas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e refece demonio, emfim, castelhano[2]. Em nome do creador e senhor de todas las cousas, te mando que repitas o credo, ou saias deste miseravel corpo."

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

"Nao cedez?!"--proseguiu o prior--"Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderas a teu salvo escarnecer das creaturas feitas a imagem e semelhanca de Deus."

Depois de varias ceremonias e oracoes, Fr. Lourenco chegou-se ao pobre irlandez, e comecou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

"Hel--Heloym--Helo--Sabaoth--Helyon--Esereheye--Adonay--Iehova--Ya--Thetagrammaton--Saday--Messias--Hagios--Ischiros--Otheos--Athanatos--Sother--Emanuel--Agla--....."

"Jesus!"--bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

"Diabo!"--gritou mestre Ouguet; e caiu no chao como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruído semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bocas, e tinha convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situações tao violentas, que se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espirital do homem depois destes abalos espantosos; e entao, melhor que nunca, elle sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reacção segue a acção; e quanto mais tímido o individuo se mostrou, mais viva e a consciencia da propria força, que depois disso renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. Joao I, aos cavalleiros do seu sequito, e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimonia que Fr. Lourenco practicava; o ruído inesperado que rompera o exorcismo; o grito blasphemo do architecto, no momento de cahir por terra; o logar; a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de philosophos encyclopedistas, e que por isso, não é de admirar fizessem uma impressão vivissima em homens de um seculo, não só crente, mas também supersticioso. Todavia o animo indomavel do Mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

"E, em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido--disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam;--mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veiu interromper o mui devoto padre prior no exercicio de seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que houvera no mundo capaz de por espanto em cavalleiros portuguezes?"

Dizendo isto, elrei desceu do estrado, e encaminhou-se para a sacristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e uma grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico, que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava uma luz frouxa e mortica, e a esta luz incerta e bacia encaminharam-se para a porta do capitulo. Ao chegar a ella todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou, e veiu morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

"Jesus!"

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora, entulhando-lhe quasi um terco da altura. Olhando para o interior daquela immensa quadra nao se viam senao enormes fragmentos de cantos lavrados, de lacarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a lua, que passava tranquilla nos ceus, reflectia o seu claro pallido sobre este montao de ruinas semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christao; e por cima daquela temeroso silencio passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espectaculo. Dos olhos d'elrei e de Fr. Lourenco cahiram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte e quatro boras, tinha desabado em terra!

[1] Presepio, ou presepe, significa propriamente um estabulo, ou estrebaria; mas a accepcao vulgar desta palavra e a de uma especie de embrechado, ou paizagem de vulto, representando a choca de Belem, em que nasceu o Salvador.

[2] O inquisidor Sprenger, no livro intitulado *Mallens Maleficarum*, recommenda aos exorcistas que antes de tudo descomponham e injuriem quanto puderem os possessos, advertindo que nao sao propriamente estes que recebem as affrontas, mas sim o diabo, que tem no corpo. A conveniencia de taes doestos e que para o demonio, pae da suberba, nao pode haver maior pirraca do que ser descomposto na sua cara, sem que elle se possa desaggravar. Veja-se o livro citado, edicao de Lyao de 1604--Tom. 3. pag. 83.

## UM REI CAVALLEIRO.

Em uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, a roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pes, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabello, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor ja tractou nos antecedentes capitulos. Eram estas D. Joao I, Fr. Lourenco Lamprea, e o procurador Fr. Joanne. Elrei estava a cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo a sua esquerda Fr. Joanne. Alem destes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerao: taes eram os doutores Joao das Regras e Martim d'Ocem do conselho d'elrei, cavalleiros mui graves e auctorisados, e afora elles mais alguns fidalgos, que D. Joao I particularmente estimava. Atraz da cadeira d'elrei um pagem esperava, em pe, as ordens de seu real senhor. O quadrante do terrado contiguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traca ou desenho do mosteiro, que delineara mestre Affonso Domingues, onde, alem dos prospectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, se viam todos os cortes e alcados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica. Elrei tinha a mao estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

"Parece impossivel isso; porque natural desejo e de todos os homens alcancarem repouso e pao na velhice, e nao vejo razao para mestre Affonso se doer da merce que lhe fiz."

"Pois a conversacao que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa merce chegar."

"E como vae David Ouguet?--perguntou elrei.

"Com grande melhoria:--respondeu o prior.--Dormiu bom espaco, e acordou em seu juizo. Contou-me que, entrando hontem apos nos na casa do capitulo, e affirmando a vista na abobada, conhecera que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coracao, e que com a sua affliccao correra pela crasta fora como doudo; que no ceu se lhe affigurava um relampaguear incessante e medonho; que via ... nem elle sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda."

"Nem dos exorcismos?--perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

"Nem dos exorcismos:--retrucou Fr. Lourenco no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidao da colera.--A proposito, doutor. Dizem-me que Annequim e morto[1], e que elrei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta merce singular?"

E o frade media o letrado de alto a baixo com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injuria indirecta, naquelle jogo de allusoes que era as delicias do tempo, quando elrei acenou ao pagem, dizendo-lhe:

"Alvaro Vaz d'Almada, ide depressa a morada d'Affonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe, e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrae-vos de que elle e um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforcado pae."

O pagem saiu a cumprir o mandado d'elrei.

"Dizeis vos--proseguiu este, dirigindo-se a Joao das Regras e a Martim d'Ocem--que talvez Affonso Domingues se enganasse em suppor que era possivel fazer uma abobada tao pouco erguida, como e a que elle tracou para o capitulo. Nao creio eu que tao

entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem a noite procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificacao."

"E que falta foi essa, se a vossa merce apraz dizer-m'o?--replicou Joao das Regras.

"A de nao seguir de todo ponto o desenho de mestre Affonso:--tornou elrei.

"E se a execucao de sua traca fosse impossivel?--acudiu o doutor.

"Impossivel!?"--atalhou elrei.--"E nao contava elle com leva-la a effeito, se Deus o nao tolhesse dos olhos?"

"E e disso que mais se doe mestre Affonso,"--interrompeu o prior.--"A sua grande canseira e que ninguem sabera continuar a edificacao do mosteiro, ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra, porque ninguem e capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepcao delle."

"Roncarias e ferros sao esses proprios de quem foi homem d'armas de Nunalvares:--disse o chancellor Joao das Regras.--Todos os de sua bandeira sao como elle. Porque sabem jogar boas lancadas, teem-se em conta de principes dos discretos; e o cego nao se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do condestavel."

Joao das Regras, emulo de Nunalvares, nao perdeu este ensejo de lhe por pecha; mas D. Joao I que conhecia serem esses dous homens as pedras angulares de seu throno, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chancellor, contentando-se com lancar na balanca, em que Joao das Regras mostrava o grande peso da sua penna, o montante com que elle Nunalvares tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho, e a cabeça do chancellor das maos do carrasco, de que nao o livriariam nem os graus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

"Deixae la o condestavel, que nao vem ao intento;--disse elrei:--o que me importa e ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um recontro com castelhanos, do que cuidar que o capitulo de Sancta Maria da Victoria ficara em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chao a abobada: se Affonso Domingues for capaz de a tornar a erguer, e deixa-la firme, concluirei d'ahi que vale mais o cego que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, alem de cego, copo[2] e mouco."

Neste momento entrava o velho architecto, agarrado ao braco de Alvaro Vaz d'Almada, que o veiu guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, a roda da qual se travara o dialogo, que acima

transcrevemos.

"Dom donzel, onde e que esta elrei?"--dizia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. Joao I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

"Agora nenhum rei esta aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, o vosso antigo capitao, nobre cavalleiro de Aljubarrota."

"Beijo-vos as maos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandaes; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel."

"Queria ver-vos e falar-vos; que de coracao vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Sancta Maria."

"Architecto do mosteiro de Sancta Maria, ja o nao sou; vossa merce me tirou esse encargo: sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me daes so me cabe hoje o de honrado; que esse, merce de Deus, e meu, e fora infamia rouba-lo a quem ja nao pode pegar em um montante para defende-lo."

"Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: n'isso cria eu fazer-vos assignalada merce. Mas venhamos ao ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem a noite?"

"Sabia-o, senhor, antes do caso succeder."

"Como e isso possivel?!"

"Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho della pozera eu todo o cabedal de meu fraco ingenho, e este aposento era a obra prima de minha imaginacao: por elles soube que a traca primitiva fora alterada, e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes entao o que havia de acontecer. E--acrescentou o velho com um sorriso amargo--muito fez ja o meu successor em por tal arte lhe por o remate, que nao desabasse antes das vinte e quatro horas."

"E tinheis vos por certo que se vossa traca se houvera seguido, essa desmesurada abobada nao viria a terra?"

"Se estes olhos nao tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada nao teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos seculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar."

"Pois se ousaes levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o facaes, e desde ja vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecera."

"Senhor rei--disse o cego, erguendo a fronte, que ate alli tivera curvada:--vos tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal e vosso, e tudo quanto elle contem, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandaes. Nao!... vos digo eu: nao serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora elles que a alevantem."

As faces de D. Joao I tingiram-se do rubor do despeito.

"Lembrae-vos, cavalleiro,--disse elle--de que falaes com D. Joao I."

"Cuja coroa--acudiu o cego--lhe foi posta na cabeca por lancas, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. Joao I e assaz nobre e generoso, para nao se esquecer de que nessas lancas estava escripto:--os vassallos portuguezes sao livres."

"Mas--tornou elrei--os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja casa tem acostamento[3], podem ser privados de sua moradia..."

"Se dizeis isso pela que me destes, tirae-m'a; que nao vo-la pedi eu. Nao morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achara sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer a mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem ve arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso."

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibao aos olhos bacos, e embebeu nella uma lagryma mal sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coracao comprimido de despeito, e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma, que em vez de a lacerar a consolam, e sem duvida a compaixao.

"Vamos, bom cavalleiro,--disse elrei pondo-se em pe--nao haja entre nos doestos. O architecto do mosteiro do Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nos ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ella vos dira tambem que a vossa fama sera perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que tracastes o desenho do grande monumento da independencia e da gloria desta terra. Rei dos homens do acceso imaginar, nao desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! Tambem vos fostes um delles; e negar-vos-heis a proseguir na edificacao desta memoria, desta tradicao de marmore, que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de

tantos valentes, que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amizade: vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido desse queixume de mortos; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadaveres de cavalleiros! Eia, pois: se nao perdoaes a D. Joao I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capiiao, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez a patria vosso maravilhoso ingenho, e que vos abraça como antigo irmao nos combates, porque certo cre que nao quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguez."

Elrei parecia grandemente commovido, e talvez involuntariamente, lancou um braco ao redor do pescoco do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma so palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pe quando elrei se erguera, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

"Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abobada da casa capitular nao ficara por terra. Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitacoes, a mais formosa das tuas imagens sera realisada, sera duradoura como a pedra em que vou estampa-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, sao as que vos sairam da boca: so D. Joao I comprehende Affonso Domingues; porque so elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos--patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que nao a vos, posto que de vos, que ereis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moida pelo cinzel de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna arrendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estara firme, como e firme a minha crenca na immortalidade e na gloria."

Elrei apertou entao entre os bracos o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pes. Era a attraccao de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. Joao I fez um signal ao pagem, que se aproximou:

"Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada. E vos, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terao voltado de Guimaraes para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior,--continuou elrei, voltando-se para Fr. Lourenco--entendei que d'ora avante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, em quanto assim lhe aprouver."

O prior fez uma profunda reverencia.

A alegria tinha tolhido a voz do architecto: diante de toda a corte elrei o havia desaffrontado, e ja, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braco do pagem, saiu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida; e quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chancellor, e disse-lhe em tom submisso:

"Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente a rainha o que succedeu, e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a regua magistral a mestre Ouguet..."

"Foi--tornou o politico discipulo de Bartholo--mais uma facanha de D. Joao I: comecou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do Mestre de Aviz um rei; mas sae-me sempre cavalleiro andante. Nao lhe succedera isto se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tendo-lhe dicto mil vezes que e preciso lisongear os inglezes, porque carecemos delles: a tudo me responde com dizer que com Deus e o proprio montante tem em nada Castella: todavia a gente ingleza ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificacao; e que importava que ella fosse mais ou menos primorosa a troco de contentarmos os que conosco estao liados? Quanto a vos, reverendo prior, ficae descancado: tudo fia a rainha de vossa prudencia, que e muita, posto que nao vistes Bolonha. Vamos, reverendissimo."

A corte ja tinha saido; e os dous velhos seguiram-na ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

[1] Annequim era o bobo do paco em tempo de D. Fernando, a quem sobreviveu.

[2] Coixo.--Fui vista ao cego, e pee ao copo. Trad. do livro de Job. Fragmento do seculo 14.

[3] Acostamento, e o mesmo que moradia.

## O VOTO FATAL.

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do vico de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso por charnecas, comoros, e sapaes, e pelo chao das matas e florestas, que agitavam as fronte somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um baloucar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam

suavemente. Eram sete de Maio da era de Cesar de 1439, ou, como os letrados diziam, do anno da redempcao, 1401. Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, n'uma das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a scena, que no antecedente capitulo narramos, e que extrahimos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade, com que o grande chronista F. Bernardo de Brito citava so documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exaccao, com que o philosopho de Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religiao christan.

Assistiu o leitor a promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. Joao I de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estara de como elrei lhe promettera, tambem, mandar vir de Guimaraes todos os officiaes portuguezes, que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante de Sancta Maria da Oliveira, hoje desaportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz nao voltara atraz, nao por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos, em que tao nobres affectos e instinctos havia nos coracoes de nossos avos, que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaca para Guimaraes, onde nesse anno se ajunctavam cortes, apenas ahi chegara tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido tambem a cumprir o promettido, metterá maos a obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificacao que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples, e muito antes do dia aprazado o fecho ou remate da abobada repousava no seu logar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. Joao I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lancas, besteiros, e peoes para ir ajunctar-se com o Condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommecado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhara elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros, e caminhando pela margem direita do Tejo, acampara juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas para passar o exercito, e seguir avante ate o Crato, que era o logar aprazado com o Condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se deviam lancar sobre o Tejo; os besteiros limpavam suas bestas, e folgavam em luctas e jogos; os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam, ou matavam o tempo em banquetes e beberronias. Tinham chegado aquelle sitio a cinco

de Maio, e no seguinte dia elrei partira afforradamente para a Batalha, porque nao se esquecera de que os quatro mezes, que pedira Affonso Domingues para alevantar a abobada, eram passados, e fora avisado por Fr. Lourenco de que a obra estava acabada, mas que o architecto nao quizera tirar os simples senao na presenca d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. Joao mandara sair dos carceres, em que jaziam, bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de besteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo d'isto. Todavia elle era obvio: elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desabara da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fora edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mae, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia, e que lagrymas de orphaos pobres eram tao amargas, ou porventura mais que as de infantes e senhores, nao quiz que se arriscassem senao vidas condemnadas, ou pela guerra, ou pelos tribunaes, e que naquella se tinham remido pela covardia, e nestes pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe nao occorrera esta idea, fora porque tambem na memoria de obreiros portuguezes nao havia lembranca de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido so por dous pagens, D. Joao I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se a portaria do mosteiro.

Os officiaes, que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dous pagens, mas nao o conheceram: D. Joao I vinha cuberto de todas as pecas, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

"Benedicite!--dizia elrei, batendo devagarinho a porta da cella de Fr. Lourenco.

"Pax vobis, domine!--respondeu o prior que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

"Nao vos incommodeis, reverendissimo--disse D. Joao, entrando na cella, e sentando-se em um tamborete.--Deixae-me resfolegar um pouco, e dae-me uma vez de vinho."

"Nao vos esperava tao de salto;--tornou Fr. Lourenco: e abrindo um armario, tirou delle uma borracha e um cangirao de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz[1] cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collacao.

"Excellent almoco!--dizia elrei, descalcando o guante ferrado,

e cravando a espaços os dedos dentro da escudela, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no cangirao. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, poz-se em pé, em quanto Fr. Lourenço guardava os despojos daquela batalha:

"Bofe--disse D. João, rindo--que não ando a meu talante, senão com o arnez as costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno a mocidade, e que sou o Mestre d'Aviz, ou antes o simples cavalleiro, que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas[2] inteiras, e tendo sobre a consciencia só os peccados de homem, e não os escrupulos de rei."

"E então--atalhou o prior--o vosso confessor Fr. Lourenço era um pobre frade, cujos únicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro, e em ler as sagradas escripturas, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporfia em só fazer perante vos?"

"A isso vim, porém de espaço; que não será nestes cinco dias, que esteja prompta a ponte de barcas, que mandei lançar no Tejo para passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me apparelharei para a guerra, enthesourando orações e recebendo absolvição de meus erros."

"Os principes pios--acudiu o prior com ar de compunção--são sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos."

"Amen!--respondeu devotamente elrei.

"Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que mande por tudo em ordenança de se tirarem os simples: elle me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado."

Fr. Lourenço saiu, e d'ahi a pouco voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mão.

"Guarde-vos Deus, mestre Affonso Domingues!--disse elrei, vendo entrar o cego--Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizestes tirar senão em minha presença."

"Beijo-vo-las, senhor rei, pela merce: dous votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um delles..."

"E o outro?--atalhou elrei.

"O outro, dir-vo-lo-hei em breve; mas por ora permitti que para

mim o guarde."

"Sao negocios de consciencia:--acudiu o prior.--Elrei nao quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo."

D. Joao I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espiritual.

Elrei, o prior, e o architecto ainda se demoraram um pedaco falando acerca da obra, e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas o cego dissera o que quer que fora em voz baixa ao rapaz que o acompanhava, o qual saira immediatamente, e que so voltou quando os tres acabavam a conversacao.

"Fernao d'Evora--disse o cego, sentindo-o outra vez ao pe de si--fizeste o que te ordenei, e deste a teu tio Martim Vasques o meu recado?"

"Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo esta prestes."

"Entao vamos a ver se desta feita temos mais perduravel abobada."

Isto dizia elrei saindo da cella de Fr. Lourenco, e seguindo ao longo do claustro. Ja a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de ajuntar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a noticia, e se espalhara na povoacao, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que quando elrei desceu a crasta ja alli se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam ve-lo, e ainda mais saber se desta vez a abobada vinha ao chao, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podera comparar a composicao daquelles simples a fabrica do mais delicado relógio. A porta, que dava para a crasta, estava um homem em pe, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Fr. Lourenco e por outros frades.

O pequeno Fernao d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Entao o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mao, e voltando-se para elrei, disse:

"Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, sera capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes."

"E debaixo de meu especial amparo estara Martim Vasques--respondeu elrei--que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem.[3]"

Ainda bem nao eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de besteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalcos: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razao d'isso: eram besteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham cahido nas maos dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se as guerras civis de hoje: para vencidos nao havia nem caridade, nem justica, nem humanidade: ser mettido em ferros era entao uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vinganca dos maus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados a morte por suas malfeitorias.

"Misericordia!--bradou toda aquella multidaõ, ao passar por elrei: e cahiram de brucos sobre as lageas do pavimento.

"Comvosco a tenho, mesquinha gente!--disse elrei commovido--Se tirardes os simples, que vedes acola, a abobada nao desabar sobre vos, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tao leve risco, quasi que e o mesmo que perdoar-vos."

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coracao, e espalhada nas faces: o terror fazia-lhes crer que ja sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, as primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pe do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viciosa do horto.

Neste momento quatro forcosos obreiros chegaram a porta do capitulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que ja la estava, gritou ao cego architecto:

"Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faca do canto, que para aqui mandastes trazer?"

"Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos centraes dos simples."

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara: este entao voltou-se para elrei, e disse:

"Senhor rei, e chegado o momento de vos declarar meu segundo

voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem podera mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonorada e vergonhosa. Esta e a minha firme resolucao."

Dizendo isto, o cego travou com forca do braco de Fernao d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

"Esperae, esperae!--bradou elrei.--Estaes louco, dom cavalleiro? Quem, se vos morrerdes, continuara esta fabrica, tao formosa filha de vosso engenho?"

"Mestre Ouguet:--tornou o cego, parando.--Nao sou tao vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo e capaz de a fechar com uma so volta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fara. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho: e o que ora vos peço tao somente."

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: elrei, Fr. Lourenco, e os mais frades ficaram atonitos e calados.

"Que tao honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos cousa e que se nao pode soffrer: mas o voto e voto, senao..."

Estas palavras partiam da boca d'uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de compleicao sanguinea e irritavel, e que de maos mettidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presencava o caso.

"Tendes razao, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu:--acudiu elrei, voltando-se para a velha.--Mas juro a Christo, que estou espantado de so agora vos ver! Porque me nao viestes falar?"

"Perdoe-me vossa merce:--replicou a velha.--Eu vim trazer pao a feira, e ahi souhe da chegada de vossa real senhoria. Corri ... se eu correria para vos falar! Mas estes bocas abertas nao me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado de semblante. Que e isso? Temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim e, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pa nao se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda la esta para o que der e vier."

Soltando estas palavras, a velha tirou as maos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os bracos ao ar, com os meneios de quem ja brandia a tremebunda e patriotica pa de forno, que hoje e gloria e brasao da gothica villa de Aljubarrota.

"Podeis dormir descansada, tia Brites!--respondeu elrei, sorrindo-se.--Bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente de nossa terra e cortez: elrei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitacoes."

Em quanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montao de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas e travessas tinha passado pela crasta fora em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao ver ir soltos os besteiros castelhanos; e so no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saisse d'alli; mas elle nao lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se pouco a pouco retirando da crasta, onde ao por do sol comecou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Tres dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem se quer cedera as rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atvera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para ver se o movia a tomar alguma refeicao: tudo recusou o cego: a sua resolucao era inabalavel. Tambem a abobada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia a tarde elrei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu a crasta acompanhado de Fr. Lourenco e de outros frades, e chegando a porta do capitulo viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto a pedra fria de Affonso Domingues, e este pallido e com as palpebras cerradas encostado nos bracos delles.

O mancebo e a velha choravam e soluavam, sem dizerem palavra.

"Que temos de novo?--perguntou elrei, chegando a porta, e vendo aquelles dous estafermos.--Completam-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimara em estar aqui mais tempo?"

"Nao senhor!--respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas!--nao estara aqui mais tempo; porque seu corpo e heranca da terra; sua alma repousa com Deus."

"Morto!?"--bradaram a uma voz elrei e Fr. Lourenco; e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para

a abobada com um gesto de receio.

"Nada temas, senhores!--disse Martim Vasques--As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada nao cahiu ... a abobada nao cahira!"

O architecto, ja velho, nao pode resistir ao jejum absoluto a que se condemnara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer cahiu moribundo nos bracos delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro, e Fr. Lourenco resou em voz baixa uma oracao fervente pela alma generosa, que ate o ultimo arranco escrevera sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual Mestre Affonso expirara, ordenou elrei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da casa capitular, onde durante mais de quatro seculos, como as sphynxes monumentaes do Egypto, tem dado origem as mais desvairadas hypotheses e conjecturas. A pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. Joao I, tambem, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, alem disso, assignaladas merces.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a elrei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que occupara, e quando nos seroes do mosteiro alguem falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversacao, dizendo com um riso amarello:

"Olhem que foi forte perda!"

[1] A louca de Estremoz e antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco I de Franca, mandavam-se buscar os pucaros desta louca a Portugal, para beber a agua, que entao, bem como hoje, se tornava nelles excessivamente fria.

[2] Semanas.

[3] Martim Vasques foi o 3. mestre das obras da Batalha e Fernao d'Evora o 4.--Veja-se a Memoria de D. Francisco de S. Luiz no 10. volume das da Academia.

FIM DO TOMO I.

\* \* \* \* \*

INDICE.

O ALCAIDE DE SANTAREM

(590--961)

I

II

III

IV

ARRHAS POR FORO D'HESPANHA

(1371--2)

I A Arraya-miuda

II O Beguino

III Um Bulhao e uma Agulha de Alfaiate

IV Mil Dobras Pe-terra e trezentas Barbudas

V Mestre Bartholomeu Chambao

VI Uma Barregan Rainha

VII Juramento--Pagamento

O CASTELLO DE FARIA

(1373)

A ABOBADA

(1401)

I O Cego

II Mestre Ouguet

III O Auto

IV Um Rei Cavalleiro

V O Voto Fatal

End of the Project Gutenberg EBook of Lendas e Narrativas (Tomo I)  
by Alexandre Herculano

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK LENDAS E NARRATIVAS (TOMO I) \*\*\*

This file should be named 7ldnr10.txt or 7ldnr10.zip  
Corrected EDITIONS of our eBooks get a new NUMBER, 7ldnr11.txt  
VERSIONS based on separate sources get new LETTER, 7ldnr10a.txt

Produced by Joao Miguel Neves and PG Distributed Proofreaders

Project Gutenberg eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the US unless a copyright notice is included. Thus, we usually do not keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

We are now trying to release all our eBooks one year in advance of the official release dates, leaving time for better editing. Please be encouraged to tell us about any error or corrections, even years after the official publication date.

Please note neither this listing nor its contents are final til midnight of the last day of the month of any such announcement. The official release date of all Project Gutenberg eBooks is at Midnight, Central Time, of the last day of the stated month. A preliminary version may often be posted for suggestion, comment and editing by those who wish to do so.

Most people start at our Web sites at:  
<http://gutenberg.net> or  
<http://promo.net/pg>

These Web sites include award-winning information about Project Gutenberg, including how to donate, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter (free!).

Those of you who want to download any eBook before announcement can get to them as follows, and just download by date. This is also a good way to get them instantly upon announcement, as the indexes our cataloguers produce obviously take a while after an announcement goes out in the Project Gutenberg Newsletter.

<http://www.ibiblio.org/gutenberg/etext03> or  
<ftp://ftp.ibiblio.org/pub/docs/books/gutenberg/etext03>

Or /etext02, 01, 00, 99, 98, 97, 96, 95, 94, 93, 92, 91 or 90

Just search by the first five letters of the filename you want,  
as it appears in our Newsletters.

#### Information about Project Gutenberg (one page)

We produce about two million dollars for each hour we work. The time it takes us, a rather conservative estimate, is fifty hours to get any eBook selected, entered, proofread, edited, copyright searched and analyzed, the copyright letters written, etc. Our projected audience is one hundred million readers. If the value per text is nominally estimated at one dollar then we produce \$2 million dollars per hour in 2002 as we release over 100 new text files per month: 1240 more eBooks in 2001 for a total of 4000+ We are already on our way to trying for 2000 more eBooks in 2002 If they reach just 1-2% of the world's population then the total will reach over half a trillion eBooks given away by year's end.

The Goal of Project Gutenberg is to Give Away 1 Trillion eBooks!  
This is ten thousand titles each to one hundred million readers,  
which is only about 4% of the present number of computer users.

Here is the briefest record of our progress (\* means estimated):

#### eBooks Year Month

1	1971	July
10	1991	January
100	1994	January
1000	1997	August
1500	1998	October
2000	1999	December
2500	2000	December
3000	2001	November
4000	2001	October/November
6000	2002	December*
9000	2003	November*
10000	2004	January*

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation has been created  
to secure a future for Project Gutenberg into the next millennium.

We need your donations more than ever!

As of February, 2002, contributions are being solicited from people  
and organizations in: Alabama, Alaska, Arkansas, Connecticut,  
Delaware, District of Columbia, Florida, Georgia, Hawaii, Illinois,  
Indiana, Iowa, Kansas, Kentucky, Louisiana, Maine, Massachusetts,  
Michigan, Mississippi, Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, New  
Hampshire, New Jersey, New Mexico, New York, North Carolina, Ohio,  
Oklahoma, Oregon, Pennsylvania, Rhode Island, South Carolina, South

Dakota, Tennessee, Texas, Utah, Vermont, Virginia, Washington, West Virginia, Wisconsin, and Wyoming.

We have filed in all 50 states now, but these are the only ones that have responded.

As the requirements for other states are met, additions to this list will be made and fund raising will begin in the additional states. Please feel free to ask to check the status of your state.

In answer to various questions we have received on this:

We are constantly working on finishing the paperwork to legally request donations in all 50 states. If your state is not listed and you would like to know if we have added it since the list you have, just ask.

While we cannot solicit donations from people in states where we are not yet registered, we know of no prohibition against accepting donations from donors in these states who approach us with an offer to donate.

International donations are accepted, but we don't know ANYTHING about how to make them tax-deductible, or even if they CAN be made deductible, and don't have the staff to handle it even if there are ways.

Donations by check or money order may be sent to:

Project Gutenberg Literary Archive Foundation  
PMB 113  
1739 University Ave.  
Oxford, MS 38655-4109

Contact us if you want to arrange for a wire transfer or payment method other than by check or money order.

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation has been approved by the US Internal Revenue Service as a 501(c)(3) organization with EIN [Employee Identification Number] 64-622154. Donations are tax-deductible to the maximum extent permitted by law. As fund-raising requirements for other states are met, additions to this list will be made and fund-raising will begin in the additional states.

We need your donations more than ever!

You can get up to date donation information online at:

<http://www.gutenberg.net/donation.html>

\*\*\*

If you can't reach Project Gutenberg,  
you can always email directly to:

Michael S. Hart <hart@pobox.com>

Prof. Hart will answer or forward your message.

We would prefer to send you information by email.

**\*\*The Legal Small Print\*\***

(Three Pages)

**\*\*\*START\*\*THE SMALL PRINT!\*\*FOR PUBLIC DOMAIN EBOOKS\*\*START\*\*\***

Why is this "Small Print!" statement here? You know: lawyers. They tell us you might sue us if there is something wrong with your copy of this eBook, even if you got it for free from someone other than us, and even if what's wrong is not our fault. So, among other things, this "Small Print!" statement disclaims most of our liability to you. It also tells you how you may distribute copies of this eBook if you want to.

**\*BEFORE!\* YOU USE OR READ THIS EBOOK**

By using or reading any part of this PROJECT GUTENBERG-tm eBook, you indicate that you understand, agree to and accept this "Small Print!" statement. If you do not, you can receive a refund of the money (if any) you paid for this eBook by sending a request within 30 days of receiving it to the person you got it from. If you received this eBook on a physical medium (such as a disk), you must return it with your request.

**ABOUT PROJECT GUTENBERG-TM EBOOKS**

This PROJECT GUTENBERG-tm eBook, like most PROJECT GUTENBERG-tm eBooks, is a "public domain" work distributed by Professor Michael S. Hart through the Project Gutenberg Association (the "Project"). Among other things, this means that no one owns a United States copyright on or for this work, so the Project (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth below, apply if you wish to copy and distribute this eBook under the "PROJECT GUTENBERG" trademark.

Please do not use the "PROJECT GUTENBERG" trademark to market any commercial products without permission.

To create these eBooks, the Project expends considerable efforts to identify, transcribe and proofread public domain works. Despite these efforts, the Project's eBooks and any medium they may be on may contain "Defects". Among other things, Defects may take the form of incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other

intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other eBook medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

#### LIMITED WARRANTY; DISCLAIMER OF DAMAGES

But for the "Right of Replacement or Refund" described below, [1] Michael Hart and the Foundation (and any other party you may receive this eBook from as a PROJECT GUTENBERG-tm eBook) disclaims all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees, and [2] YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE OR UNDER STRICT LIABILITY, OR FOR BREACH OF WARRANTY OR CONTRACT, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES, EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGES.

If you discover a Defect in this eBook within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending an explanatory note within that time to the person you received it from. If you received it on a physical medium, you must return it with your note, and such person may choose to alternatively give you a replacement copy. If you received it electronically, such person may choose to alternatively give you a second opportunity to receive it electronically.

THIS EBOOK IS OTHERWISE PROVIDED TO YOU "AS-IS". NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, ARE MADE TO YOU AS TO THE EBOOK OR ANY MEDIUM IT MAY BE ON, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR A PARTICULAR PURPOSE.

Some states do not allow disclaimers of implied warranties or the exclusion or limitation of consequential damages, so the above disclaimers and exclusions may not apply to you, and you may have other legal rights.

#### INDEMNITY

You will indemnify and hold Michael Hart, the Foundation, and its trustees and agents, and any volunteers associated with the production and distribution of Project Gutenberg-tm texts harmless, from all liability, cost and expense, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following that you do or cause: [1] distribution of this eBook, [2] alteration, modification, or addition to the eBook, or [3] any Defect.

#### DISTRIBUTION UNDER "PROJECT GUTENBERG-tm"

You may distribute copies of this eBook electronically, or by disk, book or any other medium if you either delete this "Small Print!" and all other references to Project Gutenberg, or:

[1] Only give exact copies of it. Among other things, this

requires that you do not remove, alter or modify the eBook or this "small print!" statement. You may however, if you wish, distribute this eBook in machine readable binary, compressed, mark-up, or proprietary form, including any form resulting from conversion by word processing or hypertext software, but only so long as \*EITHER\*:

[\*] The eBook, when displayed, is clearly readable, and does \*not\* contain characters other than those intended by the author of the work, although tilde (~), asterisk (\*) and underline (\_) characters may be used to convey punctuation intended by the author, and additional characters may be used to indicate hypertext links; OR

[\*] The eBook may be readily converted by the reader at no expense into plain ASCII, EBCDIC or equivalent form by the program that displays the eBook (as is the case, for instance, with most word processors); OR

[\*] You provide, or agree to also provide on request at no additional cost, fee or expense, a copy of the eBook in its original plain ASCII form (or in EBCDIC or other equivalent proprietary form).

[2] Honor the eBook refund and replacement provisions of this "Small Print!" statement.

[3] Pay a trademark license fee to the Foundation of 20% of the gross profits you derive calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. If you don't derive profits, no royalty is due. Royalties are payable to "Project Gutenberg Literary Archive Foundation" the 60 days following each date you prepare (or were legally required to prepare) your annual (or equivalent periodic) tax return. Please contact us beforehand to let us know your plans and to work out the details.

WHAT IF YOU \*WANT\* TO SEND MONEY EVEN IF YOU DON'T HAVE TO?

Project Gutenberg is dedicated to increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form.

The Project gratefully accepts contributions of money, time, public domain materials, or royalty free copyright licenses.

Money should be paid to the:

"Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

If you are interested in contributing scanning equipment or software or other items, please contact Michael Hart at: hart@pobox.com

[Portions of this eBook's header and trailer may be reprinted only when distributed free of all fees. Copyright (C) 2001, 2002 by Michael S. Hart. Project Gutenberg is a TradeMark and may not be used in any sales of Project Gutenberg eBooks or other materials be they hardware or software or any other related product without express permission.]

\*END THE SMALL PRINT! FOR PUBLIC DOMAIN EBOOKS\*Ver.02/11/02\*END\*

BOOKS\*Ver.02/11/02\*END\*

if what's wrong is not our fault. So, among other things, this "Small Print!" statement disclaims most of our liability to you. It also tells you how you may distribute copies of this eBook if you want to.

\*BEFORE!\* YOU USE OR READ THIS EBOOK

By using or reading any part of this PROJECT GUTENBERG-tm eBook, you indicate that you understand, agree to and accept this "Small Print!" statement. If you do not, you can receive a refund of the money (if any) you paid for this eBook by sending a request within 30 days of receiving it to the person you got it from. If you received this eBook on a physical medium (such as a disk), you must return it with your request.

ABOUT PROJECT GUTENBERG-TM EBOOKS

This PROJECT GUTENBERG-tm eBook, like most PROJECT GUTENBERG-tm eBooks, is a "public domain" work distributed by Professor Michael S. Hart through the Project Gutenberg Association (the "Project"). Among other things, this means that no one owns a United States copyright on or for this work, so the Project (and you!) can copy and

distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth below, apply if you wish to copy and distribute this eBook under the "PROJECT GUTENBERG" trademark.

Please do not use the "PROJECT GUTENBERG" trademark to market any commercial products without permission.

To create these eBooks, the Project expends considerable efforts to identify, transcribe and proofread public domain works. Despite these efforts, the Project's eBooks and any medium they may be on may contain "Defects". Among other things, Defects may take the form of incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other eBook medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

#### LIMITED WARRANTY; DISCLAIMER OF DAMAGES

But for the "Right of Replacement or Refund" described below,

[1] Michael Hart and the Foundation (and any other party you may receive this eBook from as a PROJECT GUTENBERG-tm eBook) disclaims all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees, and [2] YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE OR UNDER STRICT LIABILITY, OR FOR BREACH OF WARRANTY OR CONTRACT, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE

OR INCIDENTAL DAMAGES, EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE  
POSSIBILITY OF SUCH DAMAGES.

If you discover a Defect in this eBook within 90 days of  
receiving it, you can receive a refund of the money (if any)  
you paid for it by sending an explanatory note within that  
time to the person you received it from. If you received it  
on a physical medium, you must return it with your note, and  
such person may choose to alternatively give you a replacement  
copy. If you received it electronically, such person may  
choose to alternatively give you a second opportunity to  
receive it electronically.

THIS EBOOK IS OTHERWISE PROVIDED TO YOU "AS-IS". NO OTHER  
WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, ARE MADE TO YOU AS  
TO THE EBOOK OR ANY MEDIUM IT MAY BE ON, INCLUDING BUT NOT  
LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR A  
PARTICULAR PURPOSE.

Some states do not allow disclaimers of implied warranties or  
the exclusion or limitation of consequential damages, so the  
above disclaimers and exclusions may not apply to you, and you  
may have other legal rights.

#### INDEMNITY

You will indemnify and hold Michael Hart, the Foundation,  
and its trustees and agents, and any volunteers associated

with the production and distribution of Project Gutenberg-tm texts harmless, from all liability, cost and expense, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following that you do or cause: [1] distribution of this eBook, [2] alteration, modification, or addition to the eBook, or [3] any Defect.

#### DISTRIBUTION UNDER "PROJECT GUTENBERG-tm"

You may distribute copies of this eBook electronically, or by disk, book or any other medium if you either delete this "Small Print!" and all other references to Project Gutenberg, or:

[1] Only give exact copies of it. Among other things, this requires that you do not remove, alter or modify the eBook or this "small print!" statement. You may however, if you wish, distribute this eBook in machine readable binary, compressed, mark-up, or proprietary form, including any form resulting from conversion by word processing or hypertext software, but only so long as  
**\*EITHER\*:**

[\*] The eBook, when displayed, is clearly readable, and does **\*not\*** contain characters other than those intended by the author of the work, although tilde (~), asterisk (\*) and underline ( ) characters may

be used to convey punctuation intended by the author, and additional characters may be used to indicate hypertext links; OR

[\*] The eBook may be readily converted by the reader at no expense into plain ASCII, EBCDIC or equivalent form by the program that displays the eBook (as is the case, for instance, with most word processors);  
OR

[\*] You provide, or agree to also provide on request at no additional cost, fee or expense, a copy of the eBook in its original plain ASCII form (or in EBCDIC or other equivalent proprietary form).

[2] Honor the eBook refund and replacement provisions of this "Small Print!" statement.

[3] Pay a trademark license fee to the Foundation of 20% of the gross profits you derive calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. If you don't derive profits, no royalty is due. Royalties are payable to "Project Gutenberg Literary Archive Foundation" the 60 days following each date you prepare (or were